

A VERDADEIRA
RIQUEZA

PRINCÍPIOS DA PROSPERIDADE BÍBLICA

ELLEN G. WHITE

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Tatuí, SP

2022

PDF

P7

45800 – A Verdadeira Riqueza

Designer

Editor(a)

C. Q.

R. F.

Custos

*Direitos de tradução e publicação em
língua portuguesa reservados à*

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127, km 106
Caixa Postal 34, 18270-970, Tatuí, SP
Telefone: (15) 3205-8800
WhatsApp: (15) 98100-5073
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
Ligação gratuita: 0800 9790606
Site: cpb.com.br
E-mail: livros.white@cpb.com.br

Coordenação Editorial: Vinícius Mendes
Preparação de Texto: Isabel Camargo
Editoração: Vinícius Mendes
Revisão: Jessica Manfrim

Edição de Arte: Thiago Lobo
Projeto Gráfico e Capa: Eduardo Olszewski
Imagem da Capa: Adobe Stock

IMPRESSO NO BRASIL / *Printed in Brazil*
1ª edição
2022

ATENÇÃO

Este livro é uma compilação de capítulos da série *Testemunhos Para a Igreja*, de Ellen G. White. A série contou com diversos tradutores.

A organização do material foi uma parceria entre o Departamento de Mordomia Cristã da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia e a Casa Publicadora Brasileira.

No fim de cada capítulo, a referência do trecho extraído está indicada com a abreviatura "T", de *Testemunhos Para a Igreja*, acompanhada do número correspondente ao volume citado. A paginação indicada se refere à da edição atualizada.

As referências aos livros bíblicos estão abreviadas de acordo com o padrão utilizado nas Bíblias em geral. A versão bíblica adotada neste livro é a Nova Almeida Atualizada. Citações extraídas de outras versões estão indicadas com as respectivas abreviaturas: Almeida Revista e Atualizada (ARA) e Almeida Revista e Corrigida (ARC).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

White, Ellen G., 1827-1915
A verdadeira riqueza : princípios da prosperidade
bíblica / Ellen G. White. – 1. ed. – Tatuí, SP :
Casa Publicadora Brasileira, 2022.

Vários tradutores
ISBN 978-85-345-3012-5

1. Adventistas do Sétimo Dia 2. Dinheiro -
Aspectos religiosos 3. Prosperidade - Aspectos
religiosos I. Título.

22-129724

CDD-286.732

Índices para catálogo sistemático:

1. Adventistas do Sétimo Dia : Prosperidade :
Cristianismo 286.732

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB 8/9427



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial,
por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou
sonoros, entre outros, *sem prévia autorização por escrito* da editora.

Tipologia: Sabon LT Pro 10,5/15 – 20946/45800

SUMÁRIO

- PREFÁCIO ◊ 4
- 1 AS DUAS COROAS ◊ 6
- 2 O ENGANO DAS RIQUEZAS ◊ 12
- 3 O JOVEM RICO ◊ 18
- 4 CUIDADO! ◊ 23
- 5 A ILUSÃO ◊ 26
- 6 SABEDORIA DO MESTRE ◊ 31
- 7 ROUBO A DEUS ◊ 34
- 8 NEGÓCIO E RELIGIÃO ◊ 40
- 9 SOCIEDADE COM CRISTO ◊ 45
- 10 DESONESTIDADE NA IGREJA ◊ 50
- 11 LEGADO VALIOSO ◊ 55
- 12 DÍZIMOS E OFERTAS ◊ 60
- 13 O AMOR AO MUNDO ◊ 65
- 14 O PECADO DA AVAREZA ◊ 70
- 15 PERTENCE A DEUS ◊ 76
- 16 RECURSOS PARA A MISSÃO ◊ 82
- 17 SACRIFÍCIO PESSOAL ◊ 88
- 18 OS PASTORES E OS NEGÓCIOS ◊ 92
- 19 SERVOS DE MAMOM ◊ 96
- 20 A RIQUEZA DO CÉU ◊ 101
- 21 INVESTIMENTO SEGURO ◊ 107

PREFÁCIO

O livro que você tem em mãos é uma reunião de capítulos sobre finanças, extraídos da série *Testemunhos Para a Igreja*. Trata-se de uma seleção de cartas de Ellen G. White para pessoas reais que enfrentavam desafios financeiros e dificuldades na vivência dos princípios da prosperidade bíblica. Por essa razão, esta obra tem um tom pessoal e próximo de nossa realidade presente.

Você irá conhecer, por exemplo, a história de uma mulher de negócios que começou a se afastar de Deus à medida que seu empreendimento crescia. Ela recebeu orientações e advertências divinas para que retornasse ao primeiro amor. Você se identificará com gente que honrou a Deus com o que possuía, mesmo em meio à intensidade dos afazeres diários.

Deus está interessado em nos dar orientações claras sobre como devemos lidar com o dinheiro e nos apresentar as bênçãos e os perigos da riqueza. Esse é um assunto importantíssimo na vida cristã. Ao longo da leitura, você observará que Deus não tem nenhum problema com o trabalho e os bens materiais. Na verdade, Ele quer nos ensinar a obter e usar os recursos financeiros de maneira sábia e correta. Quer nos dar a verdadeira riqueza, de acordo com os padrões e as orientações de Sua Palavra.

Nos 21 capítulos deste livro, você perceberá a realidade da soberania divina sobre tudo o que temos e somos, entenderá que a verdadeira riqueza é de natureza espiritual e será ensinado a ter uma atitude correta em relação aos bens. Seguindo as instruções inspiradas, o dinheiro não será um empecilho para a devoção familiar nem para o envolvimento pleno com a causa de Deus.

A compreensão e aplicação dos princípios da prosperidade bíblica farão você crescer em amor e serviço a Deus e ao semelhante. Isso fica

nítido na seguinte declaração: “O amor de Jesus e das riquezas não podem habitar no mesmo coração. O amor de Deus suplantarão tanto o amor pelas riquezas que seu possuidor se libertará delas e transferirá as afeições a Deus. Por meio do amor é ele então levado a atender às necessidades da causa de Deus. É seu grande prazer administrar de maneira correta os bens divinos. O amor a Deus e ao próximo predomina, e ele considera tudo o que tem não como seu. Fielmente cumpre seu dever como mordomo de Deus” (T1, p. 172).

Estude cada capítulo com oração, pedindo a Deus que o Espírito Santo lhe capacite a viver de acordo com as orientações apresentadas. Esperamos sinceramente que a leitura desta obra conecte completamente seu coração com o de Deus, fazendo de você um servo plenamente fiel.

Os editores

AS DUAS COROAS

Em uma visão que me foi concedida em Battle Creek, Michigan, em 25 de outubro de 1861, foi-me mostrada esta Terra, escura e sombria. O anjo disse: “Olhe atentamente!” Então me foi mostrado o povo sobre a Terra. Alguns estavam rodeados de anjos de Deus, outros estavam em completa escuridão, cercados de anjos maus. Vi um braço estendido do céu, segurando um cetro de ouro. Na ponta superior do cetro havia uma coroa cravejada de brilhantes. Cada brilhante emitia luz, fulgurante, clara e bela. Inscritas na coroa havia estas palavras: “Todos os que me conquistam são felizes, e terão vida eterna.”

Embaixo dessa coroa havia outro cetro, e sobre ele também outra coroa, em cujo centro havia joias, ouro e prata refletindo luz. A inscrição sobre a coroa era: “Tesouros terrestres. Riqueza é poder. Todos os que me conquistam têm honra e fama.” Vi uma vasta multidão que corria para alcançar essa coroa. Faziam grande barulho. Alguns, em sua avidez, pareciam privados da razão. Empurravam-se uns aos outros, deixando para trás os mais fracos, pisando sobre os que, na pressa, caíam.

Muitos avidamente se apoderavam dos tesouros que estavam na coroa, e os seguravam firmemente. A cabeça de alguns era branca como a prata, e seu rosto estava enrugado pelas preocupações e ansiedade. Não tinham consideração por seus próprios parentes, ossos de seus ossos e carne da sua carne. Mas, enquanto para eles eram lançados olhares suplicantes, mais firmemente seguravam seus tesouros, como se estivessem receosos de que num momento de descuido perdessem um pouco ou fossem induzidos a reparti-los com eles. Seus olhares ávidos muitas vezes se fixavam na coroa terrestre, e contavam e recontavam seus tesouros.

Vultos que estampavam pobreza e miséria apareciam naquela multidão, olhavam cobiçosos os tesouros e voltavam sem esperança, visto que os mais fortes sobrepujavam e afastavam os mais fracos. Mas não podiam desistir. Então, com uma multidão de desfigurados, doentes e idosos, procuravam avançar para a coroa terrestre. Alguns morriam ao tentar alcançá-la; outros sucumbiam logo no ato de se apoderarem dela. Muitos morriam pouco depois de haverem se apossado dela.

Cadáveres se espalhavam pelo chão. A multidão avançava, pisando os que estavam caídos e o cadáver de seus companheiros. Cada um que alcançava a coroa conseguia uma parte dela e era aclamado pelas pessoas que assistiam.

Uma grande comitiva de anjos maus estava bastante ocupada. Satanás estava no meio deles, e todos olhavam com a maior satisfação para o grupo de pessoas que lutava pela coroa. Ele parecia lançar um feitiço especial sobre os que avidamente a buscavam.

Muitos que procuravam essa coroa terrestre se diziam cristãos. Alguns pareciam ter alguma luz. Olhavam interessados para a coroa celestial e pareciam muitas vezes se encantar com sua beleza; no entanto, não tinham o verdadeiro senso de seu valor e glória. Enquanto timidamente estendiam uma das mãos à coroa celestial, a outra estendiam avidamente à terrestre, decididos a possuí-la. E, no esforço obstinado por obter a terrestre, perdiam de vista a celestial. Ficavam na escuridão e, mesmo assim, Tateavam com ansiedade na tentativa de alcançar a coroa terrestre.

Alguns se desagradaram da multidão que buscava com veemência a coroa terrestre. Pareciam ter intuição de seu perigo, dele se desviavam e com determinação buscavam a coroa celestial. O rosto desses logo mudava de sombrio para claro, de triste para contente, cheio de santa alegria.

Vi então um grupo, comprimindo-se por entre a multidão, tendo os olhos atentamente fixos na coroa celestial. Enquanto com esforço procuravam caminho por entre a multidão desordenada, os anjos os ajudavam e abriam caminho para que avançassem. Ao se aproximarem da coroa celestial, a luz que provinha dela brilhava sobre eles e

ao seu redor. Afugentava as trevas e ficava mais clara e luminosa, até que eles pareciam se transformar e se tornar semelhantes aos anjos. Não se detinham em olhar para a coroa terrestre.

Os que estavam se empenhando na conquista da coroa terrestre escarneciam daquele grupo e atiravam bolas pretas em sua direção. Elas não lhes faziam mal, contanto que seus olhos se mantivessem fixos na coroa celestial. Porém, aqueles que voltavam a atenção para as bolas escuras eram manchados por elas. Foi-me apresentado o seguinte texto:

“Não acumulem tesouros sobre a terra, onde as traças e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntem tesouros no Céu, onde as traças e a ferrugem não corroem, e onde ladrões não escavam, nem roubam. Porque, onde estiver o seu tesouro, aí estará também o seu coração. Os olhos são a lâmpada do corpo. Se os seus olhos forem bons, todo o seu corpo será cheio de luz; se, porém, os seus olhos forem maus, todo o seu corpo estará em trevas. Portanto, se a luz que existe em você são trevas, que grandes trevas serão! Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou irá odiar um e amar o outro, ou irá se dedicar a um e desprezar o outro. Vocês não podem servir a Deus e às riquezas” (Mt 6:19-24).

Então, o que eu tinha visto me foi explicado assim: a multidão que tão avidamente se esforçava por alcançar a coroa terrestre era os que amam os tesouros deste mundo e se deixam enganar e encantar por seus atrativos efêmeros. Vi que alguns, embora afirmem ser seguidores de Jesus, têm tanta ambição de obter os tesouros terrestres que perdem o amor ao Céu. Agem como o mundo, e por Deus são considerados mundanos. Dizem que estão buscando uma coroa imortal, um tesouro nos Céus, mas seu interesse e principal empenho consistem em adquirir tesouros terrestres.

Aqueles que têm seus tesouros neste mundo e amam suas riquezas não podem amar Jesus. Poderão supor que estejam certos. Mesmo estando agarrados avidamente às suas posses, podem ter dificuldade de enxergar isso ou compreender que amam o dinheiro mais do que a causa da verdade ou o tesouro celestial.

“Se, porém, os seus olhos forem maus, todo o seu corpo estará em trevas” (v. 23). Houve um momento na experiência dessas pessoas

em que a luz que lhes havia sido dada não foi mantida, e se tornou em trevas. O anjo disse: “Vocês não podem amar e adorar os tesouros da Terra e ter as verdadeiras riquezas.” Quando aquele jovem foi ter com Jesus e Lhe disse: “Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” (Mc 10:17), Jesus lhe ofereceu a seguinte escolha: desfazer-se de suas posses e ter a vida eterna, ou retê-las e perder a eternidade.

Suas riquezas eram para ele de maior valor do que o tesouro celestial. A condição de se desfazer de seus tesouros e dá-los aos pobres, a fim de se tornar seguidor de Cristo e ter a vida eterna, deixou-o desanimado, e ele se retirou triste.

Aqueles que me foram apresentados como estando sedentos pela coroa terrestre são os que recorrerão a todos os meios para adquirir propriedades. Tornam-se loucos nesse sentido. Todos os seus pensamentos e energias se dirigem para a aquisição de riquezas terrestres. Pisam os direitos de outros, oprimem os pobres e o trabalhador em seu salário. Se podem ter vantagem sobre os que são mais pobres e menos inteligentes, e assim agir para aumentar suas riquezas, não hesitarão por um momento oprimi-los, mesmo que por causa disso os vejam sendo levados a mendigar.

Os homens de cabelos brancos pela idade, de rosto enrugado pelas preocupações e que avidamente agarravam os tesouros de dentro da coroa, eram homens idosos, que poucos anos tinham pela frente. No entanto, eram inflexíveis na defesa de seus tesouros terrestres. Quanto mais se aproximavam do túmulo, mais ansiosos ficavam em se apegar aos tesouros.

Seus próprios parentes não eram beneficiados. Para economizar um pouco de dinheiro, consentiam que os membros da própria família trabalhassem além de suas forças. Não empregavam seu dinheiro para o bem dos outros, nem para o seu próprio bem. Bastava-lhes saber que o possuíam. Ficavam descontentes ao tomar conhecimento do dever de suprir as necessidades dos pobres e de sustentar a obra de Deus.

Essas pessoas alegremente aceitariam o dom da vida eterna, mas não gostariam que lhes custasse nada. As condições são muito difíceis. Mas Abraão para esse fim não recusou seu único filho. Em obediência a Deus, sacrificaria o filho da promessa, mais facilmente do que muitos sacrificariam algumas de suas posses terrestres.

Era doloroso ver aqueles que deveriam estar amadurecendo para a glória, e se preparando diariamente para a imortalidade, empenhando todas as suas forças na retenção de tesouros terrestres. Vi que esses não poderiam dar valor ao tesouro celestial. Seu apego intenso às coisas terrenas os leva a mostrar pelas suas obras que não valorizam a herança celestial o bastante para fazer qualquer sacrifício por ela.

O “jovem” manifestou vontade de guardar os mandamentos; porém, nosso Senhor lhe disse que faltava alguma coisa. Ele desejava a vida eterna, mas amava mais suas posses. Muitos enganam a si mesmos. Não buscam a verdade como se fosse um tesouro escondido. Não tiram o melhor proveito possível de suas habilidades. Sua mente, que poderia ser iluminada com a luz do Céu, fica perplexa e perturbada. “As preocupações deste mundo, a fascinação da riqueza e outras ambições aparecem e sufocam a palavra, e ela fica infrutífera” (Mc 4:19).

“Essas pessoas”, disse o anjo, “estão sem justificativa.” Vi a luz sumindo delas. Não desejavam compreender as solenes e importantes verdades para este tempo, e achavam que estavam bem sem compreendê-las. A luz as deixou, e ficaram tateando nas trevas.

A multidão dos desfigurados e doentes que se comprimiam para alcançar a coroa terrestre são aqueles cujos interesses e tesouros estão neste mundo. Embora de todos os modos sofram desenganos, não colocarão suas afeições no Céu nem garantirão para si naquele lugar um tesouro e um lar.

Fracassam na busca das coisas terrestres e, enquanto lutam por elas, perdem as celestiais. Apesar da frustração, infelicidade e morte daqueles que puseram todo o seu empenho na obtenção de riquezas terrestres, outros seguem o mesmo caminho. Atiram-se de forma insana, sem levar em consideração o miserável fim daqueles cujo exemplo estão seguindo.

Os que alcançaram a coroa e nela obtiveram parte, tendo por isso sido aplaudidos, são aqueles que conseguem o que constitui o único objetivo de sua vida: riquezas. Recebem a honra que o mundo confere aos que são ricos. Têm influência no mundo. Satanás e seus anjos maus estão satisfeitos. Sabem que esses certamente são deles e que, enquanto viverem em rebelião contra Deus, serão poderosos agentes de Satanás.

Os que se desagradaram da multidão que buscava a coroa terrestre são aqueles que começaram a pensar sobre a vida e o fim de todos os que se esforçam por conseguir riquezas terrestres. Percebem que esses nunca estão satisfeitos, mas são infelizes. Então, ficam precavidos, afastam-se dessa classe de infelizes e procuram as riquezas verdadeiras e permanentes.

Quanto àqueles que forçam para passar através da multidão, a fim de obter a coroa celestial, auxiliados pelos santos anjos, foi-me mostrado serem o fiel povo de Deus. Os anjos os conduzem, e eles são inspirados com zelo, a fim de se esforçar para prosseguir na aquisição do tesouro celestial.

As bolas pretas atiradas em direção aos santos eram as falsidades difamantes espalhadas contra o povo de Deus por aqueles que amam e praticam a mentira. Devemos ter o máximo cuidado em viver de modo irrepreensível, e nos abster de toda aparência do mal. É nosso dever avançar destemidamente, sem dar atenção às acusações falsas dos ímpios. Enquanto os justos mantiverem o olhar fixo no inestimável tesouro celestial, irão se tornar cada vez mais semelhantes a Cristo, e assim serão transformados e preparados para a trasladação (T1, p. 313-317).

O ENGANO DAS RIQUEZAS

Prezada irmã M:

Ao mostrar-me o Senhor o seu caso, fui transportada a muitos anos atrás, quando você passou a crer na breve vinda de Cristo. Você aguardava e amava Seu aparecimento.

Seu marido é um homem naturalmente afetuoso e generoso, mas apoia-se na própria força, que na verdade é fraqueza. Ele não sente a necessidade de fazer de Deus o seu poder. Bebidas intoxicantes lhe entorpecem a mente e lhe paralisam as habilidades mais elevadas. A semelhança com Deus foi sacrificada para atender ao anseio por bebidas fortes. [...]

Eu a vi lutando com a pobreza, buscando sustentar a si e aos seus filhos. Muitas vezes, não sabia o que fazer; o futuro parecia sombrio e incerto. Em sua aflição, você clamava ao Senhor, e Ele a confortava e ajudava, e esperançosos raios de luz brilhavam ao seu redor. Quão precioso lhe era Deus naqueles tempos! Quão doce Seu confortante amor! Você sentia ter precioso tesouro no Céu. Ao considerar a recompensa dos aflitos filhos de Deus, que consolo sentir que O podia invocar como Pai!

Seu caso foi, na realidade, pior do que se tivesse ficado viúva. Seu coração estava angustiado pela má conduta do marido. Mas suas perseguições, ameaças e violência não a levaram a confiar na própria sabedoria e esquecer-se de Deus. Longe disso; você percebeu sua fraqueza e que era incapaz de transportar as cargas. Em sua debilidade levou os pesados fardos a Jesus, aquele que é capaz de carregar nossos fardos. Como você acalentou cada raio de luz proveniente de Sua presença

e quão fortalecida se sentiu no poder de Cristo! Quando a tormenta da perseguição e crueldade inesperadamente se abateu sobre você, o Senhor não permitiu que fosse esmagada e, nesses tempos difíceis, foi suprida de força, calma e paz, que lhe foram maravilhosas.

Na ocasião em que duras acusações e zombarias mais cruéis do que lanças e flechas foram lançadas sobre você, a influência do Espírito de Deus levou-a a falar calma e serenamente. Não foi natural comportar-se assim. Foi o fruto do Espírito de Deus. Foi a graça de Deus que fortaleceu sua fé em meio ao mal de uma esperança protelada. A graça fortaleceu-a para os conflitos e opressões e fez de você uma vencedora. A graça ensinou-a a orar, amar e confiar, apesar das circunstâncias desfavoráveis. Enquanto sentia que suas orações eram respondidas de modo especial, não achou que fossem por algum mérito próprio, mas por causa de sua grande necessidade. Sua necessidade foi a oportunidade de Deus. Sua vida, naqueles dias de provação, foi confiar em Deus. As manifestações de livramento especial, quando nos lugares mais difíceis, eram como um oásis no deserto ao viajante cansado e sedento. [...]

O Senhor permitiu que fosse educada na adversidade e aflição para que pudesse obter uma experiência que seria útil tanto a você quanto aos outros. Nos dias de pobreza e tribulação, você amava ao Senhor e apreciava os privilégios espirituais. A proximidade da vinda de Cristo era sua consolação, uma viva esperança de que brevemente encontraria descanso do trabalho e o fim de todas as tribulações, quando descobriria que não havia trabalhado nem sofrido tanto, pois o apóstolo Paulo declarou: “Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um eterno peso de glória, acima de toda comparação” (2Co 4:17).

Encontrar-se com o povo de Deus pareceu-lhe quase como visitar o Céu. Obstáculos não a detiveram. Você poderia sofrer cansaço e fome de alimento material, mas não ser desprovida do alimento espiritual. Buscou sinceramente a graça de Deus e não o fez em vão. Comunhão com o povo de Deus foi a riquíssima bênção que pôde desfrutar.

Na experiência cristã, sua mente desprezou a vaidade, o orgulho e a exibição extravagante. Quando testemunhou o uso de recursos por professores cristãos para exibir e promover o orgulho, seu coração e seus

lábios declararam: “Ah, se eu tivesse os recursos que aqueles que são infiéis em sua administração têm, sentiria ser um dos grandes privilégios ajudar os necessitados e colaborar com o progresso da causa de Deus!”

Com frequência, sentiu a presença de Deus enquanto buscava com seu modo simples instruir outros acerca da verdade para estes últimos dias. Experimentou a verdade por si mesma. Você sabia que não era uma ficção o que havia visto, ouvido, vivido e testificado. Sentia prazer em apresentar a outros, em conversa particular, o maravilhoso modo como Deus conduz Seu povo. Relatava Seu procedimento com tamanha segurança que produzia convicção no coração dos ouvintes. Falava como se tivesse um conhecimento das coisas que afirmava. Ao pregar a outros com respeito à verdade presente, você ansiava por grandes oportunidades e maior influência para que pudesse levar ao conhecimento daqueles que estavam em escuridão a mesma luz que iluminara seu caminho. Às vezes, você olhava para sua pobreza, limitada influência e seus melhores esforços frequentemente mal interpretados por professos amigos da causa da verdade e ficava quase desanimada. [...]

Minha atenção foi chamada para seu desejo de possuir recursos. Em seu coração estava este sentimento: “Ah, se eu tivesse meios, não os empregaria mal! Daria um exemplo aos que são mesquinhos e avarentos. Eu lhes mostraria a grande bênção que se recebe em fazer o bem.” Sua mente desprezava a cobiça. Quando via os que tinham abundância dos bens deste mundo fecharem o coração ao clamor dos necessitados, dizia: “Deus os visitará; Ele os recompensará segundo as suas obras.” Ao ver os ricos andarem orgulhosamente, o coração cingido de egoísmo como de cinta de ferro, sentia que eles eram mais pobres do que você, embora estivesse em necessidade e sofrimento. Quando via esses homens vaidosos, sentindo-se superiores porque o dinheiro tem poder, sentia compaixão deles e de modo algum teria sido induzida a trocar de lugar com eles. Entretanto, você desejava possuir recursos para empregá-los de tal modo que fosse uma repreensão à cobiça.

Disse o Senhor ao Seu anjo, que havia até então pastoreado a irmã: “Tenho-a provado na pobreza e aflição, e ela não se separou de Mim, nem se rebelou contra Mim. Irei prová-la agora com prosperidade.

Vou revelar-lhe uma página do coração humano com a qual ela não está familiarizada. Vou mostrar-lhe que o dinheiro é o mais perigoso inimigo que ela já encontrou. Revelarei a ela o engano das riquezas, que elas são um laço, mesmo para os que se julgam seguros contra o egoísmo e imunes contra a exaltação, a extravagância, o orgulho e o amor ao louvor dos homens.”

Foi-me mostrado então que se abria diante de você um caminho para melhorar suas condições de vida e, com o tempo, obter os recursos que julgava que usaria com sabedoria e para a glória de Deus. Quão ansiosamente seu anjo ministrador observava a nova prova para ver como lhe resistiria! Ao lhe chegarem os recursos às mãos, eu a vi, aos poucos e quase de forma imperceptível, separando-se de Deus. Os recursos a você confiados eram gastos para benefício próprio, para rodeá-la das boas coisas desta vida. Vi os anjos contemplando-a com piedosa tristeza, o rosto meio desviado, indispostos a deixá-la. A presença deles, porém, não era percebida, e você se conduzia sem dar atenção ao seu anjo da guarda.

Os negócios e preocupações de sua nova posição exigiam tempo e atenção, e seu dever para com Deus não era considerado. Jesus a comprou com o próprio sangue. Você não pertence a si mesma. Seu tempo, sua energia e seus meios pertencem todos ao Redentor. Ele tem sido seu Amigo constante, sua força e seu apoio quando outros amigos se mostraram indiferentes. Você retribuiu com ingratidão o amor e a bondade de Deus.

Sua única segurança estava na confiança irrestrita em Cristo, seu Salvador. Longe da cruz não há segurança alguma para você. Quão fraca é a força humana nessas ocasiões! Evidentemente não existe poder real algum senão aquele que Cristo dá aos que confiam Nele! Um pedido feito com fé a Deus tem mais poder do que a riqueza do intelecto humano.

Em sua prosperidade, você não cumpriu as resoluções tomadas na adversidade. O engano das riquezas desviou-a de seus propósitos. Aumentaram-se as preocupações. Sua influência foi ampliada. Ao perceberem os aflitos o alívio aos seus sofrimentos, glorificavam-na, e você aprendeu a amar o louvor vindo dos lábios de pobres mortais.

Encontrava-se em uma cidade popular e julgou necessário para o êxito de seus negócios, bem como para manter sua influência, que seu ambiente estivesse de algum modo em harmonia com suas ocupações. Mas você levou as coisas longe demais. Foi muito influenciada pelas opiniões e julgamento dos outros. E gastou dinheiro desnecessariamente, só para satisfazer “os desejos dos olhos e a soberba da vida” (1Jo 2:16). Esqueceu que estava lidando com o dinheiro de seu Senhor. Gastando recursos, unicamente de modo a fomentar a vaidade, você não considerou que o anjo relator estava fazendo um registro do qual se envergonharia quando se deparasse novamente com ele. Disse o anjo, apontando para você: “Você glorificou a si mesma, mas não engrandeceu a Deus.” Chegou até a gloriar-se em poder comprar essas coisas. [...]

Sua fé e simples confiança em Deus começaram a desaparecer assim que os recursos começaram a fluir. Não se afastou de Deus repentinamente. Sua apostasia foi gradual. Deixou a devoção matinal e vespertina porque nem sempre era conveniente. A esposa de seu filho causou-lhe provações de caráter estranho e ofensivo, que tiveram sobre você considerável influência em desanimá-la de continuar com as devoções de família. Sua casa ficou destituída de orações. Seus negócios ficaram em primeiro lugar, e o Senhor e Sua verdade tornaram-se secundários. Volte o olhar aos dias de sua primeira experiência cristã: Teriam essas provações levado você a afastar-se do culto familiar naquela vez?

Nisso, na negligência da oração particular, você perdeu em sua casa uma influência que poderia haver conservado. Era seu dever reconhecer a Deus na família, apesar das consequências. Suas petições deveriam ter sido feitas a Deus pela manhã e ao entardecer. Você devia ter agido como um sacerdote da família agiria, confessando seus pecados e os de seus filhos. Se tivesse sido fiel, Deus, que fora seu guia, não a teria abandonado ao seu próprio entendimento.

Foram gastos desnecessariamente recursos para ostentação. A irmã se entristecera profundamente por causa desse pecado em outros. E, enquanto assim empregava os recursos, estava roubando a Deus. Então o Senhor disse: “Eu espalharei. Permitirei que, por algum tempo, ela ande em seus próprios caminhos. Cegarei o discernimento

e removerei a sabedoria. Irei mostrar-lhe que sua força é fraqueza, e sua sabedoria é loucura. Irei humilhá-la e lhe abrir os olhos para ver quão longe se afastou de Mim. Se então ela não voltar para Mim de todo o coração e Me reconhecer em todos os seus caminhos, Minha mão espalhará, e o orgulho da mãe e dos filhos será abatido, e terão novamente por sorte a pobreza. Meu nome será exaltado. ‘A arrogância das pessoas será abatida, e a soberba humana será humilhada’” (Is 2:17) (T2, p. 226, 227, 230-235).

O JOVEM RICO

Em Monterey, Michigan, no dia 8 de outubro de 1857, foi-me mostrado em visão que a condição de muitos observadores do sábado era semelhante à do jovem rico que veio a Jesus para saber o que deveria fazer para herdar a vida eterna.

“E eis que alguém, aproximando-se de Jesus, lhe perguntou: – Mestre, que farei de bom para alcançar a vida eterna? Jesus respondeu: – Por que você me pergunta a respeito do que é bom? Bom só existe um. Mas, se você quer entrar na vida, guarde os mandamentos. E ele lhe perguntou: – Quais? Jesus respondeu: – ‘Não mate, não cometa adultério, não furte, não dê falso testemunho; honre o seu pai e a sua mãe e ame o seu próximo como você ama a si mesmo.’ O jovem disse: – Tudo isso tenho observado. O que me falta ainda? Jesus respondeu: – Se você quer ser perfeito, vá, venda os seus bens, dê o dinheiro aos pobres e você terá um tesouro nos céus; depois, venha e siga-me. Mas o jovem, ouvindo esta palavra, retirou-se triste, porque era dono de muitas propriedades.

“Então Jesus disse aos seus discípulos: – Em verdade lhes digo que um rico dificilmente entrará no Reino dos Céus. E ainda lhes digo que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus. Ouvindo isto, os discípulos ficaram muito admirados e perguntaram: – Sendo assim, quem pode ser salvo? Jesus, olhando para eles, disse: – Para os seres humanos isto é impossível, mas para Deus tudo é possível” (Mt 19:16-26).

Jesus citou cinco dos seis últimos mandamentos ao jovem rico, e também o segundo grande mandamento, no qual os seis se apoiam.

O jovem achava que havia guardado a todos. Jesus não mencionou os primeiros quatro, contendo nosso dever para com Deus. Em resposta à pergunta do jovem, “O que me falta ainda?”, Jesus disse: – “Se você quer ser perfeito, vá, venda os seus bens, dê o dinheiro aos pobres e você terá um tesouro nos céus”(v. 20, 21).

Nesse ponto, ele estava em falta. Falhara em guardar os primeiros quatro mandamentos e também os últimos seis. Não amara o próximo como a si mesmo. Disse Jesus: “Dê o dinheiro aos pobres.” O Senhor tocara em suas posses. “Venda os seus bens, dê o dinheiro aos pobres.” Nessa referência direta, Cristo identificou o ídolo do jovem. O amor pelas riquezas reinava supremo; portanto, era-lhe impossível amar a Deus “de todo o coração e de todo o entendimento e com todas as forças” (Mc 12:33). E esse amor supremo às riquezas cegara-lhe os olhos para as necessidades do próximo. Ele não amava o próximo como a si mesmo, por isso, fracassara em observar os seis últimos mandamentos. O coração estava posto nos tesouros. Fora tragado pelas posses terrenas. O jovem amava mais seus bens do que a Deus, mais do que o tesouro celestial. Ele ouviu da boca de Jesus as condições. Se houvesse vendido tudo e dado aos pobres, teria um tesouro no Céu. Essa seria uma prova do quanto ele considerava a vida eterna mais do que as riquezas. Desejava ele tomar posse da esperança da vida eterna? Estaria disposto a empenhar-se para remover o obstáculo que o impedia de ter um tesouro no Céu? Infelizmente não! Ele “retirou-se triste, porque era dono de muitas propriedades”.

Foram-me apontadas estas palavras: “E ainda lhes digo que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus” (Mt 19:24). Disse Cristo: “Para os seres humanos isto é impossível, mas para Deus tudo é possível” (Mt 19:26). Perguntou um anjo: “Permitirá Deus que os ricos retenham suas riquezas e ainda entrem no reino de Deus?” Outro anjo respondeu: “Não. Nunca!”

Vi que é plano de Deus que essas riquezas sejam usadas corretamente, empregadas para abençoar os necessitados e fazer progredir a causa de Deus. Se os homens amam mais as riquezas do que ao

próximo, mais do que a Deus e as verdades de Sua Palavra; se seu coração está nas riquezas, não podem ter a vida eterna. Eles prefeririam antes abrir mão da verdade do que vender os bens e dar aos pobres. Nisso são eles testados para apurar-se o quanto amam a Deus, o quanto amam a verdade; e, como o jovem rico da Bíblia, muitos se retiram tristes porque não podem ter riquezas e também um tesouro no Céu. Não têm condições de possuir ambos e arriscam-se à perda da vida eterna por bens terrenos.

“E ainda lhes digo que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus” (Mt 19:24). “Para Deus tudo é possível” (Mt 19:26). A verdade, estabelecida no coração pelo Espírito de Deus, excluirá o amor pelas riquezas. O amor a Jesus e às riquezas não podem habitar no mesmo coração. O amor a Deus suplantará tanto o amor pelas riquezas que seu possuidor se libertará delas e transferirá as afeições a Deus. Por meio do amor, ele é então levado a atender às necessidades da causa de Deus. É seu grande prazer administrar de maneira correta os bens divinos. O amor a Deus e ao próximo predomina, e ele considera tudo o que tem não como seu, mas cumpre fielmente seu dever como mordomo de Deus. Então pode observar os grandes mandamentos da lei: “Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento” (Mt 22:37). “Ame o seu próximo como você ama a si mesmo” (v. 39). Desse modo é possível a um rico entrar no reino de Deus. “E todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou campos, por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais e herdará a vida eterna. Porém muitos primeiros serão últimos; e os últimos serão primeiros” (Mt 19:29, 30). [...]

O Senhor os chama para usarem os meios que lhes confiou e fazerem avançar Sua causa. As oportunidades lhes são apresentadas, mas eles fecham os olhos às necessidades da Causa, e apegam-se fortemente ao tesouro terreno. Seu amor pelo mundo é maior do que o amor pela verdade, pelo semelhante e por Deus. Ele lhes requer os bens, mas egoísta e cobiçosamente eles os retêm do Senhor. Dão apenas um pouco ocasionalmente para acalmar a consciência, mas não vencem o amor

pelo mundo. Não se sacrificam por Deus. O Senhor chamou outros que prezam a vida eterna, que sentem e compreendem algo do valor de um ser humano, os quais livremente disporão de seus meios para fazer progredir a causa de Deus. O trabalho está se encerrando, e logo os meios dos que se apegaram às suas riquezas, suas grandes fazendas, seus rebanhos, etc., não serão mais necessários. [...]

Fui dirigida ao tempo em que não havia senão poucos que escutavam e abraçavam a verdade. Eles não possuíam muito dos bens deste mundo. As necessidades da Causa eram divididas entre bem poucos. Então foi necessário que alguns vendessem suas casas e terras, e procurassem um lugar mais barato para lhes servir de abrigo, ou de lar, enquanto seus recursos eram franca e generosamente emprestados ao Senhor para publicar a verdade e para, de outro modo, ajudar o avanço da causa de Deus. Ao contemplar esses abnegados, vi que haviam sofrido privações para benefício da Causa. Vi um anjo postado ao seu lado, apontando-lhes o Céu e dizendo: “Vocês têm bolsas no Céu! Têm no Céu bolsas que não se desgastam! Resistam até o fim, e grande será seu galardão.”

Deus tem tocado muitos corações. A verdade pela qual alguns tanto se sacrificaram, a fim de apresentá-la a outros, triunfou, e multidões a ela se apegaram. Em Sua providência, Deus tem tocado o coração dos que têm meios, trazendo-os para a verdade, para que, à medida que Sua obra aumenta, sejam satisfeitas as necessidades da Causa. Muitos recursos têm sido trazidos às fileiras dos observadores do sábado, e vi que atualmente Deus não pede as casas que Seu povo tem para morar, a menos que troque casas de muito preço por outras mais baratas. Mas, se aqueles que possuem abundância não Lhe derem ouvidos, não se separarem do mundo e dispuserem de parte de sua propriedade e terras, nem se sacrificarem por Deus, Ele os passará por alto e chamará aqueles que estão dispostos a fazer qualquer coisa para Jesus, até a venderem sua morada a fim de atender às necessidades da Causa. Deus terá ofertas voluntárias. Os que as fazem devem considerar um privilégio fazê-lo.

Alguns dão daquilo que lhes sobra e que não lhes faz falta. Não se privam de nada em favor da causa de Cristo. Têm tudo o que o coração

pode desejar. Dão liberalmente e com boa disposição. Deus observa cuidadosamente suas atitudes e motivos e os analisa. Eles não perderão sua recompensa. Vocês que não têm condições de dar tão liberalmente não precisam desculpar-se por não poderem fazer como os outros. Façam aquilo que lhes estiver ao alcance. Privem-se de algum artigo que possam dispensar e sacrifiquem-se pela causa de Deus. Como a viúva, ponham no cofre as duas moedinhas. Vocês estarão certamente dando mais do que todos os que ofertam de sua abundância, e saberão o quão gratificante é negar a si mesmo e dar aos necessitados; sacrificar-se pela verdade e ajuntar tesouros no Céu (T1, p. 157-162).

CUIDADO!

Este testemunho foi dirigido a dois irmãos em _____ ; mas, como é aplicável a muitos, aqui está publicado para benefício da igreja. Caros irmãos: Na visão a mim dada em sua casa, foi-me mostrada alguma coisa que diz respeito a ambos. O anjo os apontou e repetiu estas palavras: “Tenham cuidado para não acontecer que o coração de vocês fique sobrecarregado com as conseqüências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vocês repentinamente, como uma armadilha” (Lc 21:34, 35). Vi que ambos têm um grande conflito diante de si; vocês estarão em constante combate para manter este mundo fora do coração, pois o amam. A grande preocupação é como amar a Jesus e Seu serviço mais do que o mundo. Se vocês amam mais o mundo, suas obras o testemunharão. Se amam mais a Jesus e Seu serviço, as ações também o demonstrarão. Vi que vocês estão sendo observados por muitos mundanos. Muitos ficariam felizes com sua queda, e outros com seu progresso. Satanás e seus anjos lhes apresentarão a glória dos reinos deste mundo. Se vocês o adorarem ou aos tesouros terrenos, ele os mostrará sob a mais atraente luz, a fim de conduzi-los a amarem e adorarem essas coisas. Jesus e Seus anjos da guarda estão procurando desviar-lhes o olhar das fazendas, dos rebanhos e tesouros terrestres para o reino do Céu, para uma herança imortal, as riquezas eternas no reino da glória. Disse o anjo: “Vocês precisam morrer para este mundo.” “Não amem o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele” (1Jo 2:15). Vi que, se as riquezas foram adquiridas segundo a providência divina, não há pecado em possuí-las;

e, se não se apresentam oportunidades de uso dos meios para fazer avançar a causa de Deus, não há pecado em ainda conservá-las. Mas, se as oportunidades se apresentam, convocando os irmãos a usarem sua propriedade para a glória de Deus e o avanço de Sua causa, e eles as retêm, então lhes será causa de tropeço. No dia da tribulação, seus tesouros acumulados serão uma afronta para eles. Então todas as oportunidades para usarem seus meios para a glória de Deus estarão no passado, e em angústia de espírito os “lançarão aos ratos e aos morcegos” (Is 2:20). Seu ouro e sua prata não poderão salvá-los naquele dia. Cairá sobre a cabeça deles com peso esmagador a responsabilidade de dar conta de sua mordomia, sobre o que fizeram com o dinheiro de seu Senhor. O amor a si mesmos os fez crer que tudo era deles e que podiam retê-lo. Mas então sentirão, amargamente sentirão, e compreenderão que seus meios lhes foram apenas emprestados pelo Senhor para serem liberalmente empregados no avanço de Sua causa. Suas riquezas os enganaram. Sentiram-se pobres e viveram para si mesmos, e, no final, descobrirão que o que poderiam ter usado na causa de Deus tornou-se agora um terrível fardo para eles. Disse o anjo de Deus: “Deponham tudo sobre o altar, como sacrifício vivo e em chamas. Atem-no com cordas se não puderem mantê-lo ali. Entreguem-se à oração. Vivam junto ao altar. Fortaleçam seus propósitos pelas promessas de Deus.” “Vendam os seus bens e deem esmola; façam para vocês mesmos bolsas que não desgastem, tesouro inesgotável nos céus, onde o ladrão não chega, nem a traça corrói” (Lc 12:33). “Não acumulem tesouros sobre a Terra, onde as traças e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntem tesouros no Céu” (Mt 6:19, 20). Vi que se Deus lhes tivesse dado riquezas acima dos mais modestos e pobres, isso os humilharia e colocaria sob grandes obrigações. Onde muito é dado, mesmo que sejam recursos materiais, muito será exigido. De acordo com esse princípio, vocês devem possuir disposição nobre e generosa. Procurem oportunidades de fazer o bem com o que dispõem. “Mas ajuntem tesouros no Céu” (v. 20). Foi-me mostrado que o mínimo que era requerido dos cristãos do passado era possuir um espírito de liberalidade e consagrar ao Senhor uma parte

de sua renda. Cada cristão verdadeiro considerava isso um privilégio, mas alguns que o eram apenas de nome tinham isso como obrigação. A graça e o amor de Deus nunca realizaram neles a boa obra. Se assim fosse, eles alegremente fariam progredir a causa de seu Redentor. Mas dos cristãos que estão vivendo nos últimos dias, e que estão esperando por seu Senhor, é requerido fazer muito mais do que isso. Deus requer sacrifício deles. Disse o anjo: “Jesus deixou um brilhante rastro para vocês seguirem. Andem exatamente em Suas pegadas. Participem de Sua vida de abnegação e sacrifício próprio, e herdem com Ele a coroa de glória” (T1, p. 155, 156).

A ILUSÃO

Alguns dos que professam crer na verdade têm pouco discernimento e não podem apreciar a dignidade moral. Pessoas que se gabam de sua fidelidade à Causa e falam como se soubessem de tudo não são humildes de coração. Eles têm dinheiro e propriedades, e isso é suficiente para lhes dar influência sobre alguns, mas não os ergue nem um milímetro no favor de Deus. O dinheiro tem poder e exerce poderosa influência. Excelência de caráter e valor moral são frequentemente passados por alto em um homem pobre. Que interesse tem Deus pelo dinheiro e pela propriedade? “Pois são meus todos os animais do bosque e o gado aos milhares sobre as montanhas” (Sl 50:10). O mundo e tudo que nele há são Seus. Os moradores da Terra “são como gafanhotos” (Is 40:22). Homens e propriedades são semelhantes “como um grão de pó na balança” (v. 15). “Deus não trata as pessoas com parcialidade” (At 10:34).

Homens de posses olham muitas vezes para sua riqueza e dizem: “Por minha capacidade adquiri para mim essa riqueza.” Mas quem lhes deu poder para adquirir riquezas? Deus concedeu-lhes a habilidade que possuem, mas, em vez de dar-lhes glória, eles a tomam para si mesmos. O Senhor os provará, experimentará e lançará sua glória ao pó. Ele suprimirá suas forças e espalhará seus bens. Em vez de bênção, eles lhes serão uma maldição. Um ato de injustiça ou opressão, um desvio do reto proceder não seria mais tolerado em um homem de posses do que naquele que nada possui. Todas as riquezas que o mais rico dos homens possa ter não são de valor suficiente para cobrir o menor pecado diante de Deus; elas não serão aceitas como resgate da transgressão.

Unicamente arrependimento, verdadeira humildade, coração contrito e espírito abatido serão aceitos por Deus. Ninguém pode ter verdadeira humildade diante de Deus a menos que seja demonstrada diante de outros. Nada menos que arrependimento, confissão e abandono do pecado são aceitáveis a Deus.

Muitos ricos conseguiram sua fortuna por meio de negócios opressivos, obtendo vantagens sobre seus semelhantes mais pobres ou seus irmãos. Eles se vangloriam de sua perspicácia nas negociações. A maldição de Deus, porém, repousa sobre cada centavo assim obtido, bem como sobre seus lucros. Pude ver, quando essas coisas me foram mostradas, a força das palavras de nosso Salvador: “E ainda lhes digo que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus” (Mt 19:24). Aqueles que têm competência para adquirir riquezas precisam estar em constante vigilância, do contrário utilizarão essa habilidade para o mal e não manterão estrita honestidade. Assim muitos caem em tentação e astúcia, recebendo mais do que é justo por uma coisa, e sacrificando os princípios nobres, generosos e benevolentes de sua integridade em troca de ganho sórdido.

Foi-me mostrado que muitos dos professos observadores do sábado amam tanto o mundo e as coisas que nele há que se corromperam por seu espírito e sua influência; o divino desapareceu de seu caráter, e o satânico infiltrou-se, transformando-os para servir aos propósitos de Satanás e ser instrumentos de injustiça. Então, em contraste com esses homens, foram-me mostrados os pobres honestos e trabalhadores, que sempre estão prontos a ajudar quem precisa; que preferem ser explorados por seus irmãos ricos a manifestar o espírito ganancioso que aqueles manifestam. Esses homens têm em alta estima uma consciência limpa e justa, mesmo nas pequenas coisas, e as valorizam mais do que as riquezas. Estão sempre tão prontos a ajudar as pessoas, sempre dispostos a fazer todo bem que estiver ao seu alcance, que não acumulam riquezas. Suas posses terrenas não aumentam. Se há uma causa que exija recursos ou trabalho, são os primeiros a interessar-se em responder ao chamado, e frequentemente vão além de sua capacidade real, negando a si mesmos algum bem necessário para realizar seus propósitos caritativos.

Como eles não podem orgulhar-se muito de tesouros terrenos, são olhados como deficientes em habilidade, discernimento e sabedoria. Podem não ser considerados como tendo valor especial, e sua influência pode não ser apreciada pelos homens. Mas como Deus vê esses sábios homens pobres? Como preciosos aos Seus olhos; e, embora seus tesouros terrestres não se acumulem, estão ajuntando um incorruptível tesouro nos Céus. Por assim fazer, manifestam uma sabedoria muito superior à daqueles professos cristãos que se julgam sábios, previdentes e realizadores, assim como o divino é superior ao terreno, carnal e satânico. Deus considera o valor moral. Pessoas com caráter cristão não maculado pela avareza, calmas, mansas e humildes são à Sua vista “mais escassas do que o ouro puro, mais raras do que o ouro de Ofir” (Is 13:12).

Na ordem de Paulo a Timóteo, ele o advertiu sobre uma classe que não concorda com as sãs palavras e faz errônea avaliação das riquezas. Ele disse: “Se alguém ensina outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino segundo a piedade, esse é orgulhoso e não entende nada, mas tem um desejo doentio por discussões e brigas a respeito de palavras. É daí que nascem a inveja, a provocação, as difamações, as suspeitas malignas e as polêmicas sem fim da parte de pessoas cuja mente é pervertida e que estão privadas da verdade, supondo que a piedade é fonte de lucro.

De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento. Porque nada trouxemos para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele. Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes. Mas os que querem ficar ricos caem em tentação, em armadilhas e em muitos desejos insensatos e nocivos, que levam as pessoas a se afundar na ruína e na perdição. Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e atormentaram a si mesmos com muitas dores.

Mas você, homem de Deus, fuja de tudo isso. Siga a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança, a mansidão. Combata o bom combate da fé. Tome posse da vida eterna, para a qual você também foi chamado e da qual fez a boa confissão diante de muitas testemunhas”

(1Tm 6:3-12). “Exorte os ricos deste mundo a que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para o nosso prazer. Que eles façam o bem, sejam ricos em boas obras, generosos em dar e prontos a repartir; ajuntando para si mesmos um tesouro que é sólido fundamento para o futuro, a fim de tomarem posse da verdadeira vida” (1Tm 6:17-19).

Em sua carta a Timóteo, Paulo queria impressionar-lhe a mente com a necessidade de passar tais instruções aos ricos para livrá-los do engano que tão facilmente os acomete e preveni-los quanto a pensar que são melhores que os pobres; que por causa da capacidade de acumular fortuna eles se considerem superiores em sabedoria e discernimento. Em resumo, que a piedade é lucro. Esse é um terrível engano. Quão poucos ouvem a advertência que Paulo transmitiu a Timóteo para que esse passasse aos ricos. Quantos alardeiam que sua propensão para acumular riquezas é piedade. Paulo declarou: “De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento” (v. 6). Ainda que os ricos possam dedicar toda a sua vida ao propósito de juntar riquezas, eles nada trouxeram ao mundo e nada levarão dele. Eles morrem e deixam o que lhes custou tanto trabalho obter. Eles arriscam tudo, até seus interesses eternos, para conseguir propriedades, e perderão ambos os mundos.

Paulo mostrou os riscos que os homens correm para tornar-se ricos. Mas muitos estão determinados a ser ricos. Esse é seu propósito e em sua determinação as coisas eternas são marginalizadas. Foram cegados por Satanás e acreditam que seu desejo pelo ganho é visando a bons propósitos. Eles deformam a própria consciência, enganam a si mesmos e estão constantemente cobiçando as riquezas. Desviam-se da fé e atraem sobre si muitos males. Sacrificam os nobres e elevados princípios, trocando sua fé pelas riquezas. Se não se desapontarem com seus objetivos, ficarão frustrados com a felicidade que as supostas riquezas trariam. Estão embaraçados e sobrecarregados de cuidados. Fizeram-se escravos de sua própria avareza e levaram sua família à mesma escravidão. O lucro que obtiveram foi “com muitas dores” (v. 10).

“Exorte os ricos deste mundo a que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para o nosso prazer” (v. 17). Os homens não devem acumular riquezas e delas não extrair nenhum bem, privando-se dos confortos da vida e tornando-se praticamente escravos com o objetivo de aumentar e reter seu tesouro terreno.

O apóstolo Paulo mostrou o único e legítimo uso das riquezas e diz a Timóteo para exortar os ricos a “que eles façam o bem, sejam ricos em boas obras, generosos em dar e prontos a repartir; ajuntando para si mesmos um tesouro que é sólido fundamento para o futuro [referindo-se ao fim do tempo], a fim de tomarem posse da verdadeira vida” (v. 18, 19). Os ensinamentos de Paulo se harmonizam perfeitamente com as palavras de Cristo: “Usem a riqueza injusta para fazer amigos, para que, quando a riqueza faltar, vocês sejam recebidos nos tabernáculos eternos” (Lc 16:9). “De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento” (1Tm 6:6). Esse é o verdadeiro segredo da felicidade e da prosperidade real da mente e do corpo (T1, p. 469-474).

SABEDORIA DO MESTRE

Foi-me mostrado que a parábola dos talentos não tem sido plenamente compreendida. Essa importante lição foi dada aos discípulos para benefício dos cristãos que viveriam nos últimos dias. E os talentos não representam meramente a capacidade de pregar e instruir pela Palavra de Deus. A parábola aplica-se aos recursos temporais que Deus confiou ao Seu povo. Aqueles a quem foram dados os cinco e os dois talentos negociaram e duplicaram aquilo que lhes fora dado em depósito. Deus exige que os que possuem bens aqui ponham seu dinheiro em giro para Ele – ponham-no na Causa para espalhar a verdade. E se a verdade habitar no coração do recebedor, ele também, com seus recursos, ajudará a enviá-la a outros; e, por meio de seus esforços, de sua influência e de seus meios, outras pessoas abraçarão a verdade e começarão por sua vez a trabalhar para Deus. Vi que alguns dentre os que professam ser Seu povo são como o homem que escondeu o talento na terra. Impedem que seus bens sejam de proveito na causa do Senhor. Dizem que isso lhes pertence e que eles têm o direito de fazer o que lhes aprouver com o que é seu; e não se salvam pessoas mediante cuidadosos esforços de sua parte, com o dinheiro de seu Senhor. Os anjos fazem um fiel relatório da obra de todo homem, e ao ser feito juízo sobre a casa de Deus, registra-se a sentença de cada um junto ao seu nome, e o anjo é comissionado a não poupar os servos infiéis, mas a derrubá-los no tempo da matança. E o que lhes fora confiado em depósito lhes é tirado. Seu tesouro terrestre é então dissipado, e perdem tudo. E as coroas que poderiam haver usado caso tivessem sido fiéis serão colocadas à disposição dos que foram salvos

pelos servos fiéis, cujos recursos estiveram constantemente em giro para Deus. E cada um que foi salvo por intermédio deles acrescenta estrelas à sua coroa de glória, aumentando-lhes a recompensa eterna. Foi-me mostrado também que a parábola do mordomo infiel nos deve ensinar uma lição. “E eu recomendo a vocês: usem a riqueza injusta para fazer amigos, para que, quando a riqueza faltar, vocês sejam recebidos nos tabernáculos eternos” (Lc 16:9). Caso empreguemos nossos bens para a glória de Deus aqui, depositamos um tesouro no Céu; e, quando todas as posses terrenas tiverem desaparecido, o mordomo fiel tem como amigos a Jesus e os anjos para recebê-lo no lar, nas eternas moradas. “Quem é fiel no pouco também é fiel no muito” (v. 10). Aquele que é fiel em suas posses terrestres, que são o mínimo, fazendo cuidadoso emprego daquilo que Deus lhes emprestou aqui, será fiel à sua profissão de fé. “E quem é injusto no pouco também é injusto no muito” (v. 10). Aquele que retém de Deus aquilo que Ele lhe emprestou será infiel em todos os aspectos nas coisas de Deus. “Portanto, se vocês não forem fiéis na aplicação da riqueza injusta, quem lhes confiará a verdadeira riqueza?” (v. 11). Se nos demonstramos infiéis no uso do que Deus nos empresta aqui, Ele nunca nos dará a herança imortal. “Se vocês não são fiéis na aplicação do que é dos outros, quem lhes dará o que é de vocês?” (Lc 16:12). Jesus nos comprou a redenção. Ela nos pertence; somos, porém, colocados aqui em prova, para ver se nos demonstramos dignos da vida eterna. Deus nos prova confiando-nos bens terrenos. Se somos fiéis em dar abundantemente daquilo que Ele nos emprestou, para levar avante Sua causa, o Senhor pode nos confiar a herança imortal. “Ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6:24). “Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele” (1Jo 2:15). Deus Se desagrada com a maneira negligente e frouxa pela qual muitos dos que professam ser Seu povo dirigem seus negócios. Parecem ter perdido todo o senso de que a propriedade que estão usando pertence a Deus e de que Lhe devem prestar contas de sua administração. Alguns têm os negócios seculares em total confusão. Satanás observa tudo isso e dá o golpe no momento oportuno, tirando, por seu mau uso, muitos recursos do grupo dos observadores

do sábado. E esses recursos vão para o lado dele. Alguns, já idosos, não querem tomar quaisquer providências quanto aos seus negócios seculares e, inesperadamente, adoecem e morrem. Os filhos, que não têm interesse na verdade, tomam a propriedade. Satanás administrou da forma que lhe convinha. “Portanto, se vocês não forem fiéis na aplicação da riqueza injusta, quem lhes confiará a verdadeira riqueza? Se vocês não são fiéis na aplicação do que é dos outros, quem lhes dará o que é de vocês?” (Lc 16:11, 12). Foi-me mostrado o terrível fato de que Satanás e seus anjos têm tido mais que ver com o uso da propriedade do povo que professa ser de Deus do que o próprio Senhor. Os administradores dos últimos dias são imprudentes. Permitem que Satanás controle suas questões de negócios e leve para as fileiras dele aquilo que pertence à causa de Deus, e nela deveria estar. Deus observa vocês, administradores infieis. Ele os chamará para prestar contas. Vi que os administradores de Deus, por meio de fiel e cuidadosa administração, podem manter seus negócios neste mundo ordenados, exatos e corretos. E é especialmente privilégio e dever dos idosos, dos fracos e dos que não têm filhos, colocar os recursos de que dispõem onde possam ser empregados na causa de Deus, caso eles sejam subitamente tirados. Mas vi que Satanás e seus anjos exultam perante o êxito que obtêm nesse assunto. E os que devem ser sábios herdeiros da salvação quase deixam voluntariamente o dinheiro de seu Senhor escapar das suas mãos para o lado do inimigo. Dessa maneira, fortalecem o reino de Satanás e parecem sentir-se muito sossegados a esse respeito! (T1, p. 180-182).

ROUBO A DEUS

O Senhor fez a difusão da luz e da verdade na Terra dependente dos esforços voluntários e das ofertas dos que são participantes dos dons celestiais. Relativamente poucos são chamados a viajar como pastores ou missionários, mas multidões devem cooperar em disseminar a verdade por meio de seus recursos.

A história de Ananias e Safira nos é dada para que possamos compreender o pecado do engano com respeito às nossas dádivas e ofertas. Eles tinham voluntariamente prometido dar uma parte de sua propriedade para a promoção da causa de Cristo; mas quando os recursos estavam em suas mãos, deixaram de cumprir aquela obrigação, desejando ao mesmo tempo dar aos outros a impressão de terem dado tudo. Sua punição foi destacada a fim de que pudesse servir como perpétua advertência aos cristãos de todas as épocas. O mesmo pecado prevalece terrivelmente nos tempos atuais; no entanto, não se ouviu de uma punição notável como aquela. O Senhor mostra uma vez aos homens com que aversão Ele considera tamanha ofensa contra Suas sagradas reivindicações e Sua dignidade, e então os deixa a seguir os princípios gerais da administração divina. [...]

Quando a luz divina brilha no coração com clareza e poder incommuns, o egoísmo habitual afrouxa as garras, e há disposição de dar à causa de Deus. Ninguém precisa esperar que lhe seja permitido cumprir as promessas feitas então, sem um protesto da parte de Satanás. Ele não se agrada de ver desenvolver-se na Terra o reino do Redentor e sugere que a promessa feita foi demasiadamente grande, que lhes poderá anular os esforços de adquirir propriedade ou satisfazer aos

desejos da família. É grande o poder que Satanás tem sobre a mente humana. Ele trabalha com todo o fervor para conservar o coração dos homens dominado pelo egoísmo.

A única maneira que Deus ordenou para fazer avançar Sua causa é abençoar os homens com propriedades. Dá-lhes luz do Sol e chuva; faz a vegetação crescer; dá saúde e habilidade para adquirir recursos. Todas as nossas bênçãos provêm de Suas generosas mãos. Por sua vez, deseja que homens e mulheres mostrem sua gratidão devolvendo-Lhe uma parte em dízimos e ofertas – em ofertas de gratidão, ofertas voluntárias e ofertas de reparação.

O coração dos homens fica endurecido pelo egoísmo, e, como Ananias e Safira, são tentados a reter parte do preço, ao mesmo tempo que pretendem cumprir as regras do dízimo. Roubará o homem a Deus? Se os recursos entrassem no tesouro exatamente de acordo com o plano de Deus – um décimo de toda a renda –, haveria abundância para levar avante Sua obra.

Alguém pode dizer: “Continuam a vir os pedidos para doar para a Causa. Estou cansado de doar.” Estão mesmo cansados? Então, permitam que lhes pergunte: Vocês estão cansados de receber das beneficentes mãos de Deus? Só se Ele deixasse de abençoá-los, deixariam de estar sob obrigação de restituir-Lhe a porção que reivindica. Ele os abençoa para que esteja em seu poder abençoar os outros. Quando estiverem cansados de receber, então poderão dizer: “Estou cansado de tantos pedidos para doar.” Deus reserva para Si uma parte de tudo que recebemos. Quando essa Lhe é restituída, a parte restante é abençoada; mas, se for retida, tudo se tornará, mais dia menos dia, uma maldição. A reivindicação divina deve vir primeiro; tudo o mais é secundário. [...]

Foi-me mostrado que muitos de nosso povo roubam ao Senhor em dízimos e ofertas, e, em resultado, Sua obra é grandemente desfavorecida. A maldição de Deus repousará sobre os que vivem das bênçãos Dele e, contudo, cerram o coração e nada ou quase nada fazem para promover Sua causa. Irmãos e irmãs, como pode o beneficente Pai continuar a considerá-los como mordomos, fornecendo-lhes recursos

que deveriam ser empregados em Seu favor, se vocês a tudo agarram, reclamando de forma egoísta que lhes pertence!

Em vez de render a Deus os recursos que Ele colocou em suas mãos, muitos os empregam em mais terras. Esse mal está aumentando entre nossos irmãos. Já antes possuíam tudo de que podiam cuidar, mas o amor ao dinheiro ou o desejo de ser considerados tão ricos quanto seus vizinhos leva-os a enterrar seus recursos no mundo e reter de Deus o que Lhe é justamente devido. Ainda vamos nos surpreender se não prosperarem? Ficarão decepcionados se Deus não lhes abençoar as colheitas?

Se nossos irmãos se lembrassem de que Deus pode abençoar uns poucos hectares de terra e torná-los tão produtivos como se fosse uma grande propriedade, não continuariam a enterrar-se em aquisições, mas deixariam seus recursos derivarem para o tesouro de Deus. “Tenham cuidado para não acontecer que o coração de vocês fique sobrecarregado com as consequências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo” (Lc 21:34). Satanás se agrada com que aumentem suas fazendas e empreguem seus recursos em empreendimentos mundanos, pois assim procedendo não só impedem a Causa de avançar, mas pela ansiedade e excesso de trabalho vocês diminuem sua perspectiva da vida eterna.

Agora é tempo de acatar a ordem de nosso Salvador: “Vendam os seus bens e deem esmola; façam para vocês mesmos bolsas que não desgastem, tesouro inesgotável nos céus” (Lc 12:33). Nossos irmãos deveriam estar reduzindo suas posses, em vez de aumentá-las. Estamos prestes a mudar-nos para uma terra melhor, a celestial. Não vamos proceder como quem quer continuar habitando confortavelmente sobre a Terra, mas ajuntemos nossos objetos no espaço mais limitado possível.

Virá o tempo em que de modo algum poderemos vender. Logo sairá o decreto proibindo os homens de comprar ou vender a qualquer pessoa senão aos que tenham o sinal da besta. Estivemos perto de ver isso acontecer na Califórnia, pouco tempo atrás, mas foi apenas a ameaça do sopro dos quatro ventos. Até agora eles têm sido contidos pelos quatro anjos. Não estamos bem preparados. Ainda há uma obra a ser efetuada, e então os anjos receberão a ordem de soltar os quatro ventos

para que soprem sobre a Terra. Esse será um tempo decisivo para os filhos de Deus, um tempo de tribulação tal como nunca ocorreu antes. Agora é nossa oportunidade de trabalhar.

Há, entre muitos que professam a verdade, um espírito de inquietude. Alguns desejam mudar de cidade ou estado, comprar grandes áreas de terra e desenvolver um próspero negócio. Outros desejam ir para a cidade. Assim as igrejas pequenas são abandonadas à fraqueza e ao desânimo para depois desaparecer, sendo que, se os que as deixaram estivessem dispostos a trabalhar um pouco e com fidelidade, poderiam proporcionar comodidade à sua família e ficar livres para se conservar no amor de Deus. Muitos que se mudam acabam se desiludindo. Perdem a pequena propriedade que possuíam, sacrificam a saúde e finalmente abandonam a verdade.

O Senhor está vindo. Que cada um mostre sua fé por meio das obras. A fé na iminente volta de Cristo está desaparecendo das igrejas, e o egoísmo as leva a roubar a Deus para servir aos próprios interesses pessoais. Quando Cristo habita em nós, seremos abnegados como Ele. [...] Vi que muitos sonegam a causa de Deus enquanto estão vivos, acalmando a consciência com a ideia de que serão caridosos na morte. Dificilmente ousam exercer fé e confiança em Deus para dar qualquer coisa enquanto vivem. Mas essa caridade no leito de morte não é o que Cristo exige de Seus seguidores; ela não pode desculpar o egoísmo da vida deles. Os que se apegam às suas propriedades até o último momento entregam-nas à morte em vez de fazê-lo para a Causa. Os prejuízos ocorrem continuamente. Bancos vão à falência, e as propriedades vão sendo perdidas de muitas maneiras. Muitos se propõem a fazer algo, mas adiam o assunto, e Satanás entra em ação para que de modo algum os meios sejam postos no tesouro. Perdem-se antes de voltar para Deus, e Satanás se alegra com isso.

Se desejarem fazer o bem com seus recursos, façam-no logo, antes que Satanás meta suas mãos e atrase a obra de Deus. Muitas vezes, quando o Senhor abre o caminho para os irmãos usarem seus meios no avanço de Sua causa, agentes de Satanás lhes apresentam algum empreendimento que, sendo positivo, poderia duplicar seus bens. Mordendo a

isca, investem seu dinheiro; assim a Causa e, muitas vezes, nem eles mesmos nunca recebem uma moeda sequer.

Irmãos, lembrem-se da Causa. E quando tiverem recursos à sua disposição, estabeleçam para vocês mesmos um bom fundamento para o futuro a fim de que possam desfrutar a vida eterna. “Pois vocês conhecem a graça do nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, Se fez pobre por amor de vocês, para que, por meio da pobreza Dele, vocês se tornassem ricos” (2Co 8:9). Que darão a Jesus? Ele deu tudo por vocês.

Não lhe será conveniente confiar suas dádivas generosas a testamentos na morte. Não podem garantir, com o menor grau de segurança, que a Causa seja beneficiada por eles. Satanás age com muita astúcia para levar os parentes a tomar posições falsas para que o mundo fique com o que foi solenemente dedicado à causa de Deus. Recebe-se sempre muito menos do que a soma desejada. Satanás põe no coração de homens e mulheres um protesto contra a ação de parentes que se propõem a executar seus desejos na aplicação de sua propriedade. Eles parecem considerar tudo o que foi dado para o Senhor como um roubo feito aos parentes do falecido. Se vocês desejam que seus recursos sejam aplicados na Causa, façam, enquanto viverem, a doação de tudo aquilo que não necessitam para seu sustento. Alguns irmãos estão fazendo isso e desfrutando o prazer de ser seus próprios testamenteiros. Será que a cobiça das pessoas tornará necessário que sejam privadas da vida para que as propriedades que Deus lhes emprestou não fiquem inúteis para sempre? Que nenhum de vocês traga sobre si a condenação do servo negligente que enterrou “o dinheiro do seu senhor” (Mt 25:18).

A caridade na hora da morte é um pobre substituto para a beneficência em vida. Muitos deixam tudo para amigos e parentes, exceto uma insignificância que dão para o supremo Amigo, “que, sendo rico, Se fez pobre por amor de vocês” (2Co 8:9), que sofreu insultos, zombarias e morte para que pudessem ser filhos e filhas de Deus. Contudo, esperam que, quando os justos mortos ressuscitarem para a vida imortal, esse Amigo os leve também para Suas eternas habitações.

A causa de Cristo é roubada não por um simples pensamento passageiro, não por um ato impensado. Não. É por um ato voluntário de

vocês mesmos que fazem o próprio testamento colocando suas propriedades à disposição de não religiosos. Depois de terem roubado a Deus durante a vida, continuam a roubá-Lo após a morte e fazem isso com o pleno consentimento de todas as suas habilidades mentais, em um documento que é chamado de seu testamento. Qual você acha que será o testamento do Mestre em seu favor, por assim procederem para com Ele? Que dirão quando lhes pedir conta de sua administração? (T5, p. 126-132).

NEGÓCIO E RELIGIÃO

Os que estão empenhados na obra de Deus não poderão servir em Sua causa de modo aceitável, a menos que façam o melhor uso dos privilégios religiosos de que desfrutam. Somos como árvores plantadas no jardim do Senhor; e Ele vem buscar em nós os frutos que tem direito de esperar. Seus olhos estão sobre cada um; Ele lê nosso coração e conhece nossos caminhos. Esse é um exame solene, porque diz respeito ao nosso dever e ao nosso destino, e é realizado com grande interesse. Todo aquele que tem responsabilidades sagradas deve se perguntar: “Como enfrentarei o olhar examinador de Deus? Será que meu coração está isento de toda contaminação? Ou os átrios de Seu templo têm sido profanados, sendo invadidos por compradores e vendedores a ponto de não restar espaço para Cristo?” Quando a agitação dos negócios é contínua, ela faz esmorecer a espiritualidade e deixa o coração vazio de Cristo. Quando os homens, embora professando a verdade, passam dias sem se comunicar com Deus, são induzidos a atos estranhos e a tomar decisões que não estão de acordo com a vontade divina. Nossos irmãos não agirão com segurança, deixando-se levar por meros impulsos. Isso não é estar unido a Cristo e proceder de acordo com Sua vontade. Incapazes, em tais condições, de reconhecer as necessidades da Causa, serão induzidos por Satanás a assumir atitudes que atrapalharão e retardarão a Obra.

Meus irmãos, vocês estão cultivando a devoção? Predomina em vocês o amor pelas coisas santas? Vocês vivem da fé e estão vencendo o mundo? Assistem aos cultos públicos, e é sua voz ouvida nas reuniões de oração? O altar da família está erguido entre vocês? De manhã e à tarde, vocês reúnem em torno dele os filhos, apresentando seu caso a

Deus? Buscam instruí-los a se tornarem seguidores do Cordeiro? Sua família, se não for religiosa, testemunhará sua negligência e infidelidade. Será lamentável se seus filhos forem indiferentes, desrespeitosos e não tomarem prazer nas reuniões religiosas e nas verdades santas, ao passo que vocês estão empenhados na Obra. Uma família assim exerce influência contrária a Cristo e Sua verdade, porque “quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha” (Lc 11:23). A negligência do dever de educar os filhos e cultivar a piedade na família é completamente desagradável a Deus. Se um de seus filhos estivesse em risco iminente de afogar-se, que alvoroço seria! Quantos esforços se empenhariam, quantas preces se fariam e quanta disposição se aplicaria a fim de salvar-lhe a vida! Mas aí estão seus filhos, sem Cristo e sem a salvação. É possível que, pela sua rispidez e falta de educação, sejam até uma vergonha para a causa adventista. Estão em risco de se perderem, vivendo sem esperança e sem Deus no mundo, e vocês continuam descuidosos e indiferentes.

Que exemplo você dá aos seus filhos? Que espírito reina em sua família? Seus filhos devem ser ensinados a ser gentis, atenciosos, amáveis, prestativos, mas sobretudo respeitadores das coisas santas e das reivindicações divinas. Devem ser instruídos a respeitar os momentos de oração e a levantar-se cedo para tomar parte no culto da família.

Pais e mães que põem Deus em primeiro lugar na família, que ensinam os filhos a considerar o temor de Deus como o princípio da sabedoria, glorificam a Deus diante dos anjos e dos homens, oferecendo ao mundo o espetáculo de uma família bem dirigida e bem-educada – uma família que ama e obedece a Deus e não se rebela contra Ele. Cristo não será um estranho em uma família assim; Seu nome lhe será familiar e O reverenciarão e glorificarão. Os anjos se deleitam em uma família em que Deus reina soberano e os filhos são ensinados a honrar a religião, a Bíblia e o Criador. Essas famílias têm direito à promessa: “honrarei aqueles que Me honram” (1Sm 2:30). Quando de uma casa assim o chefe sai a cumprir seus deveres cotidianos, será sempre com espírito manso e submisso, adquirido pela sua comunhão com Deus. Será um cristão, não só de nome, mas em seu trabalho e em todas as suas

transações comerciais fará toda a sua obra com honestidade, sabendo que os olhos de Deus O contemplam. Sua voz se fará ouvir na igreja. Terá palavras de agradecimento e ânimo a dizer, porque é um cristão que se faz notar pelo crescimento espiritual, alcançando novas experiências cada dia. É um obreiro aplicado e ativo na igreja, que trabalha para glória de Deus e salvação de seus semelhantes. Sua consciência o condenaria e se sentiria culpado diante de Deus se negligenciasse os cultos públicos, privando-se assim dos privilégios de habilitar-se para prestar maior e mais eficaz serviço à causa da verdade.

Deus não é glorificado quando homens de influência se provam apenas homens de negócio, passando por alto seus interesses eternos, que são muito mais sagrados, muito mais nobres e elevados do que os temporais. Em que se deveria aplicar maior tato e habilidade, senão nas coisas que são imperecíveis e destinadas a durar perpetuamente? Irmãos, desenvolvam seus talentos no serviço do Senhor; manifestem na promoção da causa de Cristo o mesmo tato e habilidade que empregam nos empreendimentos seculares.

Sinto ter que dizer isso, mas há da parte dos chefes de família grande falta de fervor e legítimo interesse nas coisas espirituais. Há alguns que raramente são vistos na igreja. Dão uma desculpa, depois outra e mais outra, justificando sua ausência; mas a causa verdadeira é que lhes falta o interesse religioso. O espírito de devoção não é cultivado na família. Os filhos não são criados na doutrina e admoestação do Senhor. Esses homens não são o que Deus desejaria que fossem. Não mantêm comunhão viva com Ele; são apenas homens de negócio. Não têm espírito de conciliação. Há tão pouca mansidão, bondade e polidez em sua conduta que seus motivos são geralmente mal interpretados, fazendo-se mau conceito até mesmo do bem que há neles. Se pudessem perceber quanto sua conduta é um tropeço aos olhos de Deus, eles se endireitariam. [...]

Satanás empenha esforços para afastar os homens de Deus e é sempre bem-sucedido nesse propósito quando consegue absorver sua atenção de modo que não tomem tempo para ler a Bíblia, orar particularmente e oferecer seus sacrifícios de ações de graça e louvor de manhã e à tarde sobre o altar de família. Quão poucos reconhecem as estratégias

do arquienganador! Quantos lhe ignoram as tramas! Quando nossos irmãos voluntariamente se afastam das reuniões religiosas, quando deixam de pensar em Deus e de O reverenciar, quando não O tomam por seu conselheiro e baluarte de sua defesa, quão depressa passam a adotar os pensamentos mundanos e a incredulidade, e vãs confianças e filosofias substituem a fé humilde e confiante. Muitas vezes a tentação é acalentada como se fosse a voz do verdadeiro Pastor, porque as pessoas têm se afastado de Jesus. Não poderão estar seguras um só momento a menos que alimentem no coração princípios justos e os apliquem também em seus negócios de cada dia. [...]

Seja qual for a posição que ocupemos na vida e o negócio em que estejamos empenhados, devemos ser sempre humildes, reconhecendo a necessidade que temos de assistência; devemos apoiar-nos plenamente nos ensinamentos da Palavra de Deus e reconhecer em todas as coisas a Sua providência, abrindo-Lhe com franqueza nossa alma em oração. Apoie-se, meu prezado irmão, em seu próprio entendimento, para a carreira que escolheu, e terá decepção e dissabores. Confie no Senhor com todo o seu coração, e Ele guiará seus passos com sabedoria, ficando salvaguardados seus interesses tanto neste mundo como no futuro. Você necessita de luz e conhecimento. Pode optar entre seguir o conselho de Deus e o de seu próprio coração; entre andar ao clarão de sua própria luz ou colher para você a luz divina do Sol da Justiça. [...]

Pelo interesse de ganhar dinheiro muitos se afastam de Deus, esquecendo-se de seus interesses eternos. Adotam o caminho do homem calculista e mundano; mas Deus não aprova isso, pois é uma ofensa a Ele. Os homens devem ser aptos a delinear e executar planos, mas todos os seus negócios devem ser efetuados de acordo com a grande lei moral de Deus. Em todos os atos da vida, tanto nos de maior quanto nos de menor importância, devem ser aplicados os princípios do amor a Deus e ao próximo. É necessário que haja um espírito que não se contente em dizimar a hortelã, o endro e o cominho, mas que tome em consideração e viva de acordo com a parte mais importante da lei, que é o juízo, a misericórdia e o amor de Deus, pois o caráter de cada um que estiver relacionado com a Obra deixará nela sua impressão.

Há homens e mulheres que por amor a Cristo abandonaram tudo. Para eles, os seus interesses temporais, o convívio com as pessoas de suas relações, sua família e seus amigos são de menor importância do que os interesses do reino de Deus. Em sua afeição, não puseram propriedades, parentes e amigos em primeiro lugar e a causa de Deus em segundo. Os que isso fazem, que devotam a vida ao progresso da verdade a fim de levar muitos filhos e filhas a Deus, têm a promessa de que isso lhes será recompensado cem vezes mais nesta vida, devendo fruir a alegria da vida eterna no mundo futuro. Os que trabalham com ideais nobres e altruístas consagrarão a Deus o corpo, a mente e a vida espiritual. Não buscarão sua exaltação própria; não se sentirão aptos a assumir responsabilidades, mas não se recusarão a elas, porque terão o desejo de fazer tudo quanto lhes seja possível. Estes não buscarão as próprias conveniências; a pergunta que farão é: Qual é o dever? (T5, p. 361-366).

SOCIEDADE COM CRISTO

A bênção de Deus repousará sobre os que em _____ têm a causa de Cristo no coração. As ofertas voluntárias de nossos irmãos e irmãs, feitas com fé e amor para com o Redentor crucificado, lhes trarão bênçãos em troca, pois Deus observa e Se lembra de todo ato de liberalidade por parte de Seus santos. Ao preparar uma casa de adoração, deve haver grande exercício de fé e confiança em Deus. Nas transações comerciais, os que não arriscam nada pouco progresso fazem; por que não ter fé também em um empreendimento para Deus e investir em Sua causa?

Quando pobres, alguns são generosos com o pouco que possuem; mas, ao adquirirem propriedades, tornam-se mesquinhos. O motivo de terem tão pouca fé é que não continuam avançando enquanto prosperam, doando para a causa de Deus, mesmo que seja com sacrifício.

No sistema judaico exigia-se mostrar beneficência para com o Senhor em primeiro lugar. Na colheita e na vindima, os primeiros frutos do campo – o grão, o vinho e o azeite – deviam ser consagrados em oferta ao Senhor. As respigas e os cantos dos campos eram reservados para os pobres. Nosso benévolo Pai celestial não negligenciou as necessidades do pobre. Os primeiros frutos da lã, ao serem tosquiadas as ovelhas, e dos cereais, quando o trigo era trilhado, deviam ser oferecidos ao Senhor; e fora ordenado que os pobres, as viúvas, os órfãos e os estrangeiros fossem convidados para seus banquetes. Ao fim de cada ano, exigia-se de todos que fizessem solene juramento quanto a haverem ou não agido segundo o mandamento de Deus.

Essa medida foi tomada pelo Senhor a fim de gravar no povo a ideia de que, em tudo, Ele devia ser o primeiro. Mediante esse sistema

de beneficência deviam ter em mente que seu benévolo Senhor era o verdadeiro proprietário dos campos, rebanhos e gados que tinham em seu poder; que o Deus do Céu lhes enviava o sol e a chuva para a sementeira e a colheita, e que tudo quanto possuíam era de Sua criação. Tudo era do Senhor, e Ele os fizera mordomos de Seus bens.

A liberalidade dos judeus na construção do tabernáculo e na construção do templo mostra um espírito de beneficência não igualado pelos cristãos de qualquer época posterior. Eles tinham acabado de ser libertados de sua longa servidão no Egito e estavam seguindo pelo deserto. No contexto do livramento dos exércitos egípcios que os perseguiram em sua viagem às pressas, a palavra do Senhor se manifestou a Moisés, dizendo: “Diga aos filhos de Israel que me tragam uma oferta. De todo homem cujo coração o mover para isso, dele vocês receberão a minha oferta” (Êx 25:2).

Seu povo possuía poucos bens, e não eram lisonjeiras as perspectivas de aumentá-los; tinham, porém, um objetivo diante de si – construir um tabernáculo para Deus. O Senhor falara, e deviam obedecer-Lhe à voz. Não retiveram nada. Deram com espírito voluntário, não determinada parte de suas posses, mas grande quantidade do que tinham. Dedicaram-no voluntária e alegremente ao Senhor e foram-Lhe agradáveis assim fazendo. Não Lhe pertencia tudo? Não lhes havia Ele dado tudo quanto tinham? Se Ele o pedia, não era seu dever devolver-Lhe o que era Seu?

Não foi preciso insistência. O povo levou ainda mais do que foi solicitado, sendo-lhes dito que parassem, pois já havia mais do que podiam empregar. Outra vez, ao construírem o templo, o pedido de recursos encontrou corações voluntários em corresponder. Não deram com relutância. Alegravam-se na perspectiva da construção de um edifício para adoração a Deus e deram mais do que o necessário para esse desígnio. Davi bendisse o Senhor diante de toda a congregação, e disse: “Porque quem sou eu, e quem é o meu povo para que pudéssemos dar voluntariamente estas coisas? Porque tudo vem de Ti, e nós só damos o que vem das Tuas mãos” (1Cr 29:14). Em outra parte de sua oração, Davi deu graças nestas palavras: “Senhor, nosso Deus, toda esta abundância que preparamos para edificar um templo ao Teu santo nome vem da Tua mão e é toda Tua” (1Cr 29:16).

Davi compreendia bem de onde lhe vinha toda a abundância. Quem dera que o povo de hoje, que se regozija no amor do Salvador, compreendesse que a prata e o ouro que possuem são do Senhor e devem ser usados de modo a glorificá-Lo, e não retendo-os de má vontade, para enriquecerem e satisfazerem a si mesmos! Ele tem inquestionável direito a tudo quanto emprestou às Suas criaturas. Tudo quanto possuem é Dele. [...]

O espírito de liberalidade é o espírito do Céu; o espírito de egoísmo, o de Satanás. O amor abnegado de Cristo revela-se na cruz. Ele deu tudo quanto tinha e depois deu a Si mesmo para que o homem fosse salvo. A cruz de Cristo é um apelo à beneficência de todo discípulo do bendito Salvador. O princípio aí exemplificado é doar, doar. Isso, realizado em verdadeira beneficência e boas obras, é o legítimo fruto da vida cristã. O princípio dos mundanos é adquirir, adquirir, e assim esperam assegurar a felicidade; levado a efeito em todos os sentidos, porém, o fruto desse princípio é miséria e morte.

Levar a verdade a todos os habitantes da Terra, salvá-los da culpa e da indiferença: essa é a missão dos seguidores de Cristo. Os homens precisam possuir a verdade, a fim de por ela serem santificados, e nós somos os condutos da luz de Deus. Nossos talentos, nossos recursos e nosso conhecimento não se destinam apenas para nosso benefício; devem ser empregados para a salvação de pessoas, a fim de erguer o homem de sua vida de pecado e, mediante Cristo, levá-lo ao infinito Deus.

Devemos ser obreiros zelosos nessa causa, buscando levar os pecadores contritos e crentes ao divino Redentor, impressionando-os com exaltado senso do amor de Deus para com o homem. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16). Que incomparável amor! Assunto para a mais profunda meditação! O surpreendente amor de Deus por um mundo que não O amou! Esse pensamento exerce poder subjugante sobre o coração, e leva a mente cativa à vontade de Deus. Homens loucos por ganho, decepcionados e infelizes em sua perseguição do mundo, necessitam dessa verdade a fim de acalmarem a inquietante fome e sede de seu coração.

Precisam-se, em sua grande cidade, missionários para Deus, a fim de levarem a luz aos que se acham “na [...] sombra da morte” (Mt 4:16). Necessita-se de mãos experientes que, na mansidão da sabedoria e na força da fé, ergam aqueles que estão cansados ao peito do compassivo Redentor. Ah, o egoísmo! Que maldição! Ele nos impede de empenhar-nos no serviço de Deus. Impede-nos de perceber os reclamos do dever, os quais nos devem inflamar o coração de fervoroso zelo. Todas as nossas energias devem ser voltadas para a obediência a Cristo. Dividir nosso interesse com os dirigentes do erro é ajudar o lado errado e dar vantagem aos nossos inimigos. A verdade divina desconhece a transigência com o pecado, a ligação com a astúcia, a aliança com a transgressão. São necessários soldados que sempre respondam à chamada e estejam prontos para ação imediata; não os que, quando deles se necessita, encontram-se auxiliando o inimigo. [...]

Um dos notáveis aspectos dos ensinamentos de Cristo é a frequência e veemência com que Ele repreendia o pecado da avareza e indicava o perigo das aquisições deste mundo e do excessivo amor ao ganho. Nas mansões dos ricos, no templo e nas ruas, Ele advertia aqueles que indagavam acerca da salvação: “Tenham cuidado e não se deixem dominar por qualquer tipo de avareza” (Lc 12:15). “Vocês não podem servir a Deus e às riquezas” (Mt 6:24).

É essa crescente dedicação a ganhar dinheiro – o egoísmo que o desejo de ganho produz – que remove da igreja o favor divino e lhe amortece a espiritualidade. Quando a cabeça e as mãos se ocupam continuamente em planejar e esforçar-se para o acúmulo de riquezas, esquecem-se os reclamos de Deus e da humanidade. Caso Deus nos haja abençoado com prosperidade, não é justo que nosso tempo e atenção sejam desviados Dele e empregados naquilo que Ele nos emprestou. O doador é maior que a dádiva. Não somos de nós mesmos; fomos “comprados por preço” (1Co 6:20). Acaso esquecemos esse preço infinito pago por nossa redenção? Acaso morreu no coração o reconhecimento? A cruz de Cristo não torna vergonhosa a vida de comodidade e satisfação egoístas?

Como seria se Jesus, cansado da ingratidão e dos maus-tratos que se Lhe deparavam de todo lado, houvesse renunciado à Sua obra? Como

seria se Ele nunca houvesse chegado ao ponto em que pudesse dizer: “Está consumado!” (Jo 19:30)? E se houvesse voltado ao Céu, desanimado pela recepção que Lhe fizeram? Como seria se Ele nunca houvesse passado por aquela angústia de coração no jardim do Getsêmani, angústia que Lhe forçou através dos poros aquelas grandes gotas de sangue!

Em Seu serviço pela redenção da humanidade, Cristo foi influenciado por um amor sem igual e pela consagração à vontade de Seu Pai. Lutou pelo bem do homem até a própria hora de Sua humilhação. Passou a vida na pobreza e abnegação em favor do degradado pecador. Não teve, no mundo que era Seu, um lugar em que repousar a cabeça cansada. Estamos colhendo os frutos desse infinito sacrifício; mas, ao haver trabalho para fazer, ao ser necessário nosso dinheiro para ajudar a obra do Redentor na salvação de pessoas, recuamos do dever e pedimos que sejamos desculpados. Vil negligência, indiferença imprudente e ímpio egoísmo nos bloqueiam os sentidos aos pedidos de Deus.

Ah, deve Cristo, a Majestade do Céu, o Rei da glória, carregar a pesada cruz, usar a coroa de espinhos e beber o cálice de amargura, enquanto nós nos reclinamos comodamente, glorificando a nós mesmos e esquecendo as pessoas por cuja redenção Ele morreu, vertendo o precioso sangue? Não! Devemos doar enquanto podemos e agir enquanto temos forças. Trabalhemos enquanto é dia. Consagremos tempo e dinheiro ao serviço de Deus, para que Lhe tenhamos a aprovação e recebamos a recompensa (T4, p. 69-74).

DESONESTIDADE NA IGREJA

“Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males” (1Tm 6:10).

Alguns que professam a verdade não suportam a tentação nesse ponto. Entre mundanos nesta geração, os maiores crimes são perpetrados devido ao amor ao dinheiro. Se a riqueza não pode ser assegurada por meio de trabalho honesto, os homens recorrerão à fraude, ao engano e ao crime a fim de obtê-la. A taça da iniquidade está quase cheia, e a justiça retributiva de Deus está para descer sobre os culpados. Viúvas são roubadas em seus escassos recursos por advogados e professos amigos interessados, e pobres são levados a sofrer pela falta de coisas indispensáveis à vida, por causa da desonestidade que é praticada a fim de satisfazer a extravagância. O terrível registro de crime em nosso mundo é suficiente para gelar o sangue e encher o coração de pavor; mas o fato de que os mesmos males estão avançando até entre aqueles que professam crer na verdade, os mesmos pecados praticados em maior ou menor grau, apela a uma profunda humilhação do ser.

O ser humano que sinceramente teme a Deus preferiria trabalhar noite e dia, sofrer privação e comer o pão da pobreza do que condescender com a obsessão pelo ganho que oprimiria a viúva e o órfão ou destituiria o estranho de seu direito. Os crimes que são cometidos por causa do amor à exibição e ao dinheiro transformam este mundo em um covil de ladrões e salteadores e fazem os anjos chorarem. Mas os cristãos são peregrinos na Terra; estão em terra estranha, parando, por assim dizer, por apenas uma noite. Nosso lar está nas mansões que Jesus foi preparar-nos. Esta vida é apenas um vapor que se desfaz. [...]

A incredulidade e os pecados do antigo Israel foram apresentados perante mim, e vi que erros e iniquidade semelhantes existem entre o moderno Israel. A pena da Inspiração registrou seus crimes para o benefício daqueles que vivem nestes últimos dias, para que possam evitar seu mal exemplo. Acã cobiçou e escondeu uma barra de ouro e uma boa veste babilônica, que foram tomados como espólio do inimigo. Mas o Senhor havia declarado a cidade de Jericó amaldiçoada e ordenado que as pessoas não tomassem despojos de seus inimigos para seu próprio uso. “Quanto a vocês, cuidem para não ficar com nenhuma das coisas condenadas, para não acontecer que, depois de as terem condenado, vocês as tomem para si. Neste caso, tornariam maldito o arraial de Israel e trariam confusão a ele. Porém toda prata, ouro e utensílios de bronze e de ferro são consagrados ao Senhor; irão para o seu tesouro” (Js 6:18, 19).

Entretanto, Acã, da tribo de Judá, tomou o objeto amaldiçoado, e a ira do Senhor acendeu-se contra os filhos de Israel. Quando os exércitos de Israel saíram para combater o inimigo, foram repelidos e tiveram de recuar, e alguns deles foram mortos. Isso trouxe grande desânimo sobre o povo. Josué, seu líder, ficou perplexo e confuso. Na maior humilhação, ele caiu sobre seu rosto e orou: “Ah! Senhor Deus, por que fizeste este povo passar o Jordão, para nos entregares nas mãos dos amorreus, para sermos destruídos? Antes tivéssemos nos contentado em ficar do outro lado do Jordão! Ah! Senhor, que direi? Pois Israel virou as costas diante dos seus inimigos! Quando os cananeus e todos os moradores da terra ouvirem isto, nos cercarão e apagarão o nosso nome da face da terra; e, então, que farás ao teu grande nome?” (Js 7:7-9).

A resposta do Senhor a Josué foi: “Levante-se! Por que você está assim prostrado sobre o seu rosto? Israel pecou. Quebraram a minha aliança, aquilo que eu lhes havia ordenado, pois tomaram das coisas condenadas, furtaram, mentiram e até debaixo da sua bagagem o puseram” (v. 10, 11). Acã havia roubado aquilo que era reservado por Deus e colocado em Seu tesouro; e também dissimulou, porque, quando viu o acampamento de Israel perturbado, não confessou sua culpa, pois sabia que Josué havia repetido as palavras do Senhor ao

povo, que se o povo se apoderasse daquilo que Deus havia separado, o acampamento de Israel seria perturbado.

Enquanto se alegrava em seu ganho adquirido impiamente, sua segurança foi despedaçada; ele fica sabendo que uma investigação deve ser feita. Isso o torna inquieto. Repete vez após vez para si mesmo: “O que eles têm a ver com isso? Eu sou responsável por meus atos.” Ele, aparentemente, assume um semblante corajoso e da maneira mais convincente condena o culpado. Se tivesse confessado, teria sido salvo, mas o pecado endurece o coração, e ele continua a afirmar sua inocência. Em meio a tão grande multidão, pensa que escapará da investigação. Sortes são lançadas para descobrir o ofensor; a sorte cai sobre a tribo de Judá. O coração de Acã começa a pulsar com temor de culpa, pois ele é dessa tribo, mas ainda se vangloria de poder escapar. A sorte é lançada novamente, e a família à qual pertence é apontada. Josué pode ver estampada a culpa no pálido semblante. A sorte novamente é lançada e identifica o ser humano infeliz. Ali está ele em pé, apontado pelo dedo de Deus como o culpado que causou toda aquela perturbação.

Se, quando Acã se deixou levar pela tentação, tivesse sido indagado se desejava provocar tal derrota e morte no acampamento de Israel, ele teria respondido: “Não, não! É seu servo um cão para fazer tão grande maldade?” Mas ele se deteve na tentação para satisfazer a própria cobiça e, quando a oportunidade se apresentou, foi além daquilo que havia proposto em seu coração. É exatamente dessa maneira que membros individuais da igreja são imperceptivelmente levados a ofender o Espírito de Deus, a defraudar seus semelhantes e acarretar o desagrado de Deus sobre a igreja. Ninguém vive para si mesmo. Vergonha, derrota e morte foram levadas sobre Israel pelo pecado de um só homem. Aquela proteção que lhes havia abrigado a cabeça no dia da batalha foi retirada. Vários pecados que são praticados e acariciados por professos cristãos causam o desagrado de Deus sobre a igreja. No dia em que o livro de registro do Céu for aberto, o Juiz não expressará em palavras ao ser humano sua culpa, mas lançará um olhar profundo e convincente, e todo ato e toda transação da vida estarão vividamente gravados sobre a memória do malfeitor. A pessoa não precisará, como

no tempo de Josué, ser procurada da tribo à família, mas os próprios lábios confessarão sua vergonha, seu egoísmo, sua cobiça, desonestidade, dissimulação e fraude. Seus pecados, ocultos ao conhecimento do homem, serão então proclamados, por assim dizer, do alto dos telhados [...]

As igrejas populares estão cheias de homens que, embora apresentando uma pretensão de servir a Deus, são ladrões, assassinos, adúlteros e fornicadores; aqueles, porém, que professam nossa humilde fé reivindicam um padrão mais elevado. Eles devem ser cristãos bíblicos; devem ser diligentes no estudo do Manual da vida. De maneira cuidadosa e com oração devem examinar os motivos que os levam à ação. Aqueles que desejam colocar sua confiança em Cristo devem começar a estudar as belezas da cruz agora. Se desejam ser cristãos vivos, devem começar a temer e obedecer agora. Se quiserem, podem livrar sua vida da ruína e ter êxito em obter a vida eterna.

O costume de enganar nos negócios, que existe no mundo, não é exemplo para os cristãos. Eles não devem desviar-se da perfeita integridade, mesmo nas mínimas questões. Vender um artigo por preço maior do que seu valor, tirando vantagem da ignorância dos compradores, é fraude. Ganhos ilegais, pequenos truques em negócios, exagero, competição, oferecer uma quantia inferior a um irmão que está procurando fazer um negócio honesto – essas coisas estão corrompendo a pureza da igreja e são prejudiciais à sua espiritualidade.

O mundo dos negócios não está fora dos limites do governo de Deus. O cristianismo não deve ser meramente mostrado no sábado e exibido na igreja; é para todos os dias da semana e todos os lugares. Suas exigências devem ser reconhecidas e obedecidas na oficina de trabalho, no lar, nas transações comerciais com os irmãos e com o mundo. Para muitos, o mundanismo atrativo obscurece o verdadeiro sentido da obrigação cristã. A religião de Cristo terá uma influência sobre o coração que controlará a vida. Homens possuindo o genuíno artigo da verdadeira religião revelarão em todas as suas transações comerciais tão clara percepção do que é correto como quando oferecem suas súplicas diante do trono da graça. A vida, com todo o seu potencial,

pertence a Deus e deve ser usada para promover Sua glória em vez de ser pervertida ao serviço de Satanás no defraudar nossos semelhantes.

Satanás tem sido o conselheiro de alguns. Ele lhes diz que se desejam prosperar devem atender ao seu conselho: “Não sejam excessivamente confiantes a respeito de honra e honestidade; procurem dedicadamente seu próprio interesse e não sejam levados pela piedade, suavidade e generosidade. Não precisam cuidar da viúva e do órfão. Não os encorajem a procurá-los e a depender de vocês; que eles cuidem de si mesmos. Não perguntem se têm alimento ou se vocês podem beneficiá-los com bondosa e prudente atenção. Cuidem de si mesmos. Peguem tudo quanto puderem. Roubem a viúva e o órfão e tirem do estrangeiro seu direito, e terão recursos para suprir suas várias necessidades.” Alguns têm acatado este conselho e desprezado Aquele que disse: “A religião pura e sem mácula para com o nosso Deus e Pai é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições e guardar-se incontaminado do mundo” (Tg 1:27).

Satanás oferece aos seres humanos os reinos do mundo se lhe concederem a supremacia. Muitos fazem isso e perdem o Céu. Antes morrer do que pecar; é melhor passar necessidade do que defraudar; melhor passar fome do que mentir. Que todos os que são tentados enfrentem Satanás com as palavras: “Bem-aventurado aquele que teme o Senhor e anda nos seus caminhos! Você comerá do fruto do seu trabalho, será feliz, e tudo irá bem com você” (Sl 128:1, 2). Aqui está uma condição e uma promessa que serão inegavelmente cumpridas. Felicidade e prosperidade serão o resultado de servir ao Senhor (T4, p. 424-428).

LEGADO VALIOSO

Na reunião campal em Vermont, em 1870, eu me senti impelida pelo Espírito de Deus a apresentar um testemunho franco sobre o dever de pais idosos e ricos quanto à disposição de sua propriedade. Foi-me mostrado que algumas pessoas perspicazes, prudentes e atentas na transação de negócios em geral, pessoas que se destacam por prontidão e meticulosidade, mostram uma falta de previsão e presteza quanto à disposição adequada de sua propriedade enquanto vivem. Não sabem quão logo seu tempo de graça pode terminar. No entanto, passam de ano a ano com seus negócios não resolvidos e, muitas vezes, sua vida termina quando já não fazem uso da razão. Ou podem morrer repentinamente, sem um momento de aviso, e sua propriedade é disposta de um modo que não teriam aprovado. Essas pessoas são culpadas de negligência – são administradoras infieis.

Cristãos que creem na verdade presente devem manifestar sabedoria e previdência. Não devem negligenciar a disposição de seus recursos, esperando uma oportunidade favorável de ajustar seus negócios durante uma longa enfermidade. Devem manter seus negócios de tal forma que, se fossem chamados a qualquer hora para deixá-los e não pudessem escolher quaisquer critérios, pudessem ser solucionados como gostariam que fossem se estivessem vivos. Muitas famílias têm sido defraudadas desonestamente de toda a sua propriedade e ficaram sujeitas à pobreza, porque o trabalho que podia ter sido bem-feito em uma hora foi negligenciado. Aqueles que preparam seu testamento não devem poupar esforço ou despesa para obter conselho jurídico e preparar-se de modo a resistir à prova. [...]

Uns colocam seus recursos fora do próprio controle, pondo-os nas mãos dos filhos. Seu motivo secreto é colocarem-se em uma posição onde não se sintam responsáveis por dar de seus bens para propagar a verdade. “Filhinhos, não amemos de palavra, nem da boca para fora, mas de fato e de verdade” (1Jo 3:18). Não entendem que é o dinheiro do Senhor que estão administrando, não o seu.

Os pais devem ter grande temor de confiar aos filhos os talentos de bens que Deus lhes pôs nas mãos, a menos que tenham a absoluta certeza de que seus filhos têm maior interesse, amor e devoção pela causa de Deus do que eles mesmos, e que esses filhos serão mais fervorosos e zelosos em promover a obra de Deus e mais benevolentes em fazer prosperar os vários empreendimentos relacionados a ela que necessitam de recursos. Mas muitos colocam seus bens nas mãos dos filhos, transferindo a eles a responsabilidade da própria administração dos bens porque Satanás os leva a assim proceder. Fazendo dessa maneira, estão efetivamente pondo esses recursos no lado do inimigo. Satanás controla a questão de forma a satisfazer aos seus propósitos e afastar da causa de Deus os recursos de que necessita para que seja abundantemente mantida.

Muitos que têm feito elevada profissão de fé são deficientes em boas obras. Se mostrassem sua fé pelas obras, poderiam exercer poderosa influência a favor da verdade. Mas não aplicam os talentos de recursos que lhes foram confiados por Deus. Os que pensam acalmar a consciência transferindo seus bens aos filhos, ou retendo-os da causa de Deus, e deixando-os nas mãos de filhos descrentes e irresponsáveis para que esbanjem ou acumulem e os adorem, prestarão contas a Deus. São administradores infieis do dinheiro do Senhor. Eles permitem que Satanás os domine por meio dos filhos, cuja mente está sob seu controle. Os propósitos de Satanás são alcançados de muitas maneiras, enquanto os administradores de Deus parecem estupefatos e paralisados, pois não compreendem a grande responsabilidade e o ajuste de contas que deve em breve acontecer. [...]

Aqueles que se familiarizaram com os princípios da verdade devem seguir de perto a Palavra de Deus como seu guia. Devem dar a Deus as coisas que são de Deus. Foi-me mostrado que muitos em Vermont

estavam cometendo um grande erro quanto a apropriar-se dos recursos que Deus lhes confiara. Estavam passando por alto as reivindicações de Deus sobre tudo que eles têm. Seus olhos eram cegados pelo inimigo da justiça, e estavam seguindo uma conduta que seria desastrosa para eles e para os filhos.

Os filhos estavam influenciando seus pais a deixar sua propriedade em suas mãos para a usarem segundo seu critério. Se com a luz da Palavra de Deus, tão simples e clara em relação a dinheiro emprestado a administradores, e com as advertências e reprovações que Deus tem dado por meio dos Testemunhos quanto à disposição de seus bens, se com toda essa luz diante deles os filhos direta ou indiretamente influenciam os pais a dividir a propriedade enquanto vivem ou a passá-la em testamento aos filhos para que a recebam depois da morte de seus pais, eles assumem responsabilidades terríveis. Filhos de pais idosos que professam amar a verdade devem, no temor de Deus, aconselhar e pleitear com seus pais a serem leais à sua profissão de fé e a tomarem uma decisão que Deus possa aprovar quanto aos seus bens. Os pais devem depositar para si tesouros no Céu doando seus bens eles mesmos para o avanço da causa de Deus. Não devem privar-se do tesouro celeste deixando um excesso de bens para aqueles que têm suficiente, pois assim fazendo não só se privam do privilégio precioso de depositar no Céu um tesouro que não falha, mas roubam da tesouraria de Deus.

Eu declarei na reunião campal que, quando a propriedade é deixada principalmente para os filhos, enquanto nada é doado à causa de Deus, ou apenas uma ninharia que não merece ser mencionada, essa propriedade normalmente se demonstraria uma maldição aos que a herdam. Seria uma fonte de tentação e abriria a porta pela qual correriam o risco de cair em concupiscências perigosas e nocivas.

Os pais devem exercer o direito que Deus lhes concedeu. Ele lhes confiou os talentos que quer que usem para Sua glória. Os filhos não devem se tornar responsáveis pelos talentos dos pais. Enquanto tiverem mente sã e bom juízo, os pais devem dispor de suas propriedades, com piedosa consideração e auxílio dos devidos conselheiros que tenham experiência na verdade e conhecimento da vontade divina. Se tiverem filhos que

estejam sendo afligidos ou lutando com a pobreza, e que farão bom uso do dinheiro, eles devem ser levados em consideração. Porém, se têm filhos descrentes com fartura dos bens deste mundo e que estejam servindo ao mundo, cometem um pecado contra o Mestre que os tornou Seus mordomos ao colocarem bens nas mãos deles só porque são seus filhos. As exigências de Deus não devem ser consideradas de forma leviana.

Deve-se compreender distintamente que o fato de os pais já terem feito seu testamento não os priva de doar recursos à causa de Deus enquanto vivem. E isso é o que devem fazer. Devem ter, aqui, a satisfação e, na vida futura, a recompensa de disporem dos recursos excedentes enquanto viverem. Devem fazer sua parte no progresso da causa de Deus. Devem usar os bens que lhes foram emprestados pelo Mestre para levar avante a obra que deve ser feita em Sua vinha.

“Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males” (1Tm 6:10). Os pais que, de forma egoísta, retêm seus recursos para enriquecer os filhos e que não veem as necessidades da causa de Deus nem as aliviam cometem um erro terrível. Os filhos a quem pensam abençoar com seus recursos são com isso amaldiçoados.

O dinheiro deixado para os filhos frequentemente se torna uma “raiz de amargura” (Hb 12:15). Muitas vezes, brigam por causa da propriedade que lhes foi deixada e, em caso de testamento, raras vezes estão todos satisfeitos com a distribuição feita pelo pai. Em vez de os bens deixados despertarem gratidão e reverência em sua memória, criam insatisfação, reclamação, inveja e desrespeito. Irmãos e irmãs que estavam em paz uns com os outros são às vezes postos em desacordo, havendo frequentemente desavença na família como resultado de bens herdados. As riquezas são apenas desejáveis como um meio de suprir as necessidades presentes e de fazer bem aos outros. Mas as riquezas herdadas frequentemente se tornam uma armadilha para quem as possui, em vez de uma bênção. Os pais não devem procurar fazer com que os filhos encontrem as tentações a que eles os expõem ao lhes deixarem dinheiro que nenhum esforço fizeram para adquirir.

Foi-me mostrado que alguns filhos que professam crer na verdade influenciam indiretamente o pai a guardar seus bens para eles em vez

de os empregar na causa de Deus enquanto vive. Os que assim têm influenciado o pai a transferir para eles sua mordomia mal sabem o que estão fazendo. Estão acumulando sobre si mesmos dupla responsabilidade: a de influenciar a mente do pai de tal modo que ele não cumpra o propósito de Deus na distribuição dos recursos que por Ele lhe foram confiados para serem usados para Sua glória, e a responsabilidade adicional de se tornarem administradores dos recursos que deveriam ter sido dados pelo pai aos “banqueiros”, para que o Mestre pudesse receber com juros o que Lhe pertence (Mt 25:27).

Muitos pais cometem um grande erro ao passarem a propriedade de suas mãos para as dos filhos enquanto eles mesmos são responsáveis pelo uso ou abuso dos talentos que Deus lhes emprestou. Nem os pais nem os filhos se tornam mais felizes por essa transferência de propriedade. E, se viverem uns poucos anos mais, os pais se arrependem, como geralmente acontece, da atitude que tomaram. Esse procedimento não aumenta o amor dos pais por seus filhos. Os filhos não sentem maior gratidão e obrigação para com os pais por sua liberalidade. Parece haver uma maldição na raiz dessa questão, cuja colheita é apenas o egoísmo da parte dos filhos, a infelicidade e o terrível sentimento de estrita dependência da parte dos pais.

Se os pais, enquanto vivem, ajudassem os filhos a cuidar de si mesmos, seria melhor do que lhes deixar uma grande quantia ao morrerem. Os filhos a quem se deixa confiar principalmente nos próprios esforços tornam-se melhores homens e mulheres e estão mais bem habilitados para a vida prática do que os que dependem dos bens do pai. Os filhos que dependem dos próprios recursos geralmente prezam sua capacidade, aproveitam seus privilégios e cultivam e dirigem suas habilidades no sentido de alcançar um propósito na vida. Geralmente desenvolvem hábitos de operosidade, economia e valor moral, que são o fundamento do êxito na vida cristã. Os filhos por quem os pais mais fazem frequentemente são os que menos obrigação sentem para com eles. Os erros dos quais falamos têm existido em _____. Pais têm transferido sua administração aos filhos (T3, p. 101-106).

DÍZIMOS E OFERTAS

A missão da igreja de Cristo é salvar os pecadores que estão a perecer. É divulgar o amor de Deus aos homens, conquistando-os para Cristo pela eficácia daquele amor. A verdade para este tempo deve ser levada aos tenebrosos recantos da Terra, e essa obra pode começar em casa. Os seguidores de Cristo não devem viver de forma egoísta; antes, imbuídos do Espírito de Cristo, trabalhar em harmonia com Ele.

Há motivos para a frieza e incredulidade atuais. O amor ao mundo e os cuidados da vida separam o coração de Deus. A água da vida precisa estar em nós, de nós fluindo, jorrando para a vida eterna. Devemos realizar exteriormente aquilo que Deus realiza no interior. Caso o cristão queira fruir a luz da vida, precisa aumentar seus esforços para levar outros ao conhecimento da verdade. Sua vida deve caracterizar-se pelo esforço e sacrifício para beneficiar a outros; então não haverá queixa de falta de satisfação.

Os anjos acham-se sempre empenhados em trabalhar pela felicidade dos outros. É esse seu prazer. Aquilo que seria considerado serviço humilhante por parte de corações egoístas – servir aos que são indignos e considerados inferiores em caráter e posição – é a obra dos puros e inocentes anjos nas reais cortes celestiais. O espírito de abnegado amor de Cristo é o que domina no Céu, constituindo a própria essência de sua bem-aventurança.

Os que não experimentam nenhum prazer especial em buscar ser uma bênção aos outros, em trabalhar, mesmo com sacrifício, para lhes fazer bem, não podem ter o espírito de Cristo ou do Céu; pois não têm união com a obra dos santos anjos nem podem participar da bem-aventurança que lhes comunica elevada alegria. Cristo afirmou: “Digo

a vocês que, assim, haverá mais alegria no Céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento” (Lc 15:7). Se a alegria dos anjos é ver os pecadores se arreponderem, não será o regozijo dos pecadores, salvos pelo sangue de Jesus, ver outros se arreponderem e voltarem para Cristo por intermédio deles? Em trabalhar em harmonia com Cristo e os santos anjos experimentaremos uma alegria que só pode ser sentida nessa obra.

Os princípios da cruz de Cristo levam todos quantos crêem à rigorosa obrigação de negarem a si mesmos, comunicarem luz aos outros e darem de seus recursos para difundir a luz. Se eles se acharem em comunhão com o Céu, vão empenhar-se na obra em harmonia com os anjos.

O princípio dos mundanos é tirar o máximo que lhes for possível das coisas perecíveis desta vida. O amor ao lucro egoísta é o princípio dominante de sua vida. A mais pura alegria, porém, não se encontra em riquezas nem na cobiça que sempre deseja ansiosamente mais, mas onde reina contentamento e onde o abnegado amor é o princípio dominante. Há milhares de criaturas que passam a vida na satisfação de suas inclinações, mas cujo coração vive cheio de pesar. São vítimas do egoísmo e do descontentamento, no esforço inútil de satisfazer o espírito pela condescendência com o próprio eu. Em sua fisionomia, no entanto, acha-se estampada a infelicidade, e atrás dela se encontra um deserto pela ausência de boas obras em sua vida.

À medida que o amor de Cristo nos enche o coração e nos rege a vida, a cobiça, o egoísmo e o amor da comodidade serão vencidos, e nosso prazer consistirá em fazer a vontade de Cristo, de quem professamos ser servos. Nossa felicidade será proporcional às nossas obras abnegadas, inspiradas pelo amor de Jesus. No plano da salvação, a sabedoria divina designou a lei da ação e reação, tornando a obra de beneficência em todos os seus ramos duplamente bendita. O que dá aos necessitados beneficia a outros, e é ele próprio beneficiado em grau ainda maior. Deus poderia haver conseguido Seu objetivo na salvação dos pecadores sem o auxílio do homem; sabia, porém, que o homem não podia ser feliz sem desempenhar uma parte na grande obra em que cultivaria a abnegação e a beneficência. [...]

Quando o amor ao mundo toma posse do coração e se torna paixão dominante, não fica margem para a adoração a Deus, pois as mais elevadas faculdades da mente se subordinam à servidão de Mamom e não podem reter os pensamentos acerca de Deus e do Céu. A mente perde a lembrança do Senhor, estreitando-se e atrofiando-se na acumulação de dinheiro.

Em virtude do egoísmo e amor do mundo, esses homens têm vivido cada vez com menos percepção da magnitude da obra para estes últimos dias. Não educaram a mente de modo a fazer do servir a Deus sua ocupação. Não têm experiência nesse sentido. Suas posses lhes absorvem as afeições e ofuscam a magnitude do plano da salvação. Enquanto prosperam e ampliam seus empreendimentos mundanos, não veem necessidade alguma de expansão e progresso da obra de Deus. Empregam os recursos de que dispõem em coisas temporais e não nas eternas. O coração ambiciona mais recursos. Deus os tornou depositários de Sua lei, de modo que deixem brilhar para os outros a luz que tão generosamente lhes foi concedida. Mas têm por tal forma aumentado as próprias preocupações e ansiedades que não têm tempo de beneficiar outros com sua influência, de conversar com os vizinhos, de orar com eles e por eles e procurar trazê-los ao conhecimento da verdade.

Esses homens são responsáveis pelo bem que poderiam fazer, mas se justificam por causa de cuidados e encargos mundanos que lhes obscurecem a mente e absorvem as afeições. Pessoas por quem Cristo morreu poderiam ser salvas por seus esforços pessoais e um piedoso exemplo. Almas preciosas estão a perecer por falta da luz que Deus deu aos homens para que refletisse no caminho dos outros. A preciosa luz, no entanto, é oculta sob o alqueire e não ilumina os que estão na casa. [...]

A grande obra que Jesus anunciou que viera fazer foi confiada aos Seus seguidores na Terra. Cristo, como nosso cabeça, serve de guia na grande obra de salvação e pede-nos que Lhe sigamos o exemplo. Deu-nos uma mensagem mundial. Essa verdade deve estender-se a todas as nações, línguas e povos. O poder de Satanás devia ser contestado, e ele vencido por Cristo e também por Seus seguidores.

Ampla guerra deveria ser mantida contra os poderes das trevas. E a fim de fazer essa obra com êxito, são necessários recursos. Deus não

Se propõe a mandá-los diretamente do Céu, mas põe nas mãos de Seus seguidores meios para que sejam usados com o propósito definido de manter essa luta.

Ele deu ao Seu povo um plano para levantar fundos suficientes para financiar seus empreendimentos. O plano divino do sistema do dízimo é belo em sua simplicidade e equidade. Todos podem praticá-lo com fé e ânimo, pois é de origem divina. A simplicidade e a utilidade se aliam nele, e não se exige conhecimentos profundos para compreendê-lo e executá-lo. Todos podem sentir que lhes é possível ter parte em promover a preciosa obra de salvação. Todo homem, mulher e jovem podem se tornar tesoureiros do Senhor e agentes em atender às exigências sobre o tesouro. Diz o apóstolo: “No primeiro dia da semana, cada um de vocês separe uma quantia, conforme a sua prosperidade, e vá juntando” (1Co 16:2).

Grandes objetivos se conseguem com esse sistema. Se todos o aceitassem, cada um se tornaria vigilante e fiel tesoureiro de Deus, e não haveria falta de dinheiro para levar avante a grande obra de anunciar a última mensagem de advertência ao mundo. O tesouro ficará cheio se todos adotarem esse sistema, e os contribuintes não ficarão mais pobres. A cada depósito feito, eles se tornarão mais ligados à causa da verdade presente. Estarão acumulando “para si mesmos um tesouro que é sólido fundamento para o futuro, a fim de tomarem posse da verdadeira vida” (1Tm 6:19).

À medida que os obreiros perseverantes, sistemáticos, virem que a tendência de seus beneficentes esforços é nutrir o amor para com Deus e seus semelhantes, e que seus esforços pessoais estão a estender-lhes a esfera de utilidade, compreenderão que é grande bênção ser cooperadores de Cristo. A igreja cristã, de modo geral, está se negando às reivindicações de Deus quanto a darem ofertas do que possuem para sustentar a luta contra as trevas morais que vão inundando o mundo. A obra de Deus nunca poderá progredir como deve enquanto os seguidores de Cristo não se tornarem obreiros ativos e zelosos.

Todo indivíduo na igreja deve sentir que a verdade que ele professa é uma realidade, e todos devem ser obreiros desinteressados. Alguns ricos se acham inclinados a murmurar por estar a obra de Deus se ampliando

e haver pedidos de dinheiro. Dizem que não têm fim esses pedidos. Surge continuamente um objetivo após outro, demandando auxílio. A esses, gostaríamos de dizer que esperamos que a causa de Deus se estenda de tal modo que haja maior ocasião e mais frequentes e urgentes apelos quanto às provisões do tesouro para prosseguir com a Obra.

Se o plano da doação sistemática fosse adotado por todo indivíduo, sendo plenamente levado avante, haveria constante suprimento no tesouro. A renda fluiria para ele qual constante corrente, sem cessar, provida pelas fontes transbordantes da beneficência. O dar ofertas faz parte da religião evangélica. Não nos impõe a consideração do infinito preço pago por nossa redenção obrigações solenes, do ponto de vista financeiro, da mesma maneira que reivindica de nós a dedicação de todas as nossas energias à obra do Mestre?

Teremos contas a ajustar com o Mestre, quando Ele disser: “Preste contas da sua administração” (Lc 16:2). Se os homens preferirem pôr de lado as reivindicações de Deus e apegarem-se a tudo quanto Ele lhes dá, retendo-o de forma egoísta, Ele Se calará por agora e continuará a prová-los constantemente, mediante o acréscimo de Suas liberalidades, deixando fluírem Suas bênçãos, e esses homens poderão continuar a receber honras de seus semelhantes e não ser censurados na igreja; mas finalmente Ele dirá: “Preste contas da sua administração” (Lc 16:2). Cristo diz: “Em verdade lhes digo que, sempre que o deixaram de fazer a um destes mais pequeninos, foi a mim que o deixaram de fazer” (Mt 25:45). “Vocês não pertencem a vocês mesmos”, “porque vocês foram comprados por preço” (1Co 6:19, 20), e estão na obrigação de glorificar a Deus com seus recursos, com seu corpo e espírito, que são Dele. “Foram comprados por preço” (v. 20), “não foi mediante coisas perecíveis, como prata ou ouro”, “mas pelo precioso sangue de Cristo” (1Pe 1:18, 19). Ele pede uma devolução dos dons que nos confiou para ajudar na salvação de pessoas. Ele deu Seu sangue; pede nosso dinheiro. É mediante Sua pobreza que nos tornamos ricos; nos recusaremos a devolver-Lhe Suas dádivas? (T3, p. 315-323).

O AMOR AO MUNDO

A tentação apresentada por Satanás ao nosso Salvador no topo da grande montanha é uma das mais poderosas que a humanidade tem de enfrentar. A Cristo foram oferecidos por Satanás os reinos deste mundo com sua glória, sob a condição de que lhe desse a honra devida a um superior. Nosso Salvador sentiu a força dessa tentação; enfrentou-a, porém, em nosso favor e saiu vitorioso. Ele não teria sido testado nesse ponto se o ser humano não tivesse de ser provado pela mesma tentação. Em Sua resistência, deu-nos o exemplo do caminho que devemos seguir quando o inimigo nos ataca individualmente, a fim de desviar-nos da integridade.

Pessoa alguma pode ser seguidora de Cristo e colocar as afeições nas coisas deste mundo. Em sua primeira epístola, João escreve: “Não amem o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele” (1Jo 2:15). Nosso Redentor, que enfrentou essa tentação de Satanás em toda a sua força, conhece o perigo em que está o homem de ceder à tentação de amar o mundo.

Cristo identificou-Se com a humanidade suportando a prova nesse ponto e vencendo em favor do homem. Com advertências, Ele protegeu os próprios pontos em que o inimigo seria mais bem-sucedido ao tentar a criatura. Sabia que Satanás obteria a vitória sobre o homem, a menos que este se guardasse especialmente no sentido do apetite e do amor às riquezas e honras mundanas. Ele diz: “Não acumulem tesouros sobre a terra, onde as traças e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntem tesouros no céu, onde as traças e a ferrugem não corroem, e onde ladrões não escavam, nem roubam. Porque, onde

estiver o seu tesouro, aí estará também o seu coração. [...] Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou irá odiar um e amar o outro, ou irá se dedicar a um e desprezar o outro. Vocês não podem servir a Deus e às riquezas” (Mt 6:19-21, 24).

Cristo nos apresenta aí dois senhores, Deus e o mundo, e mostra claramente que nos é simplesmente impossível servir a ambos. Se nosso interesse e amor pelo mundo predominam, não valorizamos as coisas que, acima de todas as outras, são dignas de nossa atenção. O amor do mundo exclui o amor de Deus, fazendo com que nossos mais altos interesses sejam subordinados às considerações mundanas. Assim, o Senhor não ocupa em nossa afeição e devoção o exaltado lugar tomado pelas coisas do mundo.

Nossas obras manifestarão a extensão exata ocupada pelos tesouros terrestres em nossas afeições. Devota-se o máximo cuidado, ansiedade e esforço aos interesses mundanos, ao passo que as considerações eternas têm lugar secundário. Nisso Satanás recebe dos homens aquela homenagem que reivindicou de Cristo, sem o conseguir. É o amor egoísta ao mundo que corrompe a fé dos professos seguidores de Cristo, tornando-os fracos em força moral. Quanto mais amam suas riquezas terrenas, tanto mais longe se afastam de Deus, e tanto menos participam de Sua natureza divina, a qual lhes comunicaria a percepção das corruptoras influências do mundo e dos perigos a que se acham expostos.

Com suas tentações, Satanás tem o intuito de tornar o mundo muito atrativo. Por meio do amor às riquezas e honras mundanas, exerce um fascinante poder para atrair as afeições até do professo mundo cristão. Grande parte dos cristãos professos faz todo sacrifício para adquirir riquezas; e quanto mais bem-sucedidos são nesse objetivo, menor é o amor que consagram à preciosa verdade e menor o interesse por seu progresso. Perdem o amor a Deus e procedem como loucos. Quanto mais prosperarem na aquisição das riquezas, mais pobres se sentirão por não terem mais e menos empregarão na causa de Deus.

As obras desses homens possuídos de insano amor às riquezas mostram que não lhes é possível servir a dois senhores, Deus e as riquezas. O dinheiro é o deus deles, ao qual rendem homenagem. Para todos os

efeitos, servem o mundo. Sua honra, que lhes é o direito de primogenitura, é sacrificada pelo ganho deste mundo. Esse poder dominante lhes controla a mente, e eles transgredirão a lei de Deus a fim de servir aos interesses pessoais e aumentar o tesouro terrestre.

Muitos podem professar a religião de Cristo sem amar nem dar ouvidos à letra ou aos princípios de Seus ensinamentos. Dão o melhor de suas energias aos empreendimentos mundanos, curvando-se diante de riquezas. É alarmante ver tantos iludidos por Satanás, tendo a imaginação estimulada por suas chamativas perspectivas de lucro mundano. São absorvidos pela perspectiva de felicidade perfeita se conseguirem seu objetivo de adquirirem honras e fortuna neste mundo. Satanás os tenta com o fascinante engano: “‘Tudo isso lhe darei’ (Mt 4:9), todo esse poder, toda essa riqueza, com a qual podes fazer grande soma de bem.” Uma vez alcançado seu objetivo, no entanto, não têm comunhão com o abnegado Redentor, que os tornaria participantes da natureza divina. Apegam-se aos seus tesouros terrestres e desprezam a abnegação e o sacrifício exigidos por Cristo. Não têm desejo algum de separar-se dos queridos tesouros terrestres em que puseram o coração. Mudaram de senhor; aceitaram as riquezas em lugar de Cristo. As riquezas são seu deus, e servem a elas.

Satanás assegurou para si a adoração desses corações iludidos por meio do amor das riquezas. Tão imperceptível foi a mudança e tão enganoso é o poder satânico, tão astuto, que se acham amoldados ao mundo e não percebem que estão separados de Cristo, não sendo mais servos Seus exceto no nome.

Satanás trata com os homens mais cautelosamente do que o fez com Cristo no deserto da tentação, pois percebe haver ali perdido a causa. É um inimigo vencido. Não vem à pessoa diretamente, exigindo homenagem mediante um culto exterior. Pede simplesmente que se afeioe às boas coisas do mundo. Se é bem-sucedido em seduzir assim a mente e as afeições de alguém, as atrações celestiais ficam ofuscadas para essa pessoa. O que o inimigo realmente quer é que os seres humanos caiam sob o poder enganoso das tentações dele, para amarem o mundo, as glórias, a posição e o dinheiro, fazendo com que

se apeguem aos tesouros deste mundo. Sendo feito isso, consegue tudo quanto pretendia de Cristo.

O exemplo de Cristo nos mostra que nossa única esperança de vitória se acha na contínua resistência aos ataques de Satanás. Aquele que triunfou sobre o adversário dos seres humanos no conflito contra a tentação compreende o poder de Satanás sobre a humanidade e derrotou-o em nosso favor. Como vencedor, deu-nos o benefício de Sua vitória, para que, em nossos esforços para resistir às tentações de Satanás, unamos nossa fraqueza à Sua força, nossa indignidade aos Seus méritos. E, amparados, em meio da forte tentação por Sua infalível força, é-nos dado resistir em Seu todo-poderoso nome e vencer como Ele venceu.

Foi mediante inexprimível sofrimento que nosso Redentor nos pôs ao alcance a redenção. Neste mundo, Ele foi ignorado e desonrado, para que, por meio de Sua maravilhosa condescendência e humilhação, pudesse exaltar o homem para receber as honras celestiais e as alegrias eternas em Seu reino. O homem decaído murmurará porque o Céu só pode ser alcançado por meio de luta, humilhação e fadiga?

A indagação de muitos corações orgulhosos é: Por que preciso andar em humilhação e arrependimento antes de poder ter a certeza de minha aceitação por Deus e alcançar a recompensa eterna? Por que não é mais fácil o caminho para o Céu, mais agradável e atrativo? Remetemos todos esses céticos e murmuradores ao nosso grande Exemplo, sofrendo sob o fardo da culpa do homem e padecendo as mais vivas angústias da fome. Era inocente e, mais que isso, era o Príncipe do Céu, mas, em favor do homem, fez-Se pecado por ele. “Mas Ele foi traspassado por causa das nossas transgressões e esmagado por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas Suas feridas fomos sarados” (Is 53:5).

Cristo sacrificou tudo pela humanidade, a fim de tornar-lhe possível conseguir o Céu. Cabe agora ao homem decaído mostrar o que sacrificará de sua parte por amor de Cristo, de modo a ganhar a glória imortal. Os que têm um justo senso da magnitude da salvação e de seu custo jamais murmurarão por terem de semear em lágrimas, e que abnegação e lutas são o destino do cristão nesta vida. As condições de salvação para

o ser humano são ordenadas por Deus. A humilhação do próprio eu e o levar a cruz, eis as providências tomadas para que o pecador arrependido venha a encontrar conforto e paz. O pensamento de que Jesus Se submeteu à humilhação e ao sacrifício que o homem jamais será chamado a sofrer deve silenciar toda murmuração. A mais doce alegria sobrevém ao ser humano mediante sincero arrependimento para com Deus pela transgressão de Sua lei e fé em Cristo como Redentor e Advogado do pecador.

Com grande custo trabalham os homens a fim de garantir os tesouros desta vida. Passam por árduos esforços e suportam dificuldades e privações para obterem alguma vantagem mundana. Por que seria o pecador menos voluntário para sofrer, resistir e sacrificar no intuito de adquirir um tesouro imperecível, uma vida que se prolonga ao lado da existência de Deus, uma coroa de glória perene, imperecível? Os infinitos tesouros do Céu, a herança que ultrapassa em valor a toda avaliação e é um eterno peso de glória, precisam ser alcançados por nós custe o que custar. Não nos devemos queixar por ser preciso abnegação, pois o Senhor da vida e da glória a exerceu primeiro. Não evitemos os sofrimentos, pois a Majestade do Céu os aceitou em benefício dos pecadores. O sacrifício da comodidade e da conveniência não deve suscitar pensamento de murmuração, uma vez que o Redentor do mundo tudo isso aceitou em nosso favor. Fazendo a mais elevada estimativa de toda nossa abnegação, nossas privações e nossos sacrifícios, isso nos custa, em todos os sentidos, incomparavelmente menos do que custou ao Príncipe da Vida. Qualquer sacrifício que possamos fazer perde o significado quando comparado com o que Cristo fez por nós (T3, p. 396-399).

O PECADO DA AVAREZA

Prezado irmão P, farei mais um esforço para adverti-lo a ser diligente em ganhar o reino. Advertência sobre advertência lhe foram dadas, às quais você não deu atenção. Mas, ah, se mesmo agora você se arrepender de sua conduta errônea do passado e se voltar ao Senhor, pode não ser tarde demais para endireitar coisas erradas! Todas as suas faculdades mentais têm sido devotadas a ganhar dinheiro. Você tem adorado o dinheiro. Ele tem sido seu deus. A vara de Deus paira sobre você. Seus juízos podem alcançá-lo a qualquer momento, e você desce à sepultura despreparado, suas vestes maculadas e manchadas com as corrupções do mundo. Qual é seu registro no Céu? Cada dólar que você tem acumulado tem sido como um elo extra na corrente que o prende a este mundo infeliz. Sua paixão por ganhar dinheiro tem-se fortalecido continuamente. Sua preocupação tem sido como obter mais recursos. Você teve uma experiência terrível, que deve ser uma advertência àqueles que permitem que o amor do mundo tome posse do coração. Você tem se tornado um escravo das riquezas. Que dirá quando o Mestre lhe pedir contas de sua administração? Você tem permitido que o amor por ganhar dinheiro seja o sentimento dominante de sua vida. Está tão intoxicado com o amor do dinheiro como o bêbado com sua bebida alcoólica.

Jesus pleiteou para que a árvore infrutífera fosse poupada um pouco mais; e eu lhe faço mais um apelo para que você exerça não um esforço débil, mas um muito sério, pelo reino. Salve-se da cilada de Satanás, antes que as palavras “Efraim está entregue aos ídolos; é deixá-lo” (Os 4:17) sejam ditas a seu respeito no Céu. Todos os amantes de

dinheiro um dia exclamarão em amarga angústia: “Ah, o engano das riquezas! Troquei minha salvação por dinheiro.” Sua única esperança agora é de fazer não um esforço débil, mas de dar meia-volta. Resolutamente chame para ajudá-lo a força de vontade que você há tanto tempo tem exercido no rumo errado, e agora trabalhe na direção oposta. Essa é a única maneira de você vencer a avareza.

Deus tem mostrado maneiras pelas quais a avareza pode ser vencida – fazendo obras beneficentes. Por sua vida, você está dizendo que aprecia os tesouros do mundo mais do que as riquezas imortais.

Está dizendo: “Adeus, Céu; adeus, vida imortal; escolhi o mundo.” Está trocando a pérola de grande preço por lucro presente. Embora advertido por Deus, embora em Sua providência, Ele, por assim dizer, já colocou seus pés no rio escuro, você ousará cultivar suas propensões ao amor do dinheiro? Haverá, como o último ato de uma vida mal-empregada, exceder-se e reter aquilo que pertence a outro? Vai se convencer que está fazendo justiça ao seu irmão? Vai acrescentar outro ato de intriga e fraude àqueles já inscritos contra você nos registros do alto? Haverá de o golpe do juízo retribuidor de Deus cair sobre você e ser chamado sem aviso a passar pelas águas escuras? [...]

Deus fez uma lei para Seu povo para que um décimo de todo o rendimento seja Seu. Deus diz: “Eu lhes dei nove décimos; Eu peço um décimo de todo rendimento.” O rico reteve aquele décimo de Deus. Se não tivesse feito isso, se tivesse amado a Deus mais do que tudo em vez de amar e servir a si mesmo, não teria acumulado tesouros tão grandes que haveria falta de espaço para armazená-los. Se ele tivesse empregado seus bens para suprir as necessidades de seus irmãos pobres, não teria havido necessidade de derrubar e construir celeiros maiores. Porém, ele tinha desrespeitado os princípios da lei de Deus. Não tinha amado o Senhor de todo o coração e seu próximo como a si mesmo. Se ele tivesse usado sua riqueza como uma doação que Deus lhe emprestara com a qual fazer o bem, teria depositado tesouro no Céu e sido rico em boas obras.

O comprimento e a utilidade da vida não consistem no montante de nossos bens terrestres. Aqueles que usam sua riqueza fazendo o bem

não verão necessidade de grandes acúmulos neste mundo, porque o tesouro que é usado para promover a causa de Deus e que é ofertado em nome de Cristo aos necessitados é dado a Cristo, e Ele o deposita para nós no banco do Céu em cofres que não envelhecem. Aquele que faz isso é rico para com Deus, e o coração estará onde seus tesouros estarão seguros. Aquele que humildemente usa aquilo que Deus deu para honra do Doador, dando de graça como recebeu, pode sentir a paz e segurança em todos os seus negócios de que a mão de Deus está sobre ele para o bem, e ele mesmo ostentará o selo de Deus, tendo o sorriso do Pai.

Muitas pessoas têm pena da sina do Israel de Deus ao ser compelido a doar sistematicamente, além de doar, anualmente, ofertas generosas. Um Deus onisciente sabia melhor qual sistema de contribuição estaria em conformidade com Sua providência e deu ao Seu povo instruções a esse respeito. Está comprovado que nove décimos valem mais para ele do que dez. Os que têm pensado em aumentar seus ganhos retendo o que é de Deus ou Lhe trazendo uma oferta inferior – aleijada, cega ou doente – certamente sofrem prejuízos.

A Providência divina, embora invisível, está sempre em ação nos negócios humanos. A mão de Deus pode fazer prosperar ou reter, e Ele frequentemente retém de um enquanto parece fazer outro prosperar. Tudo isso é para testar e provar o homem a fim de revelar o coração. Ele permite que sobrevenham revezes sobre um irmão enquanto faz prosperar outro, a fim de ver se aqueles a quem Ele favorece têm Seu temor diante dos olhos e se cumprirão o dever que lhes foi designado em Sua Palavra: de amarem seu próximo como a si mesmos e ajudarem seu irmão mais pobre, motivados pelo amor à prática do bem. Atos de generosidade e bondade foram designados por Deus para manter brandos e compassivos os corações dos filhos dos homens e incentivá-los a demonstrar interesse e afeto uns pelos outros, a exemplo do Mestre, que por nossa causa Se fez pobre para que por meio de Sua pobreza pudéssemos nos tornar ricos. A lei do dízimo foi estabelecida sobre um princípio duradouro e se destinava a ser uma bênção para o homem. [...]

Irmão P, o desejo de riqueza tem sido seu pensamento principal. Essa obsessão de ganhar dinheiro amortece toda consideração elevada e nobre e o torna indiferente às necessidades e interesses de outros. Você é muito difícil de ser impressionado. Seu ouro e sua prata estão se deteriorando e têm se tornado um câncer devorador da alma. Se tivesse sua benevolência crescido com suas riquezas, você teria considerado o dinheiro como um meio de fazer o bem. Nosso Redentor, que sabia do perigo do homem quanto à avareza, proveu uma salvaguarda contra esse mal terrível. Ele estabeleceu o plano da salvação de modo que ele começa e termina em beneficência. Cristo ofereceu a Si mesmo, um sacrifício infinito. Por si só, isso se opõe à avareza e exalta a beneficência.

Beneficência constante e abnegada é o remédio que Deus propõe para os pecados crônicos do egoísmo e da avareza. Deus dispôs o plano de doação sistemática para o sustento de Sua causa e para aliviar as necessidades dos pobres e dos sofredores. Ele ordenou que o doar deve tornar-se um hábito, contrapondo-se ao perigoso e enganador pecado da avareza. O doar continuamente faz com que a avareza vá definindo. A doação sistemática destina-se, no plano de Deus, a retirar tesouros dos avarentos tão depressa eles são ganhos e a consagrá-los ao Senhor, a quem pertencem.

Esse sistema é organizado de tal modo que as pessoas podem separar algo de seu salário cada dia e pôr de lado para seu Senhor uma parte dos lucros de todo investimento. A constante prática do plano divino de doação sistemática enfraquece a avareza e estimula a liberalidade. Se as riquezas aumentam, os homens, mesmo os que professam piedade, põem nelas o coração; e quanto mais têm, menos dão para o tesouro do Senhor. Assim, a riqueza torna os homens egoístas, e o acúmulo estimula a avareza; e esses males se fortalecem pelo exercício ativo. Deus conhece o perigo que nos rodeia e nos protegeu com meios para evitar nossa ruína. Ele requer o constante exercício da beneficência a fim de que a força do hábito em boas obras quebre a força do hábito no sentido contrário. [...]

Que provisão, irmão P, você fez para a vida eterna? Você tem um bom fundamento para o futuro, que lhe assegurará alegrias eternas?

Oh, que Deus o desperte! Que você possa, meu caro irmão, agora, exatamente agora, começar a trabalhar seriamente para depositar parte de seu ganho e de suas riquezas no tesouro de Deus. Nem um dólar dele é seu. Tudo é de Deus, e você tem reivindicado para si aquilo que Deus lhe emprestou para dedicar a boas obras. Seu tempo é muito curto. Trabalhe com toda sua força. Pelo arrependimento, você pode agora achar perdão. Precisa largar seu apego a bens terrestres e afirmar suas afeições em Deus. Você precisa ser um homem convertido. Apegue-se a Deus. Não se contente em perecer para sempre, mas faça um esforço para a salvação antes que seja tarde demais.

Não é ainda tarde demais para endireitar os erros. Mostre seu arrependimento por erros passados aproveitando com sabedoria o tempo. Onde você prejudicou alguém, faça restituição ao lembrar-se disso. Essa é sua única esperança do amor perdoador de Deus. Será como arrancar o olho direito ou amputar o braço direito, mas não há outra saída para você. Você tem feito esforços repetidas vezes, mas fracassou porque amava o dinheiro, parte do qual não foi ganho honestamente. Não tentou ainda reparar o passado fazendo restituição. Quando começar a fazer isso, haverá esperança para você. Se durante os poucos dias restantes de sua vida você escolher continuar como tem feito, seu caso será sem esperança; perderá os dois mundos; verá os santos de Deus glorificados na cidade celestial e você lançado fora; não terá parte naquela vida preciosa que foi comprada para você a um custo infinito, mas pela qual deu tão pouco valor a ponto de vendê-la por riquezas terrestres.

Agora lhe resta pouco tempo. Você vai agir? Irá se arrepender? Ou morrerá despreparado, adorando o dinheiro, gloriando-se em suas riquezas e esquecendo a Deus e o Céu? A mínima luta ou os esforços débeis não vão afastar suas afeições do mundo. Jesus o ajudará. Em todo esforço sério que você fizer, Ele estará perto e abençoará seus esforços. Você precisa se esforçar seriamente ou se perderá. Estou advertindo você a não perder um momento sequer, mas começar agora mesmo. Há muito tem desonrado o nome de cristão por sua avareza e transações suspeitas. Agora você pode honrá-lo trabalhando na direção

oposta e permitindo que todos vejam que há poder na verdade de Deus para transformar a natureza humana. Você pode, na força de Deus, obter a salvação se quiser (T3, p. 454-459).

PERTENCE A DEUS

O Senhor deu a Seu povo uma mensagem para o tempo presente. Ela se encontra no terceiro capítulo de Malaquias. O Senhor não poderia ter expressado Suas ordens de modo mais claro e eficaz do que o fez nesse capítulo.

Devemos lembrar que as reivindicações de Deus a nosso respeito são mais importantes do que todas as demais. Ele nos dá com abundância, e o ajuste que fez com o homem é que a décima parte de todos os bens Lhe seja restituída. O Senhor confia liberalmente Seu tesouro aos Seus mordomos, mas, quanto ao dízimo, diz: “Este Me pertence.” Na mesma proporção em que Deus dá ao ser humano Seus bens, este deve restituir a Deus fielmente a décima parte de todos os seus ganhos. Essa instituição foi estabelecida pelo próprio Cristo.

Essa contribuição envolve resultados solenes e eternos, e é sagrada demais para ser deixada em poder do homem. Não devemos nos sentir em liberdade para proceder como quisermos nessa questão. Em obediência às ordens de Deus, devemos separar quantias regulares, santificadas para a obra do Senhor.

Primícias – Além do dízimo, o Senhor requer de nós as primícias de todas as nossas rendas, e isso para que Sua obra na Terra possa ser amplamente custeada. Os servos do Senhor não devem estar limitados a suprimentos escassos. Seus mensageiros não devem ter as mãos atadas em seu trabalho de levar as palavras da vida. Ao proclamarem a verdade, devem ter ao seu dispor meios suficientes para promover a Obra de tal modo que ela exerça o maior e mais abençoado efeito. É necessário fazer obras de caridade e auxiliar os pobres e os

sofredores. Para esse fim devem ser empregados donativos e ofertas. Essa obra deve ser realizada especialmente em campos novos, onde não foi erguido ainda o estandarte da verdade. Se todo o povo professo de Deus, idosos e jovens, cumprisse seu dever, não haveria carências na casa do Seu tesouro. Se todos devolvessem fielmente seus dízimos e devotassem ao Senhor as primícias de suas entradas, não escasseariam os fundos para Sua obra. Mas a lei de Deus deixou de ser respeitada ou obedecida, e isso tem gerado carência de recursos.

Lembrar-se dos pobres – Toda extravagância deve ser eliminada de nossos hábitos porque o tempo que nos resta para trabalhar é curto. Por toda parte, ao nosso redor, vemos miséria e sofrimento; famílias que não têm o necessário, crianças sem comida. A casa do pobre precisa de móveis, colchões e roupa de cama apropriados. Muitos vivem em simples casebres sem nenhum conforto. O clamor dos pobres chega aos Céus. Deus vê e ouve. Mas muitos glorificam a si mesmos. Enquanto seus semelhantes sofrem a miséria, passando fome, eles gastam grandes somas com mesa farta, comendo muito mais do que é necessário. Que contas prestarão a Deus do emprego tão egoísta de Seu dinheiro? Quem desprezar as provisões que Deus fez quanto aos pobres finalmente verá que não só roubou ao próximo como a Deus, desfalcando Sua propriedade.

Todas as coisas pertencem a Deus – Todas as coisas que o homem desfruta são devidas à graça de Deus. Ele é o grande e bondoso Despenheiro de todos os benefícios. Seu amor é revelado nas abundantes providências que tomou para a humanidade. Ele nos concede um tempo de graça em que devemos formar o caráter para a eternidade. Não é porque Ele necessite de algo que nos pede uma parte de nossos bens para Ele.

O Senhor criou cada árvore que havia no jardim do Éden agradável à vista e boa para comer e permitiu a Adão e Eva que desfrutassem delas livremente. Fez, porém, uma exceção. Da árvore do conhecimento do bem e do mal, não lhes permitiu comer. Essa árvore foi reservada como lembrança constante de que Ele é o legítimo proprietário de todas as coisas. Desse modo lhes deu a oportunidade de Lhe manifestarem sua fé e confiança, em obediência perfeita às Suas ordens.

Acontece a mesma coisa com as reivindicações de Deus a nosso respeito. Ele deposita Seus tesouros nas mãos dos homens; porém, requer deles que separem fielmente a décima parte para Sua obra. Ordena que essa porção seja recolhida à casa do Seu tesouro e a Ele entregue como propriedade Sua. Ela é sagrada e deve ser usada para propósitos santos, para o sustento dos que levam Sua mensagem ao mundo. Deus Se reserva essa parte para que não falem recursos em Sua casa, e a luz da verdade possa ser levada a todos os que estão longe e os que estão perto. Pela obediência fiel a essa ordem, reconhecemos que todas as coisas pertencem ao Senhor.

E será que o Senhor não terá o direito de exigir isso de nós? Ele não deu Seu Filho unigênito porque nos amou e quis nos salvar da morte? E não deverão nossas ofertas de gratidão voltar à Sua casa do tesouro para que daí sejam tirados os meios de promover Sua obra na Terra? Se Deus é o legítimo dono de tudo quanto possuímos, não deveria nossa gratidão levar-nos a dar ofertas voluntárias e de agradecimento, reconhecendo assim Seu direito sobre nosso coração, corpo, mente e posses? Se as pessoas tivessem seguido os planos de Deus, a casa do Seu tesouro não teria falta alguma, e haveria fundos suficientes para enviar pastores e obreiros auxiliares a novos campos a fim de erguerem o estandarte nos lugares obscurecidos da Terra.

Sem desculpa – É plano de Deus que o homem deva restituir ao Senhor o que Lhe pertence; e isso foi exposto tão claramente que homens e mulheres não têm desculpa de não entender os deveres e responsabilidades que Deus lhes impôs ou a eles se esquivar. Os que não querem ver claramente esse dever revelam ao Universo, à igreja e ao mundo que não desejam reconhecer essa ordem tão explícita. Pensam, talvez, que, seguindo o plano de Deus, sofrerão falta de recursos. Na avareza de seu coração egoísta desejam reter tudo – o capital e os juros – a fim de empregar no interesse próprio.

Deus, pondo a mão sobre as propriedades dos homens, lhes diz: “Sou o Senhor de todo o Universo, e esses bens são Meus. Eu reservei o dízimo que foi retido para sustento de Meus servos, em seu trabalho de abrir as Escrituras aos que habitam nas regiões das trevas e aos que

não entendem a Minha lei. Empregando Meu fundo de reserva para satisfazer seus desejos, vocês estão roubando das pessoas a luz que destinei a elas. Dei-lhes uma oportunidade, mas vocês a rejeitaram. Estão Me roubando, subtraindo Minhas reservas. Por isso, ‘com maldição vocês são amaldiçoados’ (Ml 3:9). [...]

Os queixosos – “Vocês disseram palavras duras contra Mim, diz o Senhor, e ainda perguntam: ‘O que falamos contra Ti?’ Vocês dizem: ‘É inútil servir a Deus. De que nos adianta guardar os Seus preceitos e andar de luto diante do SENHOR dos Exércitos? Agora, pois, nós vamos dizer que os soberbos é que são felizes. Também os que praticam o mal prosperam; sim, eles tentam o SENHOR e escapam’” (Ml 3:13-15). Assim murmuram contra Deus os que retiveram o que Lhe pertence. O Senhor os convida a prová-Lo nisto: trazendo todos os dízimos à casa do tesouro, para verem se não lhes derramará uma bênção. Alimentando sentimentos de rebeldia, porém, queixam-se de Deus, ao mesmo tempo que O roubam e usurpam o que é Seu. Ao ser-lhes apresentado seu pecado, dizem: “Tive contratemplos; minha colheita foi ínfima, ao passo que os ímpios prosperam. Não vale a pena obedecer às determinações de Deus.”

Deus, porém, não quer que alguém se conduza queixosamente em Sua presença. Os queixosos são os próprios causadores de sua adversidade. Roubam a Deus, e Sua causa tem lutado com dificuldades porque o dinheiro que deveria entrar para os tesouros do Senhor foi empregado em finalidades egoístas. Recusando-se a executar o plano determinado por Deus, demonstraram sua deslealdade para com Ele. Quando Deus os fazia prosperar e eram convidados a devolver o que Lhe é devido, meneavam a cabeça e se negavam a reconhecer esse dever. Fechavam os olhos para não ver. Retendo o dinheiro do Senhor, retardaram a obra que Ele determinou que fosse feita. Deus deixou de ser honrado com o emprego conveniente que lhes cumpria dar aos bens a eles confiados. Por isso, a maldição caiu sobre eles, permitindo Deus que o devorador destruísse seus frutos e lhes sobreviessem calamidades.

Os que temem ao Senhor – Em Malaquias 3:16 é mencionada outra classe que se reúne, não para queixar-se de Deus, mas para falar de

Sua misericórdia e exaltar Sua glória. Esses se demonstraram fiéis no cumprimento dos seus deveres, dando ao Senhor o que Lhe pertence. Seus testemunhos são motivos de cânticos e alegria entre os anjos celestiais. Eles não têm reclamação alguma contra Deus. Aqueles que andam na luz, que são fiéis no cumprimento de seu dever, não se queixam nem acusam faltas. Sua conversação consiste em palavras de ânimo, esperança e fé. Só têm motivos de queixa os que servem a si próprios e não dão a Deus o que Lhe pertence.

“Então os que temiam o SENHOR falavam uns aos outros. O SENHOR escutou com atenção o que diziam. Havia um memorial escrito diante dele para os que temem o SENHOR e para os que se lembram do seu nome.

– Eles serão a minha propriedade peculiar, naquele dia que prepararei, diz o Senhor dos Exércitos. Eu os pouparei como um homem poupa seu filho que o serve. Então vocês verão mais uma vez a diferença entre o justo e o ímpio, entre o que serve a Deus e o que não o serve” (Ml 3:16-18).

A recompensa da sincera liberalidade é a mais íntima comunhão da mente e do coração com o Espírito Santo.

O homem que fracassou nos negócios e está endividado não deve servir-se da parte que pertence ao Senhor a fim de liquidar seus compromissos. Deve considerar que é provado nisso e que, retendo a parte do Senhor para fins próprios, está roubando a Deus. É devedor a Deus de tudo quanto tem, mas se emprega os fundos reservados do Senhor para saldar dívidas contraídas com seus semelhantes, torna-se um duplo devedor diante Dele. “Infidelidade para com Deus” é o que está escrito junto ao seu nome nos livros do Céu. Por apropriar-se dos recursos do Senhor para o próprio interesse, tem uma conta para saldar com Deus. E a falta de princípios que mostrou nesse ato indevido vai revelar-se também em outros negócios que empreender. Será visto em todos os assuntos relacionados aos seus negócios. O homem que rouba a Deus cultiva traços de caráter que o impedirão de ser admitido na família celestial.

O uso egoísta da riqueza prova infidelidade para com Deus e torna o mordomo inapto para administrar bens celestiais.

Por toda parte se oferecem oportunidades de fazer o bem. A cada passo surgem necessidades, e as missões são impedidas de progredir por falta de recursos, tendo que ser abandonadas se o povo não despertar para o sentimento da realidade. Não espere até o dia da morte para fazer seu testamento, mas disponha de seus bens enquanto está vivo (T6, p. 305-310).

RECURSOS PARA A MISSÃO

Sinto um peso no coração, relacionado com os campos missionários mais carentes. Há uma obra agressiva a ser feita nas missões perto de nós, e também uma grande necessidade de fundos para o avanço do trabalho em campos estrangeiros. Nossas missões de além-mar estão definhando. Os missionários não têm sido sustentados do modo como Deus requer. Por falta de recursos, os obreiros estão impossibilitados de alcançar novos campos.

Em toda extensão à nossa volta, pessoas perecem em seus pecados. A cada ano milhares e milhares morrem sem Deus e sem esperança de vida eterna. As pragas e os juízos de Deus estão realizando sua obra, e pessoas descem à ruína em virtude de a luz da verdade não haver brilhado em seu caminho. Quão poucos, entretanto, têm sentido sobre si o peso da condição de seus semelhantes! O mundo perece em miséria; isso, contudo, pouco significa até mesmo para os que afirmam crer na verdade mais elevada e de mais vasto alcance jamais concedida aos mortais. Deus requer que Seu povo seja Sua mão ajudadora para alcançar os que perecem; quantos, porém, satisfazem-se em não fazer nada! Existe um vazio daquele amor que levou Cristo a deixar Seu lar eterno e assumir a natureza humana, de modo que a humanidade pudesse tocar a humanidade, aproximando-a da divindade. Existe uma indiferença, uma paralisia, sobre o povo de Deus, que o impede de compreender o que é necessário no tempo presente.

O povo de Deus está sendo julgado pelo universo celestial, mas a escassez de suas doações e ofertas e a debilidade de seus esforços no serviço de Deus os classificam como inféis. Se o pouco que agora fazem fosse o

melhor que podem fazer, não estariam sob condenação; mas, com os recursos que têm, poderiam fazer muito mais. Eles sabem, e o mundo também, que perderam, em grande escala, o espírito de renúncia e o de levar a cruz.

Deus convida as pessoas a darem a mensagem ao mundo adormecido, morto em transgressões e pecados. Ele pede ofertas voluntárias daqueles cujo coração está na Obra, que sentem sobre si o fardo dos pecadores, para que não pereçam, mas recebam a vida eterna. Satanás está jogando o jogo da vida. Trata de assegurar meios que ele consiga controlar, de modo que não venham a ser utilizados em empreendimentos missionários. Nós ignoraremos seus artifícios? Permitiremos que ele entorpeça nossos sentidos?

Apelo aos irmãos em todas as partes para que despertem, que se consagrem a Deus e Dele busquem sabedoria. Apelo aos oficiais em nossas associações para que empreendam os mais vigorosos esforços em nossas igrejas. Mostrem-lhes a necessidade de oferecerem de seus recursos para o sustento das missões estrangeiras. A menos que seu coração seja tocado diante da situação dos campos mundiais, a última mensagem de misericórdia ao mundo se restringirá, e a obra designada por Deus não será completada. [...]

Os que são verdadeiramente convertidos são chamados a realizar uma obra que requer dinheiro e consagração. A obrigação que vincula nosso nome ao livro da igreja também nos torna responsáveis por trabalharmos para Deus no limite absoluto de nossa capacidade. Ele requer serviço não dividido, com inteira devoção de coração, mente e disposição. Cristo nos colocou na igreja para que Ele possa contar conosco e desenvolver todas as nossas habilidades em devotado serviço pela salvação de pessoas. Qualquer coisa menos que isso é oposição à Obra. Existem no mundo apenas dois lugares em que podemos depositar nossos recursos – na tesouraria de Deus ou na de Satanás. Tudo aquilo que não é devotado ao serviço de Cristo conta para o lado de Satanás e destina-se a fortalecer sua causa.

O Senhor designa que os meios a nós confiados sejam utilizados na edificação de Seu reino. Seus bens são concedidos aos mordomos, para que estes possam negociar cuidadosamente com eles, trazendo-Lhe de volta um bom rendimento sob a forma de pessoas salvas para

a vida eterna. Essas pessoas, por sua vez, se tornarão mordomos da verdade e cooperadores do grande empreendimento que cuida dos interesses do reino de Deus.

Onde quer que haja vida há crescimento e progresso; no reino de Deus há constante intercâmbio: receber e devolver ao Senhor o que é Seu. Deus trabalha com todo verdadeiro crente, e a luz e as bênçãos recebidas são dadas outra vez na obra que o crente faz. Assim, a capacidade de receber é ampliada. Ao repartir alguém os dons celestiais, está abrindo espaço para que novas correntes de graça e verdade fluam da fonte viva para o ser. Maior luz, ampliados conhecimentos e bênçãos lhe pertencem. Nessa obra, que toca a cada membro da igreja, estão a vida e o crescimento da igreja. Aquele cuja vida consiste em receber sempre e nunca dar logo perde a bênção. Se a verdade não flui dele para outros, ele perde sua capacidade de receber. Precisamos repartir as dádivas do Céu se quisermos bênçãos renovadas.

Isso é verdade tanto em coisas temporais quanto nas espirituais. O Senhor não vem a este mundo com ouro e prata para o avanço de Sua obra. Supre antes os homens com recursos, para que estes, por meio de suas dádivas e ofertas, mantenham a obra de Deus avançando. O propósito, acima de todos os demais, para o qual os dons de Deus devem ser usados, é o sustento de obreiros no grande campo de colheita. Se os homens e mulheres se tornarem canais de bênçãos para outras pessoas, o Senhor manterá o suprimento desses canais. Não é o devolver a Deus aquilo que Lhe pertence o que torna os homens pobres; ao contrário, é a retenção que tende a resultar em pobreza.

A obra de compartilhar aquilo que recebeu, definida para cada membro da igreja, torna-o um cooperador de Deus. Por si mesmo, você nada consegue realizar, mas Cristo é o grande Obreiro. É privilégio de cada ser humano que recebe a Cristo tornar-se obreiro ao lado Dele. [...]

Uma torrente de luz resplandece da Palavra de Deus, e devemos reconhecer as oportunidades negligenciadas. Quando todos formos fiéis na devolução a Deus dos Seus dízimos e Suas ofertas, o caminho se abrirá para que o mundo ouça a mensagem para este tempo. Se o coração do povo de Deus estiver cheio de amor a Cristo; se cada

membro da igreja estiver plenamente imbuído do espírito de abnegação; se todos manifestarem fervor intenso, não faltarão recursos para as missões. Nossos recursos serão multiplicados; mil portas de utilidade se abrirão, e seremos convidados a entrar por elas. Se houvesse sido executado o propósito divino de transmitir ao mundo a mensagem da misericórdia, Cristo já teria vindo à Terra, e os santos teriam recebido as boas-vindas na cidade de Deus. Se deve haver um momento em que sacrifícios sejam feitos, esse momento é agora. Os que têm dinheiro devem compreender que agora é o tempo de empregá-lo para Deus. Que os recursos não sejam consumidos para ajudar na construção de mais instalações onde a Obra já está estabelecida. Não façam mais edifícios onde muitas áreas de interesse já foram concentradas. Empreguem-se os recursos na formação de centros em campos novos. Assim, será possível ganhar pessoas que desempenharão sua parte em produzir. Temos de pensar em nossas missões nos países estrangeiros. Algumas delas estão lutando para estabilizar-se e estão privadas mesmo das condições mais precárias. Em vez de aumentar as instalações já existentes, edifiquemos a Obra nesses campos necessitados. Muitas vezes o Senhor tem falado a esse respeito. Sua bênção não pode acompanhar Seu povo se a instrução for desprezada.

Pratiquemos a economia em nossa casa. Muitos estão cultivando e adorando ídolos. Abandonemos nossos ídolos. Renunciemos aos nossos prazeres egoístas. Suplico-lhes que não empreguem recursos no embelezamento das residências, porque é dinheiro de Deus, e Ele tornará a pedir esse dinheiro. Pais, por amor de Cristo não empreguem o dinheiro do Senhor na condescendência com as extravagâncias de seus filhos. Não os ensinem a procurar a moda e a ostentação a fim de alcançarem influência no mundo. Será que isso vai ajudá-los a salvar as pessoas por quem Cristo morreu? Não; suscitará inveja, ciúme e suspeitas maldosas. Seus filhos serão induzidos a competir com a ostentação e extravagância do mundo e a gastar o dinheiro do Senhor no que não é essencial para a saúde ou a felicidade. Não ensinem seus filhos a pensar que seu amor a eles deve se manifestar na satisfação de seu orgulho, no esbanjamento e no amor à ostentação. Agora não

é o tempo de inventar novas formas de gastar dinheiro. Usem a criatividade para economizar. Em vez de satisfazer a inclinação egoísta, gastando o dinheiro em coisas que destroem as faculdades do raciocínio, estudemos como praticar a abnegação para ter algo que possa ser empregado ao erguer o estandarte da verdade nos novos campos. O intelecto é um talento; vamos, portanto, usá-lo para descobrir como melhor empregar nossos recursos na salvação das pessoas.

Ensinem aos filhos que Deus tem direito sobre tudo quanto possuem, direito que nada pode abolir; qualquer coisa que tenham, só lhes pertence como legado de confiança, como prova de sua obediência. Inspirem-nos com a ambição de ganhar estrelas para sua coroa, fazendo-os ganhar muitas pessoas do pecado para a justiça.

O dinheiro é um tesouro necessário e não deve ser desperdiçado com quem não necessita dele. Alguns precisam de seus donativos voluntários. Com muita frequência, os que têm recursos deixam de considerar quantos há no mundo que têm fome e sofrem por falta de alimento. Talvez digam: “Eu não posso alimentar a todos.” Mas, praticando as lições de economia, dadas por Cristo, pode-se alimentar um ou mais. Talvez sejam alimentados muitos que têm fome do alimento material, mas também se pode alimentar seu espírito com o pão da vida. “Recolham os pedaços que sobraram, para que nada se perca” (Jo 6:12). Essas palavras foram proferidas por Aquele que tinha ao Seu dispor todos os recursos do Universo; embora Seu poder miraculoso tenha fornecido alimento para milhares, Ele não deixou de ensinar uma lição de economia.

Pratiquemos a economia no emprego de nosso tempo. Ele pertence ao Senhor. Nossa força vem do Senhor. Se temos hábitos extravagantes, vamos eliminá-los de nossa vida. Esses hábitos, se mantidos, ocasionarão nossa falência para toda a eternidade. E os hábitos de economia, trabalho e sobriedade, mesmo neste mundo, são para nós e para nossos filhos algo melhor do que uma rica herança.

Somos viajantes, peregrinos e estrangeiros na Terra. Não gaste-mos nossos recursos na satisfação dos desejos que Deus nos ordena reprimir. Ao contrário, demos o devido exemplo a quantos conosco se relacionam. Representemos devidamente nossa fé, restringindo

nossos desejos. Levantem-se as igrejas de forma unida e trabalhem arduamente como quem anda à plena luz da verdade para estes últimos dias. Que nossa influência impressione as pessoas com o caráter sagrado dos requisitos de Deus.

Se pela providência divina nos foram concedidas riquezas, não nos conformemos com o pensamento de que não precisamos nos dedicar a um trabalho útil, que temos bastante e podemos comer, beber e nos alegrar. Não permaneçamos ociosos enquanto outros estão lutando para obter recursos para a Causa. Invistamos nossos recursos na obra do Senhor. Se fizermos menos que nosso dever para ajudar os que perecem, que fique bem claro que estamos incorrendo em culpa.

Deus é quem dá aos homens a capacidade de adquirir riqueza, e Ele não concedeu essa capacidade como meio de satisfazer o egoísmo, mas como meio de devolver ao Senhor o que Lhe pertence. Com esse objetivo em vista, não é pecado adquirir riqueza. O dinheiro deve ser ganho com trabalho. Hábitos de trabalho árduo devem ser ensinados a todo jovem. A Bíblia não condena ninguém por ser rico, caso a riqueza tenha sido adquirida com honestidade. O amor egoísta ao dinheiro mal-empregado é que constitui a raiz de todo o mal. A riqueza será uma bênção se a considerarmos pertencente ao Senhor para ser recebida com gratidão e, com gratidão, devolvida ao Doador. Mas que valor possui a maior riqueza, se acumulada em caras mansões ou em depósitos bancários? Que valor têm essas coisas, em comparação com a salvação de uma pessoa por quem morreu o Filho do infinito Deus? Aos que acumularam riqueza para os últimos dias, o Senhor declara: “As suas riquezas apodreceram, e as suas roupas foram comidas pelas traças. O seu ouro e a sua prata estão enferrujados, e essa ferrugem será testemunha contra vocês e há de devorar, como fogo, o corpo de vocês” (Tg 5:2, 3) (T6, p. 352-358).

SACRIFÍCIO PESSOAL

As leis do reino de Cristo são tão simples e, ao mesmo tempo, tão completas que os acréscimos inventados pelo ser humano só trazem confusão. Quanto mais simples forem os planos de trabalho na obra de Deus, melhor será a sua execução. Adotar políticas mundanas na obra de Deus é convidar o desastre e a derrota. Simplicidade e humildade devem caracterizar todo esforço eficiente para o desenvolvimento de Seu reino.

Para que o evangelho possa alcançar todas as nações, reinos, línguas e povos, deve-se manter o sacrifício próprio. Os que estão em posições de confiança devem em todas as coisas agir como fiéis mordomos, prudentemente administrando os recursos criados pelo povo. Deve haver o máximo cuidado para evitar gastos desnecessários. Ao construir edifícios e prover instalações para a Obra, devemos cuidar para não fazer planos tão elaborados que consumam dinheiro desnecessário, impossibilitando os recursos para a expansão da Causa em outros campos, principalmente em terras estrangeiras. Os recursos não devem ser tirados da tesouraria para estabelecer instituições em nosso país, com o risco de comprometer o desenvolvimento da verdade no estrangeiro.

O dinheiro não deve ser usado somente nas circunvizinhanças, mas em países distantes, nas ilhas do mar. Se as pessoas se empenharem nesse trabalho, Deus certamente removerá tudo que não é devidamente apropriado.

Muitos dentre os crentes quase não têm alimento para comer; contudo, em sua profunda pobreza, trazem seus dízimos e ofertas à tesouraria do Senhor. Muitos, sabendo o que significa sustentar a causa de Deus em circunstâncias difíceis e penosas, investem seus recursos nas casas publicadoras. Voluntariamente suportam durezas e privações,

vigiam e oram pelo êxito da Obra. Suas ofertas e seus sacrifícios expressam a gratidão de seu coração Àquele que os chamou das trevas para Sua maravilhosa luz. Suas orações e ofertas chegam como um memorial diante de Deus. Esse é o incenso mais perfumado que ascende ao Céu.

O mesmo princípio que controla a obra de Deus em seu sentido mais amplo deve controlar todas as suas ramificações. Deve estampar o selo da obra missionária. Cada departamento da Causa está relacionado com todas as partes do campo de evangelismo, e o espírito que controla um departamento deve ser percebido através de todo o campo. Se uma parte dos obreiros receber um salário maior, há outros em diferentes ramos da Obra que também clamarão por um salário mais alto, e o espírito de sacrifício próprio se enfraquecerá. Outras instituições adotarão esse mesmo espírito, e o favor de Deus será removido deles, pois Ele nunca aprova o espírito egoísta. Assim, nossa obra mais ativa ficará comprometida. É impossível fazer a Obra avançar se não houver constante sacrifício. De diferentes partes do mundo chegam pedidos por pessoas e recursos para levarem avante a Obra. Seremos compelidos a dizer: “Esperem, não temos dinheiro na tesouraria”?

Algumas pessoas de experiência e piedade, que trabalharam na Obra, negando-se a si mesmas, não hesitando em se sacrificar para alcançar o êxito, agora já estão dormindo na sepultura. Foram canais apontados por Deus, como Seus representantes comunicaram os princípios da vida espiritual à igreja. Tinham experiência do que era de maior valor. Não podiam ser compradas ou vendidas. Sua pureza, devoção, seu sacrifício próprio e o viver com Deus eram uma bênção para o crescimento da Obra. Nossas instituições foram caracterizadas pelo espírito de sacrifício próprio.

Naqueles dias em que lutávamos com a pobreza, aqueles que viam como Deus maravilhosamente trabalhava pela Causa sentiam que não havia nada mais honroso que pudesse acontecer com eles do que o fato de estarem ligados com o interesse da Obra pelos laços sagrados que os conectavam com Deus. Não discutiam suas responsabilidades com o Senhor do ponto de vista financeiro? Não, de modo algum! Ainda que todos os oportunistas abandonassem seu posto, os piedosos jamais abandonariam a Obra.

Os crentes que na história pioneira da Causa sacrificaram-se para estabelecer a Obra estavam imbuídos com o mesmo espírito. Sentiam que Deus exigia de todos que estivessem ligados com Sua causa uma consagração sem reserva de corpo, coração e mente, de todas as suas energias e habilidades, para fazer do trabalho um sucesso.

Entretanto, em alguns aspectos, o trabalho tem se deteriorado. Embora tenha crescido em extensão e instalações, tem diminuído em piedade.

Há uma lição para nós na história de Salomão. O início da vida desse rei de Israel foi brilhante com promessas. Ele escolheu a sabedoria de Deus, e a glória de seu reino maravilhou o mundo. Deve ter crescido de força em força, de caráter em caráter, até aproximar-se da semelhança do caráter de Deus; mas, quão desagradável é sua história! Depois de ter sido exaltado às posições mais sagradas de confiança, provou ser infiel. Cresceu em autossuficiência, orgulho e exaltação própria. A luxúria do poder político e o engrandecimento próprio o levaram a fazer alianças com nações pagãs. A prata de Társis e o ouro de Ofir foram procurados com um custo terrível, mesmo com o sacrifício da integridade e a traição dos sagrados bens. A associação com os idólatras corrompeu sua fé; um passo falso leva a outro; derrubou a barreira que Deus erigiu para salvar Seu povo; sua vida foi corrompida pela poligamia; e, por fim, entregou-se a adorar deuses falsos. Um caráter que era firme, puro e elevado tornou-se fraco e marcado pela ineficiência moral.

Não faltaram maus conselheiros, os quais influenciaram como quiseram aquela mente, antes nobre e independente, já que Salomão não mais fazia de Deus seu guia e conselheiro. Sua sensibilidade se tornou embotada; o prudente e cuidadoso espírito que caracterizou os primeiros tempos de seu reinado também se perdeu. A autossatisfação se tornou seu deus; e, como resultado, juízos severos e tirania cruel passaram a caracterizar sua vida. As extravagâncias praticadas por satisfação egoísta eram alimentadas à custa de uma coleta de impostos opressiva sobre os pobres. Salomão, o rei mais sábio que já teve um cetro nas mãos, tornou-se autoritário. Como rei, ele tinha sido um ídolo da nação, e tudo que falava e fazia era copiado. Seu exemplo exerceu uma influência cujos resultados só serão plenamente conhecidos quando as

obras forem trazidas em revista diante de Deus e cada ser humano for julgado de acordo com o que realizou nesta vida.

Ah! Como Deus pode suportar os delitos desses que tiveram grande luz e vantagens, contudo, seguiram o curso de sua própria escolha, para sua injúria eterna? Salomão, que na dedicação do templo solenemente desafiou o povo: “Que o coração de vocês seja fiel para com o SENHOR, nosso Deus” (1Rs 8:61), escolheu seu próprio caminho e, em seu coração, separou-se de Deus. A mente que uma vez foi entregue a Deus, inspirada por Ele para escrever as mais preciosas palavras de sabedoria (o livro de Provérbios), verdades que foram imortalizadas, aquela mente nobre, por intermédio de relações malélicas e cedendo à tentação, tornou-se ineficiente, fraca em poder moral, e Salomão desonrou a si mesmo, a Israel e a Deus.

Olhando para esse quadro, vemos o que os seres humanos se tornam quando se aventuram separados de Deus. Um passo errado prepara o caminho para outro, cada passo dado se torna mais fácil do que o anterior. Assim, as pessoas seguem outro líder que não é Cristo.

Todos os que ocupam posições em nossas instituições serão provados. Se fizerem de Cristo seu companheiro, receberão sabedoria, conhecimento e compreensão; crescerão em graça e aptidão no caminho de Cristo; e o caráter será modelado à Sua semelhança. Se não seguirem o caminho do Senhor, outro espírito controlará a mente e o discernimento. Eles farão planos sem o Senhor, seguirão seus próprios caminhos e perderão os cargos que ocupavam. Se se afastarem da luz que lhes foi dada, que ninguém apresente suborno para induzir sua permanência. Eles se tornarão um engano e uma cilada. Chegou o tempo em que tudo que possa ser sacudido será sacudido e só o que estiver firme vai permanecer. Todo caso vem a julgamento diante de Deus. Ele está medindo o templo e seus adoradores (T7, p. 177-180).

OS PASTORES E OS NEGÓCIOS

Foram-me dadas instruções quanto à importância de nossos pastores se manterem livres das responsabilidades que devem, em grande medida, pesar sobre os empresários. Certa noite, em visão, eu estava em uma reunião de vários de nossos irmãos que têm a responsabilidade da Obra. Eles estavam profundamente perplexos com relação às questões financeiras e se consultavam acerca da maneira pela qual a Obra poderia ser dirigida com mais êxito. Alguns pensavam que o número dos obreiros deveria ser limitado, conseguindo-se apesar disso todos os resultados essenciais. Um dos irmãos, que ocupava uma posição de responsabilidade, estava expondo seus planos e declarando o que ele desejava ver executado. Vários outros apresentaram pontos a considerar. Então ergueu-se Alguém de dignidade e autoridade e passou a expor princípios para nossa orientação.

A vários pastores, disse Aquele que falava: “Sua obra não é o controle de questões financeiras. Não é sábio de sua parte empreendê-la. Deus tem responsabilidades para vocês, mas, se forem dirigir setores de trabalho para os quais não estão aptos, seus esforços para apresentar a Palavra serão malsucedidos. Isso lhes trará um desânimo que os tornará incapazes para a verdadeira obra que deveriam executar – uma obra que exige cuidadoso discernimento e juízo equilibrado e desinteressado.”

Os que são empregados para escrever e pregar a Palavra devem assistir a menos reuniões de comissões. Devem confiar muitas questões de menor importância a pessoas de aptidões administrativas, evitando assim manterem-se em contínua tensão que lhes rouba da mente o vigor natural. Devem dar muito mais atenção à conservação da saúde física, pois

o vigor mental depende grandemente do físico. Os devidos períodos de sono e repouso e abundância de exercício corporal são essenciais à saúde física assim como à mental. Roubar da natureza suas horas de repouso e restauração, ao permitir que um homem faça o trabalho de quatro pessoas, ou de três, ou mesmo de duas, resultará em perda irreparável.

Preparo no ramo comercial – Os que julgam que as aptidões de alguém para certo cargo o habilitam para ocupar várias outras funções vão cometer erros ao fazer planos para o avanço da Obra. Podem colocar sobre uma pessoa as responsabilidades e os encargos que deveriam ser divididos entre várias.

A experiência é de grande valor. O Senhor deseja ver, em contato com Sua obra, homens e mulheres inteligentes, aptos para vários cargos de confiança em nossas associações e instituições. Necessitam-se especialmente de empresários consagrados que sigam em toda transação comercial os princípios da verdade. Os que têm sob sua responsabilidade questões de finanças não devem assumir outras responsabilidades, às quais sejam incapazes de desempenhar; tampouco deve a gerência da parte comercial ser entregue a pessoas incompetentes. Os que têm a seu cargo a Obra têm errado por vezes, permitindo a indicação de pessoas destituídas de tato e habilidade para administrar importantes participações financeiras.

Pessoas promissoras no ramo comercial devem desenvolver e aperfeiçoar seus talentos mediante estudo e prática. Precisam ser estimuladas a colocar-se em um lugar em que, como alunos, possam adquirir rapidamente o conhecimento dos princípios corretos e dos métodos comerciais. Nenhum administrador atualmente ligado à Causa deve deixar de ampliar sua experiência. Se há em algum ramo de trabalho pessoas que devam aproveitar suas oportunidades para tornar-se sábias e eficientes, essas são as que estão empregando sua capacidade na obra de estabelecer o reino de Deus em nosso mundo. Dado o fato de vivermos tão próximos do fim da história deste mundo, deve haver maior exatidão no trabalho, mais cuidadosa expectativa, mais vigilância, oração e trabalho. O instrumento humano deve se esforçar por alcançar a perfeição, a fim de ser um cristão ideal, completo em Cristo Jesus.

Essenciais os princípios corretos – Os que trabalham na área administrativa devem tomar toda precaução para não falhar em razão de princípios ou métodos errôneos. Seu relatório deve ser como o de Daniel na corte de Babilônia. Quando todas as suas transações comerciais eram submetidas ao mais rigoroso exame, não se podia encontrar nem uma falta. O registro de sua vida profissional, embora incompleto, contém lições dignas de consideração. Revela que um administrador não tem que ser necessariamente alguém astuto e cheio de habilidades políticas. Pode ser alguém instruído por Deus a cada passo. Ao mesmo tempo que era primeiro-ministro do reino de Babilônia, Daniel era profeta de Deus, recebendo a luz da inspiração celestial. Sua vida é um exemplo do que cada homem de negócios cristão pode ser.

Deus não aceita o mais esplêndido serviço, a não ser que o próprio eu haja sido consumido sobre o altar em sacrifício vivo. A raiz deve ser santa, do contrário não pode haver fruto de boa qualidade, saudável, o único que pode ser aceito por Deus. O coração tem que ser convertido e consagrado. Os interesses devem ser corretos. A lâmpada deve estar suprida com o óleo que vem dos mensageiros celestiais através dos tubos de ouro que vêm do vaso de ouro. A comunicação de Deus jamais atinge o ser humano sem consequências.

Verdades preciosas e vitais estão entrelaçadas com o bem-estar eterno do ser humano, tanto nesta vida como na eternidade, à nossa disposição. “Santifica-os na verdade; a Tua palavra é a verdade” (Jo 17:17, ARA). A Palavra de Deus deve ser colocada em prática. Ela é viva e perene. Enquanto as ambições mundanas, os projetos atuais e os mais altos planos e desígnio humanos vão perecer como a erva, “os que forem sábios resplandecerão como o fulgor do firmamento, e os que conduzirem muitos à justiça brilharão como as estrelas, sempre e eternamente” (Dn 12:3).

Nesta época a causa de Deus se encontra em necessidade de homens e mulheres possuidores de raras qualidades e boas aptidões administrativas; homens e mulheres que cuidem de forma paciente e completa das necessidades da Obra nos vários campos; que sejam dotados de grande capacidade de trabalho; que possuam coração fervoroso e bondoso,

serenidade, bom senso, juízo imparcial; que sejam santificados pelo Espírito de Deus e possam dizer destemidamente “não”, ou “sim”, ou “amém”, aos planos propostos; que tenham fortes convicções, entendimento claro e coração puro e compassivo; que ponham em prática as palavras: “E todos vocês são irmãos” (Mt 23:8); que se esforcem por erguer e restaurar a humanidade decaída (T7, p. 199-201).

SERVOS DE MAMOM

O caso do irmão I é terrível. Este mundo é seu deus. Ele adora o dinheiro. Ele não atendeu a advertência que lhe foi dada muitos anos atrás e não venceu seu amor pelo mundo enquanto esteve no exercício de todas as suas habilidades. Os dólares que desde então acumulou têm sido como cordas a enlaçá-lo e ligá-lo ao mundo. Enquanto adquiria propriedades, tornou-se mais ávido pelo ganho. Todas as forças de seu ser foram devotadas a um só objetivo: ganhar dinheiro. Essa tem sido a ocupação de seus pensamentos, a ansiedade de sua vida. Ele concentrou todas as suas energias nesse único rumo e, para todos os efeitos e propósitos, é um adorador de Mamom.¹ Nessa questão, ele é um insensato. Seu exemplo perante a família tende a levá-los a pensar que a propriedade deve ser valorizada mais do que o Céu e a imortalidade. Durante anos, ele tem procurado capacitar-se para adquirir propriedades. Sacrifica assim seus interesses eternos por tesouros terrenos. Crê na verdade e ama seus princípios. Aprecia ver outros avançando na verdade, mas ele mesmo se tornou totalmente um escravo de Mamom que se sente ligado ao seu senhor enquanto viver. Quanto mais viver, porém, tanto mais dedicado se tornará seu amor pelo ganho, a menos que se livre de seu terrível deus, o dinheiro. Isso será como arrancar seus órgãos vitais, mas precisa ser feito se ele valoriza o Céu.

Ele não precisa da censura de ninguém, mas da consideração de todos. Sua vida tem sido um terrível erro. Tem sofrido mentalmente a necessidade do dinheiro, enquanto rodeado de abundância. Satanás tomou posse de sua mente e, ativando sua tendência gananciosa, tornou-o insensato quanto a esse assunto. As faculdades mais altas

e nobres de seu ser foram grandemente mantidas em sujeição a essa propensão mesquinha e egoísta. Sua única esperança está em quebrar as correntes de Satanás e vencer esse mal de seu caráter. Ele tem tentado fazer algo depois que foi trabalhado pela consciência, mas isso não basta. Fazer meramente um grande esforço e se desfazer de um pouco de seu Mamom, ficando todo o tempo com a impressão de que está se abstendo da vida, não é fruto da verdadeira religião. Ele tem de educar a mente para fazer boas obras; tem de lutar contra a tendência de adquirir. Tem de desenvolver boas obras em toda a vida. Tem de cultivar um amor ao fazer o bem e pôr-se acima do espírito mesquinho e avaro que tem cultivado. Nos negócios com os comerciantes em _____, o irmão I e sua esposa não adotam uma conduta que agrada a Deus. Gostam de pechinchar para adquirir as mercadorias ao preço mais baixo possível, demorar-se sobre a diferença de poucos centavos e falar a respeito disso como se o dinheiro fosse tudo para eles, seu deus. Se pudessem voltar sem ser observados e ouvir os comentários após sua saída do estabelecimento, teriam uma ideia mais clara da influência de sua mesquinhez. Sua fé é desacreditada, e Deus é blasfemado por alguns, por causa de sua avareza ao lidar com centavos. Os anjos retiram-se tristes. Tudo no Céu é nobre e elevado. Todos procuram o interesse e a felicidade dos outros. Ninguém se dedica ao cuidado de si mesmo. A alegria principal de todos os seres santos é presenciar a alegria e felicidade dos que estão ao redor.

Quando os anjos vêm para servir aos que herdarão a salvação e testemunham a manifestação de egoísmo, cobiça, fraude e o beneficiar a si mesmo com prejuízo de outros afastam-se desgostosos. Quando eles veem aqueles que professam ser herdeiros de uma herança imortal lidar de modo tão mesquinho com aqueles que não têm outra ambição exceto acumular tesouros terrenos, eles se retiram envergonhados, pois a santa verdade é desacreditada.

De modo algum poderia o Senhor ser mais glorificado e a verdade mais altamente honrada do que os incrédulos virem que a verdade operou grande e boa obra na vida de homens naturalmente cobiçosos e mesquinhos. Caso se pudesse ver que a fé dessas pessoas exercia

influência em modelar-lhes o caráter, em mudá-los de homens avarentos, egoístas, enganadores e amantes do dinheiro em pessoas que amam praticar o bem, que buscam oportunidades de empregar seus recursos em benefício dos que necessitam disso, que visitam “os órfãos e as viúvas nas suas aflições”, e que se guardam “incontaminado do mundo” (Tg 1:27), isso seria uma prova da genuinidade de sua religião. Essa atitude permitiria sua luz resplandecer “diante dos outros, para que” vissem as “boas obras que vocês fazem e glorifiquem o Pai de vocês, que está nos céus” (Mt 5:16). Esse fruto seria para santidade, e eles se tornariam vivos representantes de Cristo na Terra. Pecadores seriam convencidos de que há na verdade um poder que eles desconhecem. Os que professam estar aguardando e vigiando o aparecimento de seu Senhor não devem desonrar sua profissão de fé, trapaceando no comércio e defendendo até o último centavo. Esses frutos não crescem na árvore cristã. [...]

Irmão I, há perigo de você perder a vida, os dons que Deus concedeu serem entregues ao diabo e você ser levado cativo à vontade dele. Consegue suportar isso? Pode, por um curto período de tempo, servir a si mesmo e amar seu dinheiro e então desfazer-se disso tudo e não ter um título para o Céu nem direito à vida eterna? Você tem uma dura luta diante de si para separar suas afeições do tesouro terreno. “Porque, onde estiver o seu tesouro, aí estará também o seu coração” (Mt 6:21). Vigiar, orar e trabalhar é o lema do cristão. Desperte, eu lhe imploro. Busque aquelas coisas que são duradouras. As coisas terrenas em breve passarão. Você está pronto para trocar um mundo pelo outro? Está formando um caráter para a eternidade? Se, no final, você se perder, saberá o que provocou sua ruína – o amor ao dinheiro. E clamará em amarga angústia: “Oh, ‘a fascinação da riqueza’! (Mc 4:19). Perdi minha vida! Eu a vendi por dinheiro. Troquei meu corpo e meu ser pelo ganho. Sacrifiquei o Céu, temendo que teria de sacrificar meu dinheiro para obtê-lo.” Do Mestre se ouvirá: “Amarrem os pés e as mãos dele e atirem-no para fora, nas trevas” (Mt 22:13). Esperamos que esse não seja seu destino. Esperamos que transfira seu tesouro para o Céu e mude suas afeições e as firme em Deus e no tesouro imortal.

Irmão J, seu caso me foi apresentado. Você ocupa uma posição de responsabilidade. Foi dotado com os talentos do dinheiro e da influência. A cada homem é dada uma obra, algo a *fazer*, não meramente para envolver mente, ossos e músculos em trabalho comum. Significa mais do que isso. Você entende essa obra de um ponto de vista mundano e tem alguma experiência no aspecto religioso. Mas por uns poucos anos tem perdido tempo e agora terá de rapidamente fazer um trabalho para redimir o passado. Possuir talentos não é suficiente. Você não deve usá-los simplesmente para obter proveito próprio, mas para honrar a Deus, que os concedeu. Tudo o que você tem é emprestado por seu Senhor, e Ele o requererá de sua mão com juros.

Cristo tem direito aos seus serviços. Você se tornou Seu servo pela graça. Não deve atender aos próprios interesses, mas aos Daquele que o empregou. Como cristão professo, você tem obrigações para com Deus. Aquilo que lhe é confiado para investimento não é sua propriedade. Se assim fosse, você poderia consultar os próprios interesses a respeito de seu uso. O capital pertence ao Senhor, e você é responsável por seu uso ou abuso. Há maneiras pelas quais esse capital pode ser investido: levá-lo aos “banqueiros” (Mt 25:27), para que possa render algo ao Senhor. Se escondido na terra, nem o Senhor nem você serão beneficiados, e perderá tudo quanto lhe foi confiado. Que Deus o ajude, meu irmão, a compreender sua verdadeira posição como servo do Senhor. Por Seu sofrimento e Sua morte, Ele pagou o salário para assegurar seu serviço voluntário e pronta obediência.

Irmão J, você pode fazer o bem. Você possui bom discernimento, e Deus o está conduzindo das trevas para a luz. Use seus talentos para a glória de Deus. Coloque-os nas mãos dos “banqueiros”, para que quando o Mestre vier, possa receber com juros o que é Seu (Mt 25:27). Rompa tudo que o prende às coisas inúteis da Terra e busque estar em contato com Deus. A salvação de pessoas traz maiores consequências do que qualquer outra coisa do mundo. Uma pessoa salva para viver por toda a eternidade, para louvar a Deus e ao Cordeiro, é de maior valor do que milhões em dinheiro. As riquezas afundam na insignificância quando comparadas com o valor das pessoas por quem

Cristo morreu. Você é um homem cauteloso e não agirá imprudentemente. Sacrifique-se pela verdade e torne-se rico para com Deus. Que o Senhor o ajude a agir o mais rápido possível e a colocar as coisas eternas na justa perspectiva.

Seus filhos carecem de uma profunda obra da graça no coração. Precisam de sobriedade e solidez de caráter. Se consagrados a Deus, podem realizar o bem e exercer influência salvadora sobre seus companheiros (T2, p. 201-207).

¹ Nota do editor: Palavra de origem aramaica que significa “riquezas”. Jesus utilizou o termo como personificação do “deus dinheiro” (ver Mt 6:24; Lc 16:13, ARC).

A RIQUEZA DO CÉU

Os que estão, de forma egoísta, retendo seus recursos não deverão surpreender-se se a mão de Deus espalhar. O que deveria haver sido dedicado ao progresso do trabalho e da causa de Deus, mas foi retido, poderá ser confiado a um filho imprudente, e ele poderá esbanjá-lo. Um cavalo magnífico, orgulho de um coração fútil, pode ser encontrado morto na estrebaria. Ocasionalmente pode morrer uma vaca. Poderá ocorrer perda de frutas ou outras culturas. O Senhor poderá espalhar os recursos que confiou aos Seus administradores, caso se recusem a usá-lo para Sua glória. Eu vi que alguns poderão não sofrer nenhum desses prejuízos que lhes façam lembrar as negligências do dever, mas seu caso poderá ser o mais sem esperança. Jesus advertiu Seu povo: “Tenham cuidado e não se deixem dominar por qualquer tipo de avareza, porque a vida de uma pessoa não consiste na abundância dos bens que ela tem.

E Jesus lhes contou ainda uma parábola, dizendo:

– O campo de um homem rico produziu com abundância. Então ele começou a pensar: “Que farei, pois não tenho onde armazenar a minha colheita?” Até que disse: “Já sei! Destruirei os meus celeiros, construirei outros maiores e aí armazenarei todo o meu produto e todos os meus bens. Então direi à minha alma: ‘Você tem em depósito muitos bens para muitos anos; descanse, coma, beba e aproveite a vida.’” Mas Deus lhe disse: “Louco! Esta noite lhe pedirão a sua alma; e o que você tem preparado, para quem será?”

– Assim é o que ajunta tesouros para si mesmo, mas não é rico para com Deus. A seguir, Jesus Se dirigiu aos seus discípulos, dizendo:

– Por isso, digo a vocês: não se preocupem com a sua vida, quanto ao que irão comer, nem com o corpo, quanto ao que irão vestir” (Lc 12:15-22). Essas advertências são dadas para benefício de todos. Eles atenderão aos conselhos dados? Darão ouvidos a essas impressionantes ilustrações de nosso Salvador e evitarão o exemplo do rico tolo? Ele tinha em abundância; assim há muitos que professam crer na verdade e estão repetindo o caso do pobre homem, rico e tolo. Ah, se pudessem ser sábios e sentissem as obrigações que sobre eles repousam para utilizarem as bênçãos que Deus lhes dá em benefício de outros, ao invés de torná-las uma maldição! Deus dirá a esses como ao rico da parábola: “Louco!”

As pessoas agem como se estivessem desprovidas de sua razão. São esmagadas pelos cuidados desta vida. Não têm tempo para dedicar a Deus, nenhum tempo para servi-Lo. Trabalhar, trabalhar, trabalhar é a ordem do dia. De todos os que os cercam é requerido trabalhar sob alta pressão para cuidar das grandes fazendas. Derrubar e construir maiores [celeiros] é sua ambição, para que possam ter onde aplicar seus bens. No entanto, essas pessoas que estão curvadas com o peso de suas riquezas passam por seguidores de Cristo. Têm o nome de crentes na breve volta de Cristo, na proximidade do fim de todas as coisas, todavia, não possuem espírito de sacrifício algum. Estão mergulhando cada vez mais profundamente no mundo. Dedicam apenas pouco tempo ao estudo da Palavra da vida, à meditação e oração e não concedem aos de sua família ou aos seus servos esse privilégio. Entretanto, professam crer que este mundo não é seu lar, que são simplesmente peregrinos e estrangeiros sobre a Terra, em preparativos de mudança para um lugar melhor. Seu exemplo e influência é maldição à causa de Deus. Tremenda hipocrisia caracteriza a vida desses cristãos professos. Amam a Deus e a verdade tanto quanto suas obras mostram e não mais. Um homem procederá de acordo com toda a fé que possui. “Pelos seus frutos vocês os conhecerão” (Mt 7:16). O coração está onde o tesouro se encontra. Seu tesouro está na Terra, e seu coração e interesses ali também.

“Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Será que essa fé pode salvá-lo? [...] Assim, também

a fé, se não tiver obras, por si só está morta” (Tg 2:14, 17). Quando aqueles que declaram ter fé mostrarem que sua vida é coerente com a fé professada, então veremos um poder auxiliando na apresentação da verdade, um poder que convencerá o pecador e atrairá corações a Cristo. Uma fé coerente é rara entre os ricos. Fé genuína, amparada por obras, raramente é encontrada. Mas todos os que a possuem serão homens a quem não faltará influência. Serão imitadores de Cristo e possuirão aquela desinteressada benevolência, aquele interesse na obra de salvar pessoas, que Ele demonstrou. Os seguidores de Cristo devem avaliar as pessoas como Ele as avaliou. Suas afinidades devem estar com a obra de seu querido Redentor, e devem se esforçar para salvar a aquisição de Seu sangue, seja qual for o sacrifício. O que é o dinheiro, o que são casas e terras em comparação com uma só alma?

Cristo fez um sacrifício pleno e completo, um sacrifício suficiente para salvar cada filho e filha de Adão que mostre arrependimento a Deus por haver transgredido Sua lei e manifeste fé em nosso Senhor Jesus Cristo. Contudo, apesar de o sacrifício ter sido amplo, poucos consentem com uma vida de obediência para que possam ter essa grande salvação. Poucos estão dispostos a imitar Suas surpreendentes privações e suportar Seus sofrimentos e perseguições e a participar de Sua fatigante labuta para conduzir outros à luz. Mas poucos seguirão Seu exemplo em fervorosa e constante oração a Deus por força para suportar as provações desta vida e cumprir os deveres diários. Cristo é o Capitão de nossa salvação e, pelos próprios sofrimentos e sacrifício, Ele deu um exemplo para todos os Seus seguidores de que vigilância, oração e perseverante esforço seriam necessários da parte deles, se quisessem representar devidamente o amor que habitava em Seu coração pela decaída humanidade. Pessoas de posses estão morrendo espiritualmente por causa da negligência do uso de recursos que Deus colocou em suas mãos para ajudar a salvar os semelhantes. Alguns, às vezes, levantam-se e resolvem que farão para si amigos com “a riqueza injusta [...] para que”, finalmente, “quando a riqueza faltar [...] sejam recebidos nos tabernáculos eternos” (Lc 16:9). Seus esforços nesse sentido não são completos. Eles começam, mas, por não estarem

vigorosa e completamente empenhados na obra, fracassam. Não são ricos em boas obras. Enquanto mantêm seu amor e apego aos tesouros terrestres, Satanás os domina.

Uma atraente perspectiva pode se apresentar para investimento em direitos de patentes ou algum outro suposto empreendimento brilhante, ao redor dos quais Satanás lança um encantamento. A possibilidade de ganhar mais dinheiro, de forma rápida e fácil, os fascina. Eles raciocinam que, embora tenham resolvido depositar esse dinheiro no tesouro do Senhor, irão usá-lo agora e o multiplicarão, dando depois uma grande soma à Causa. Eles não veem possibilidade de fracasso. Mas os recursos escapam de suas mãos, e eles logo aprendem, para seu pesar, que cometeram um erro. Suas brilhantes perspectivas se desvaneceram. As expectativas não se realizaram. Foram enganados. Satanás os venceu. Ele foi mais astuto que eles e trabalhou para que os recursos fossem postos em suas fileiras, privando assim a causa de Deus daquilo que deveria ter sido usado para expandir a verdade e salvar almas pelas quais Cristo morreu. Eles perderam tudo quanto investiram e roubaram a Deus daquilo que Lhe poderiam ter dedicado.

Aqueles a quem tem sido confiado um único talento se desculpam porque não receberam muitos talentos como os outros. Como o administrador infiel, escondem o único talento na terra. Estão temerosos de devolver o que Deus lhes confiou. Empenham-se em empreendimentos mundanos, mas investem pouco, se é que investem, na causa de Deus. Esperam que aqueles que receberam muitos talentos assumam as responsabilidades da Obra, enquanto sentem que não são responsáveis por seu progresso e sucesso.

Quando o Mestre vier para ajustar contas com Seus servos, os servos tolos reconhecerão com perplexidade: “Sabendo que o senhor é um homem severo, que colhe onde não plantou e ajunta onde não espalhou, fiquei com medo [mas medo de quê? De que o Senhor reivindicasse alguma porção do pequeno talento que lhe foi confiado] e escondi o seu talento na terra; aqui está o que é seu” (Mt 25:24, 25). Seu Senhor responderá: “Servo mau e preguiçoso! Você sabia que eu colho onde não plantei e ajunto onde não espalhei? Então você devia

ter entregado o meu dinheiro aos banqueiros, e eu, ao voltar, receberia com juros o que é meu.”

– “Portanto, tirem dele o talento e deem ao que tem dez. Porque a todo o que tem, mais será dado, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Quanto ao servo inútil, lancem-no para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes” (v. 26-30).

Muitos que possuem pouco dos bens deste mundo são representados pelo homem com um talento. Eles temem confiar em Deus. Receiam que Ele peça alguma coisa que eles reivindicam como sua. Escondem seu talento na terra, temendo investi-lo em qualquer lugar para não serem chamados a devolver os rendimentos a Deus. Em vez de pôr o talento nas mãos dos “banqueiros”, como Deus pedira, eles o enteraram ou esconderam, onde nem Deus nem seres humanos pudessem ser beneficiados por ele. Muitos que professam amar a verdade estão procedendo de igual modo. Estão enganando o próprio coração, pois Satanás os cegou. Roubando a Deus, furtam mais a si mesmos. Por causa de sua cobiça e de seu coração incrédulo, privam-se do tesouro celestial; porque têm apenas um talento, temem confiá-lo a Deus e então o escondem na terra. Assim se sentem aliviados de sua responsabilidade. Eles gostam de ver a verdade progredir, mas não cogitam que são chamados a praticar abnegação e auxiliar a Obra mediante seus esforços pessoais e recursos, embora não possuam grandes somas.

Todos devem fazer alguma coisa. O caso da viúva que deu as duas moedas está registrado para o benefício de outros. Cristo a elogiou pelo sacrifício que fez e chamou a atenção dos discípulos para sua ação: “Em verdade lhes digo que esta viúva pobre deu mais do que todos. Porque todos esses deram como oferta daquilo que lhes sobrava; esta, porém, da sua pobreza deu tudo o que possuía, todo o seu sustento” (Lc 21:3, 4). Cristo considerou sua dádiva mais valiosa do que as grandes ofertas dos mais abastados. Estes deram de sua abundância. Não sentiriam a menor privação por causa de suas ofertas. Mas a viúva absteve-se mesmo do necessário para viver a fim de oferecer sua pequena oferta. Ela não podia ver como suas carências futuras seriam supridas. Não tinha marido para prover-lhe as necessidades.

Confiou em Deus para o dia seguinte. O valor da oferta não é estimado tanto por seu montante, como pela proporção e o motivo que a impele. Quando Cristo vier, e com Ele “está a recompensa”, retribuirá “a cada um segundo as suas obras” (Ap 22:12) (T2, p. 536-540).

INVESTIMENTO SEGURO

Prezado irmão N, fiquei muito preocupada com seu caso, desde que nos encontramos na campal de Tipton. Eu quase não podia deixar de me dirigir a você pessoalmente, enquanto falava ao povo sobre as palavras de Cristo: “Não acumulem tesouros sobre a terra, onde as traças e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntem tesouros no céu, onde as traças e a ferrugem não corroem, e onde ladrões não escavam, nem roubam. Porque, onde estiver o seu tesouro, aí estará também o seu coração” (Mt 6:19-21).

Lembro-me de sua fisionomia como alguém que me foi mostrado em visão um tempo atrás. Julgava ser seu dever pregar a Palavra a outros, mas seu exemplo atual impediria as pessoas de aceitarem a verdade, muito mais do que convertê-las. Professava crer na mais solene e decisiva mensagem; no entanto, sua fé não é sustentada por obras. Você tem a verdade em teoria, mas não foi convertido por ela. A verdade não tomou plena posse de seu coração nem foi aplicada à vida diária.

Você necessita converter-se, transformar-se “pela renovação da mente” (Rm 12:2). Quando a verdade tomar posse de seu coração, realizará uma reforma na vida. O mundo descrente será então convencido de que há poder na verdade que realizou tão grande mudança em um homem tão amante do mundo quanto você. O irmão ama este mundo. Seus tesouros estão aqui, e seu coração está neles. A menos que o poder da verdade afaste suas afeições do seu deus, que é este mundo, você perecerá junto de seus tesouros.

Você tem pouca percepção do elevado caráter da obra para estes últimos dias e não tem feito sacrifício algum pela verdade. Possui um

espírito estreito e avaro e tem fechado os olhos às necessidades dos carentes e aflitos. Sua compaixão não foi despertada para aliviar as necessidades dos oprimidos, nem tem o coração motivado a ajudar a causa de Deus com seus recursos ou atender as necessidades dos sofredores. Seu coração está apegado aos tesouros terrenos. A menos que vença esse amor pelas coisas do mundo, você não terá lugar no reino do Céu.

O mestre da lei perguntou a Jesus o que devia fazer para herdar a vida eterna. Jesus referiu-lhe os mandamentos de Seu Pai, dizendo-lhe que a obediência a eles era necessária para a salvação. Cristo lhe disse que ele conhecia os mandamentos e que, se lhes obedecesse, teria vida. Note sua resposta: “Mestre, tudo isso tenho observado desde a minha juventude” (Mc 10:20). Jesus contemplou esse enganado jovem com piedade e amor. Ele estava prestes a revelar-lhe que havia uma falha sua em guardar, de coração, os mandamentos, que tão confiantemente afirmava obedecer. Jesus lhe disse: “Só uma coisa falta a você: vá, venda tudo o que tem, dê o dinheiro aos pobres e você terá um tesouro no céu; depois, venha e siga-me” (v. 21).

Jesus chamou a atenção desse jovem diretamente para o defeito de seu caráter e menciona Sua vida de abnegação e submissão. Ele havia deixado tudo pela salvação humana e solicitou ao jovem que viesse e imitasse Seu exemplo, assegurando-lhe que teria um tesouro no Céu. Por acaso o coração do jovem saltou de alegria diante da afirmação de que teria um tesouro no Céu? Não! Seus tesouros terrestres eram seu ídolo. Eles ocultavam o valor da herança eterna. Ele se afastou da cruz, da vida de autossacrifício do Redentor e voltou-se para este mundo. Tinha um hesitante desejo pela herança eterna; contudo, relutantemente, voltou-lhe as costas. Foi uma luta decidir o que escolher, mas, finalmente, optou em continuar amando seus tesouros terrestres.

Esse jovem tinha muitos bens, e seu coração estava neles. Ele não podia consentir em transferir seus tesouros para o Céu, afastando deles as afeições, usando-os para fazer o bem – ajudando as viúvas e os órfãos e, assim, tornando-se rico em boas obras. O amor desse jovem pelas riquezas era muito mais forte que seu amor pelos semelhantes e pela herança imortal. A escolha foi feita. O incentivo feito por

Cristo, de assegurar um tesouro no Céu, foi rejeitado, pois o jovem não concordou em cumprir as condições. O poder de suas afeições pelas riquezas terrenas triunfou, e o Céu, com toda a sua atraente glória, foi sacrificado pelos tesouros do mundo. O jovem retirou-se triste, pois queria ambos os mundos, mas ele sacrificou o celestial pelo terreno.

Poucos compreendem a força de seu amor às riquezas, até que venham provações sobre eles. Muitos que professam ser seguidores de Cristo mostram então que não estão preparados para o Céu. Suas obras testificam que amam mais as riquezas do que o próximo ou a Deus. Como o jovem rico, perguntam pelo caminho da vida, mas, quando a senda lhes é apontada, o custo avaliado e se convencem de que precisam sacrificar suas riquezas terrenas e se tornarem ricos em boas obras, decidem que o Céu é muito caro. Quanto maiores os tesouros acumulados na Terra, mais difícil é para o possuidor compreender que eles não são seus, mas emprestados para serem usados para a glória de Deus.

Jesus aproveitou a oportunidade para dar aos Seus discípulos uma impressionante lição: “Então, disse Jesus a Seus discípulos: – Em verdade lhes digo que um rico dificilmente entrará no Reino dos Céus. E ainda lhes digo que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus” (Mt 19:23, 24).

Aí está a força das riquezas. O poder do amor às riquezas sobre a mente humana é quase paralisante. A fortuna cega a muitos e os faz agir como se estivessem desprovidos da razão. Quanto mais possuem deste mundo, mais desejam. Seus temores de futuras necessidades aumentam com as riquezas. Têm a tendência de acumular recursos para o futuro. São mesquinhos e egoístas, temendo que Deus não lhes supra as necessidades vindouras. Essas pessoas são realmente pobres para com Deus. Como suas riquezas têm aumentado, põem a confiança nelas e não têm fé em Deus e em Suas promessas.

O homem pobre que tem fé e confiança em Deus, que confia em Seu amor e cuidado e que é rico em boas obras, usando prudentemente o pouco que possui em abençoar a outros, é rico para com Deus. Sente que seu semelhante tem reivindicações sobre ele, as quais não pode

desrespeitar sem desobedecer ao mandamento de Deus: “Ame o seu próximo como você ama a si mesmo” (Mt 22:39). O pobre que é rico diante de Deus considera de maior importância a salvação dos semelhantes do que todo o ouro e a prata deste mundo.

Cristo aponta o caminho no qual aqueles que têm riquezas mundanas e, no entanto, não são ricos para com Deus, podem assegurar verdadeiras riquezas. Ele diz: “Se você quer ser perfeito, vá, venda os seus bens, dê o dinheiro aos pobres e você terá um tesouro nos céus; depois, venha e siga-me” (Mt 19:21). O remédio que Ele propõe ao rico é uma transferência das afeições das riquezas terrenas para a herança imortal. Pelo investimento de recursos na causa de Deus, para ajudar na salvação de pessoas e abençoar os necessitados, podem tornar-se ricos em boas obras e acumular “para si mesmos um tesouro que é sólido fundamento para o futuro, a fim de tomarem posse da verdadeira vida” (1Tm 6:19). Este se comprovará um investimento seguro. Mas muitos mostram por suas obras que não ousam confiar no banco celestial. Escolhem confiar seus recursos à Terra em vez de enviá-los ao Céu, para que seu coração possa estar no tesouro celestial.

Meu irmão, você tem diante de si uma obra a fazer: empenhar-se em vencer a cobiça, o amor às riquezas mundanas e, especialmente, a confiança própria, porque tem tido evidente sucesso em acumular as coisas deste mundo. Pobres homens ricos, professando servir a Deus, são dignos de piedade. Enquanto professam conhecer o Senhor, eles O negam em suas obras. “Portanto, se a luz que existe em você são trevas, que grandes trevas serão!” (Mt 6:23). Afirmam ter fé na verdade, mas suas obras não correspondem à sua religião. O amor às riquezas os torna egoístas, exigentes e arrogantes. Riqueza é poder, e frequentemente o amor a ela corrompe e neutraliza tudo o que é nobre e divino no ser humano.

As riquezas trazem consigo grandes responsabilidades. Obtê-las mediante comércio injusto, enganando nos negócios, oprimindo as viúvas e os órfãos, ou acumulando bens e negligenciando as necessidades dos pobres, trarão finalmente a justa retribuição descrita pelo inspirado apóstolo: “Escutem, agora, ricos! Chorem e lamentem, por

causa das desgraças que virão sobre vocês. As suas riquezas apodreceram, e as suas roupas foram comidas pelas traças. O seu ouro e a sua prata estão enferrujados, e essa ferrugem será testemunha contra vocês e há de devorar, como fogo, o corpo de vocês. Nestes tempos do fim, vocês ajuntaram tesouros. Eis que o salário dos trabalhadores que fizeram a colheita nos campos de vocês e que foi retido com fraude está clamando; e o clamor dos que fizeram a colheita chegou aos ouvidos do Senhor dos Exércitos” (Tg 5:1-4).

Os mais humildes e pobres dos verdadeiros discípulos de Cristo, que são ricos em boas obras, são mais abençoados e mais preciosos à vista de Deus do que aqueles que se gloriam de suas grandes riquezas. Eles são mais honrados nas cortes celestiais do que os mais exaltados reis e nobres que não são ricos para com Deus.

O apóstolo Paulo exortou a Timóteo a advertir os ricos: “Exorte os ricos deste mundo a que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para o nosso prazer. Que eles façam o bem, sejam ricos em boas obras, generosos em dar e prontos a repartir; ajuntando para si mesmos um tesouro que é sólido fundamento para o futuro, a fim de tomarem posse da verdadeira vida” (1Tm 6:17-19). Essa admoestação é aplicável a você, irmão N, e a muitos que professam crer na verdade para estes últimos dias.

Aqueles que acumulam recursos ou investem muito em terras, enquanto privam suas famílias dos confortos da vida, agem como insensatos. Esses não permitem que os de sua família usufruam as coisas que Deus ricamente lhes tem concedido. Apesar de possuírem grandes posses, suas famílias são frequentemente compelidas a trabalhar além de suas forças, para economizar mais recursos a serem acumulados. Cérebro, ossos e músculos são sobrecarregados quase ao máximo a fim de acumularem recursos, e a religião e os deveres cristãos são menosprezados. Trabalho, trabalho, trabalho é a ambição, desde o amanhecer até a noite.

Muitos não manifestam um sincero desejo de conhecer a vontade de Deus e compreender Sua vontade sobre eles. Os que procuram

ensinar a verdade a outros não obedecem à Palavra de Deus. Quanto mais mestres desse tipo a causa de Deus tem, menos próspera ela será.

A maioria daqueles a quem o Senhor confiou riquezas não percebe que está trabalhando contra os próprios interesses eternos, por reter de forma egoísta suas riquezas. O apóstolo lhes mostra que, tornando-se ricos em boas obras, estão trabalhando para si mesmos. Estão depositando para si, acumulando no Céu um tesouro para a vida eterna. Ao distribuir para atender às necessidades da Causa e ajudar os necessitados, estão fazendo fielmente a obra que Deus lhes designou, e um memorial de sua abnegação, generosidade e atos de amor será escrito no livro do Céu. Todo ato de justiça será immortalizado, embora aquele que o pratica não sinta que fez alguma coisa digna de atenção. Se o andar diário daqueles que professam a verdade fosse uma cópia viva da vida de Cristo, a luz que deles brotaria conduziria outros ao Redentor. Apenas no Céu serão amplamente avaliados os benditos resultados de uma vida coerente, harmoniosa e piedosa em favor da salvação de outros (T2, p. 549-552).